



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS – CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA – PPGEDUC
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO
LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGEM**

GILMA GUIMARÃES LISBOA

PELAS MÃOS DE CLARICE

O desabrochar da experiência literária na Sala de Leitura Clarice Lispector

**Cametá-Pará
2018**

GILMA GUIMARÃES LISBOA

PELAS MÃOS DE CLARICE

O desabrochar da experiência literária na sala de leitura Clarice Lispector

Texto de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Linguagem, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa

**Cametá-Pará
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L769m Lisboa, Gilma Guimarães

Pelas mãos de Clarice : o desabrochar da experiência literária na sala de leitura Clarice Lispector / Gilma Guimarães Lisboa. — 2018
153 f. : il. color

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), Campus Universitário de Cametá, Universidade Federal do Pará, Cametá, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa

1. Leitura - Experiência. 2. Literatura. 3. Escola Básica. 4. Clarice Lispector. I. Costa, Gilcilene Dias da ,
orient. II. Título

CDD 372.4098115

GILMA GUIMARÃES LISBOA

PELAS MÃOS DE CLARICE

O desabrochar da experiência literária na sala de leitura Clarice Lispector

Texto de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Linguagem, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura.

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Gilcilene Dias da Costa (Orientadora - PPGEDUC)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Profª. Dra. Josebel Akel Fares (Membro Externo - PPGED)
Universidade Estadual do Pará – UEPA

Prof. Dr. Luís Heleno Montoril Del Castilo (Membro Externo - PPGL)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda (Membro Interno - PPGEDUC)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dr. Cezar Luís Seibt (Suplente Interno - PPGEDUC)
Universidade Federal do Pará – UFPA

Data da Defesa: 27 de março de 2018. Hora: 15:00 Local: Sala 01 do PPGEDUC

A Ti meu Deus dedico o que fui, sou e serei. Bem sei que com tuas mãos estendidas me acalmas e que no teu colo encontro aconchego. Obrigada Senhor pela família que me confiastes. Pois ela é o meu sustento, meu porto seguro. Ao meu esposo, meus filhos, netos, nora e genro, presentes que recebi de Tuas mãos; à minha mãe, mulher de força sem tamanho e ao meu pai (in memoriam), homem que acreditava ser possível mudar o mundo através da educação, dedico meus estudos.

Assim,

“Não preciso mais pedir: Deus dá [...]. Alguma coisa me tocou no ombro e me chamou e eu não reconheci que era Deus e tive medo da grande solidão e do grande silêncio que se abrem na alma quando esta vai recebê-lo. Eu tive medo da minha própria grandeza simples de pessoa humana” (LISPECTOR, Um Sopro de Vida).

AGRADECIMENTOS

Estou aqui na frente, não de uma máquina da datilografia como Clarice, mas de um notebook esperando por uma inspiração para traçar meus singelos agradecimentos. Aí...lembro-me de que minha vida sempre foi um mistério para mim. Nunca me compreendi e nem compreendi os traçados que Deus rabiscava no livro de minha existência. Eram tantos encontros e desencontros que ficava difícil imaginar-me agora... aqui... buscando palavras para agradecer aos que me ajudaram nesse caminhar do mestrado.

Sei bem que Clarice me ajudou nesta travessia. Ao ler suas obras percebi-me mais forte para enfrentar a vida. Por isso meus especiais agradecimentos serão expostos por meio de citações clariceanas.

Agradeço ao meu amado esposo Rivaldo, com quem redescobri a amar, *“porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões é que se ama verdadeiramente”* (LISPECTOR, *Aprendendo a viver*).

Aos meus filhos (Nonato, Marcos, Karolinni, Giovani e Pedro Henrique), as maiores e melhores escolhas da minha vida. Com eles aprendi a errar e a acertar na minha caminhada e a acreditar que sou capaz de amar e ser amada. Então, peço-lhes: *“Sonhe com o que você quiser. Vá para onde você queira ir. Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só temos uma chance de fazer aquilo que queremos. Tenha felicidade bastante para fazê-la doce. Dificuldades para fazê-la forte. Tristeza para fazê-la humana. E esperança suficiente para fazê-la feliz”* (LISPECTOR, *Sonhe*).

Aos meus pais Antônio (in memoriam) e Leodomira, só compreendi a dimensão do amor de vocês quando fui mãe. E sei o quanto foi difícil compreender minhas escolhas, meus erros e acertos. *“Sei que meus pais me perdoaram por eu ter nascido em vão e tê-los traído na grande esperança. [...] A vida me fez de vez em quando pertencer, como se fosse para me dar a medida do que eu perco não pertencendo. E então eu soube: pertencer é viver”* (LISPECTOR, *Pertencer*).

Às minhas amadas noras Rose, Bianca e Beatriz; ao meu genro Wendell; à minha netinha Giovanna e ao meu netinho Gael: *“Que felicidade podemos encontrar um dia num coração que pulse junto ao nosso, irmanados nas doçuras e agruras da vida”* (LISPECTOR, *Para não esquecer*). Através de vocês me vejo eternizar.

À minha amiga-irmã Marcilene Oliveira sempre solícita a me ouvir e compreender meus temores e sempre com um sorriso ler e reler meus escritos: *“Como uma amiga chegamos a um tal ponto de simplicidade e liberdade que às vezes eu telefono e ela responde: não estou com vontade de falar. Então digo até logo e vou fazer outra coisa”* (LISPECTOR, *A descoberta do mundo*). Assim são os amigos... apenas amigos... nada mais.

À Viviane, minha amada Vivi, que me impulsionou rumo ao Mestrado... *“Vá! Faça! Acredito na senhora”*. E eu fui e aqui estou para retribuir o carinho: *“Aceito o risco. Aceitei risco bem maior, como todo mundo que vive [...] Sempre tive um profundo senso de aventura...”* (LISPECTOR, *Crônicas para jovens de escrita e vida*). Nossos corações são conectados pelo amor.

À minha orientadora e amiga, Profª Dra. Gilcilene Dias da Costa, que me permitiu reencontrar com Clarice e experimentar novas sensações e ir em busca de novos caminhos, deixando-me livre para reescrever minha história e agora não sou mais a mesma. *“Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! (...), Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é os outros”* (LISPECTOR, *A descoberta do mundo*).

“Ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam” (LISPECTOR, *A hora da estrela*). Aos meus poucos amigos, que são anjos em minha vida, Rosana, Sóstenes, José Alves, Wilma, Lampa, Salete, Miriam, Vicente, Nonato, Téó, Edenilson, Jessé, Silvane, Lene. Obrigada por me fazerem pertencer.

Um agradecimento especial aos meus parceiros de caminhada:

Aos meus professores do Mestrado pelo aprendizado e carinho. Especialmente os Professores Valdinei Miranda e Celeste Pinto, pessoas de inteligência e humildade ímpar.

Aos professores da banca examinadora de Qualificação e Defesa, que me ajudaram a ver Clarice e a literatura por outras lentes.

À Escola Simão Jatene pela acolhida à pesquisa e em especial aos alunos que não se intimidaram diante de Clarice; aos bolsistas do projeto PIBIC/UFGA coordenado pela professora Gilcilene (Ademilton, Jonatas, Cleane e Fabíola) pelo trabalho coletivo realizado; à Coordenação da escola, à Professora de Língua Portuguesa Inêz dos Praseres, ao escritor Salomão Laredo pelas doações de obras literárias, pessoas maravilhosas que me permitiram caminhar com a pesquisa *“Quem me acompanhem: a caminhada é longa, é sofrida, mas é vivida”* (LISPECTOR, *Água viva*).

O que te escrevo continua e estou enfeitada.
(LISPECTOR, Água viva)

RESUMO

Nesta pesquisa o propósito principal foi analisar experiências de leitura literária com estudantes frequentadores da Sala de Leitura Clarice Lispector da Escola Estadual de Ensino Médio Simão Abraão Jatene, na cidade de Cametá-PA. Especificamente buscou-se construir pontes e experiências de sentidos entre os leitores e o universo literário; cartografar os processos das experiências de leituras literárias nas atividades leitoras dos alunos e analisar as ressonâncias da leitura do texto clariceano às experiências formativas desses leitores. Para o desenvolvimento deste estudo articularam-se, especialmente, os conceitos de leitura, experiência e sentido a partir de Jorge Larrosa em “Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas” (2015), “Linguagem e educação depois de Babel” (2004) e “Tremores: escrito sobre experiência” (2016), entrelaçados ao universo literário clariceano. A pesquisa baseou-se nas pistas do método da cartografia na perspectiva de Deleuze e Guattari, por meio da obra “Mil Platôs” (1995), e de Passos, Kastrup, Tedesco e Escóssia por meio das obras “Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade” (2015) e “Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum” (2016). Nesse processo teórico-prático, o resultado da investigação demonstrou que o encontro do leitor com a potência das obras de Clarice provocou uma abertura à palavra literária, por processos subjetivos e artísticos. As obras clariceanas ganharam vida ao serem lidas para e pelos alunos naquele espaço. Ao apresentar Clarice por meio de documentários, curta metragens, leituras de obras, apresentações teatrais, ensaios, performances e recitações de textos, a Sala de Leitura foi sendo povoada literariamente para além de sua função instrumental. Neste ínterim, as atividades realizadas neste cenário poético, entre outros propósitos, desenvolveram estratégias de ensino, de reflexão, de produção de subjetividades, que buscou um encontro da escritora com o leitor, da obra com a descoberta do mundo, que às vezes passa pelo despertar subjetivo conectado ao mundo exterior do aluno. Percebeu-se que as estratégias cartográficas da pesquisa – realizadas nos segundos semestres dos anos 2016 e 2017 – propiciaram a exposição de temas que despertaram nos alunos o prazer pela leitura, o pensar, a descoberta do inusitado, o drama existencial que afeta qualquer ser humano. Na reflexão decorrente das atividades de leitura e interação por meio de conversas, os leitores destacaram um movimento vivo de dor, de alegria, de vivências pessoais que os remeteram a uma busca de sentidos de si mesmos em relação ao outro e ao mundo. Clarice passou da estrangeira, que apenas nomeava a sala de leitura, a fazer parte do universo literário dos estudantes, compartilhando inquietudes, angústias, sonhos, ressonâncias poéticas, desejos e descobertas que provocaram no leitor sensações múltiplas e múltiplos pensares. O desafio das ações realizado na Sala de Leitura era permitir que a leitura literária ressoasse em cada leitor. Apresentar Clarice aos alunos foi instigador, pois mesmo existindo uma Sala de Leitura com nome dela, não era povoada poeticamente, assumindo apenas a função de um espaço para leituras esporádicas, consulta ou passatempo, não visava o desabrochar para a literatura.

Palavras-chave: Leitura - Experiência. Literatura. Escola Básica. Clarice Lispector.

ABSTRACT

In this research the main purpose has to analyze experiences of literary reading with student goers in Reading Room Clarice Lispector, of the Simão Abraão Jatene State High School, in the city of Cametá-PA. Specifically, we sought to build bridges and sense experiences between readers and the literary universe; to cartograph the processes of the experiences of literary readings in the reading activities of the students and to analyze the reading resonances of the Clarice's text to the formative experiences of these readers. For the development of this study were articulated, especially, the concepts of reading, experience and sense, starting from Jorge Larrosa in "Profane Pedagogy: dances, pirouettes and masquerades" (2015), "Language and education after Babel" (2004) and "Tremors: writing about experience" (2016), intertwined with the literary universe of Clarice. The research was based on the clues of the cartography method from the perspective of Deleuze and Guattari, through the work "Thousand Plateaus" (1995), and of Passos, Kastrup, Tedesco and Escóssia by means of the works "Clues of the cartography method: research-intervention and production of subjectivity" (2015) and "Clues of the cartography method: the research experience and the common plan" (2016). In this theoretical-practical process, the research result demonstrated that the encounter of the reader with the power of the Clarice's works caused an opening to the literary word, by subjective and artistic processes. The Clarice's works came to life after being read to and by the students in that space. By presenting Clarice by means of documentaries, short films, readings of works, theatrical presentations, essays, performances and recitations of texts, the Reading Room was being populated of literary way beyond its instrumental function. In the meantime, the activities carried out in this poetic scenario, among other purposes, developed strategies of teaching, reflection, and production of subjectivities, which sought a meeting of the writer with the reader, of the work with the discovery of the world, which sometimes passes through subjective awakening connected to the outside world of the student. It was perceived that the cartographic strategies of the research - realized in the second semesters of the years 2016 and 2017 - propitiated the exposition of themes that awoke in students the pleasure of reading, the think, the discovery of the unusual, the existential drama that affects any human. In the reflection resulting from the activities of reading and interaction through conversations, the readers highlighted a living movement of pain, joy and personal experiences that sent them to a search of senses of themselves in relation to the other and to the world. Clarice passed from the foreigner who only named the reading room to be part of the literary universe of the students, sharing restlessnesses, anguishes, dreams, poetic resonances, desires and discoveries that provoked in the reader multiple sensations and multiple thoughts. The challenge of the actions realized in the Reading Room was to let literary reading resonate with each reader. Introducing Clarice to the students was instigator, for even if there was a reading room with her name, it was not poetically populated, assuming only the function of a space for sporadic readings, consultation, or pastime, was not intended to unleash literature.

Keywords: Clarice's reading. Literature. Reading room. Subject-reader.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - À esquerda e à direita, alunos do projeto de revitalização da Sala de Leitura Clarice Lispector.....	23
Imagem 2 - Alunos, à esquerda, ensaiando e, à direita, apresentando a peça teatral <i>Morte e Vida Severina</i> , de João Cabral de Melo Neto.....	25
Imagem 3 - Aluna atuando na peça <i>Felicidade Clandestina</i> de Clarice Lispector.....	42
Imagem 4 - Leitura do conto <i>Feliz aniversário</i> com os alunos para a apresentação da performance.....	51
Imagem 5 - Apresentação da performance do conto <i>Feliz aniversário</i>	53
Imagem 6 - Performance do texto <i>Sou uma pergunta</i> de Clarice Lispector.....	55
Imagem 7 - Hora do recreio. Momento no qual os alunos aproveitam para iniciar ou continuar a leitura de alguma obra.....	57
Imagem 8 - Fachada da frente da Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene.....	59
Imagem 9 - A hora do conto – Leitura do conto <i>Praça Mauá</i> de Clarice Lispector pelo bolsista Ademilton Filocreão.....	61
Imagem 10 - Narração da obra <i>A hora da estrela</i> de Clarice Lispector pela bolsista Cleane Baía.....	64
Imagem 11 - Apresentação da peça teatral <i>Felicidade Clandestina</i> de Clarice Lispector.....	72
Imagem 12 - Semana clariceana – apresentação teatral e performances clariceanas.....	74
Imagem 13 - À esquerda, os estudantes encenam a peça baseada no conto <i>Felicidade Clandestina</i> e à direita alunas encenando a peça teatral <i>A hora da estrela</i>	78
Imagem 14 - Alunas solicitando empréstimos das obras de Clarice Lispector.....	81
Imagem 15 - Participação dos alunos na Peça teatral adaptada <i>A hora da estrela</i> (Olímpico e Macabea)	85
Imagem 16 - Oficina de pintura da área externa da Sala de Leitura Clarice Lispector.....	89

Imagem 17 - Cine Clarice – Alunos assistindo o curta metragem <i>A hora de estrela</i>	90
Imagem 18 - Autorretrato de Clarice Lispector pintado pelo aluno Silvio na área externa da Sala de Leitura.....	91
Imagem 19 - Café literário com o professor e escritor cametaense Haroldo Barros.....	93
Imagem 20 - Roda de conversa sobre experiências literárias com a Prof ^a Dr ^a Gilcilene Dias da Costa (UFPA).....	94
Figura 21 - Divulgação da edição especial Clarice Lispector do Jornal Escolar <i>Simão News</i>	95
Imagem 22 - Hora do conto. Aluno do CIEBT (Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins) lendo o conto <i>O tempo</i> de Clarice Lispector.....	97
Imagem 23 - Leitura da obra <i>O Mistério do coelho pensante</i> de Clarice Lispector.....	101
Imagem 24 - Cine Literário: Alunos à esquerda assistindo ao documentário <i>Só 10% é mentira</i> e, à direita participando da oficina de origami	102
Imagem 25 - Performance poética de escritos de Manoel de Barros.....	104
Imagem 26 - Apresentação da performance do conto <i>Feliz aniversário</i> de Clarice Lispector.....	107
Imagem 27 - Aluna atuando como Dona Anita na performance do conto <i>Feliz Aniversário</i> de Clarice Lispector.....	108
Imagem 28 - Ensaio para apresentação da performance do conto <i>Feliz aniversário</i> de Clarice Lispector.....	109
Imagem 29 - Performance da turma M1TR01 sobre preconceito e gênero baseada na obra de Chico Buarque <i>Geni e Zepelim</i>	116
Imagem 30 - Dinâmica de reescrita do conto <i>Uma galinha</i> de Clarice Lispector.....	119
Imagem 31 - Ensaio da performance <i>O Triunfo</i> de Clarice Lispector.....	121
Imagem 32 - Pintura de Clarice Lispector: <i>O Pássaro da Liberdade</i>	124
Imagem 33 - Pintura de Clarice Lispector <i>O Medo</i>	125
Imagem 34 - Pintura de Clarice Lispector <i>Luz e escuridão</i>	126

Imagem 35 - Alunos montando o cenário para apresentação teatral da obra <i>A vida íntima de Laura</i> de Clarice Lispector.....	129
Imagem 36 - Ensaio dos alunos para a apresentação da peça <i>A vida íntima de Laura</i> de Clarice Lispector.....	130
Imagem 37 - Alunos aguardando as apresentações das obras de Clarice Lispector e Manoel de Barros.....	131
Imagem38 - Apresentação teatral da obra <i>A vida íntima de Laura</i> de Clarice Lispector.....	132
Imagem 39 - Performance dos alunos da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Entrevistando Clarice.....	134

SUMÁRIO

1 INQUIETAÇÕES INICIAIS DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA.....	14
1.1 (Re) encontrando Clarice.....	18
1.2 (Re) aproximações clariceanas no ambiente escolar	20
1.3 Caminhos do pesquisar <i>com</i> Clarice.....	27
2 UMA AVENTURA NO “PAÍS” DA LITERATURA	38
2.1 Literatura e libertação	47
3 O DESABROCHAR MOVENTE DA LITERATURA NA SALA DE LEITURA CLARICE LISPECTOR.....	57
3.1 Situando a escola e a sala de leitura Clarice Lispector	58
3.2 Os passos da pesquisa na escola	67
3.3 Clarice... Primeiro encontro...	75
3.4 A semana clariceana.....	87
4 OUTROS DESABROCHARES... O SEGUNDO ENCONTRO....	98
4.1 De conto em conto... Clarice caminha.....	112
4.2 Um retorno... Um plano... Um reencontro...	120
4.3 A semana literária	127
5 PALAVRAS (SEM) FINAIS	137
REFERÊNCIAS	142
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido- (TCLE)	146
APÊNDICE B - Cronograma das ações realizadas na Sala de Leitura Clarice Lispector nos anos 2016/2017	147
APÊNDICE C - Obras de Clarice que foram compradas	148
APÊNDICE D - Obras de Clarice emprestadas 2016 e 2017.....	149
ANEXO A – Ofício à Escola Simão Jatene	151
ANEXO B – Folder da semana Clariceana/2016.....	152
ANEXO C – Folder da semana literária/2017	153
ANEXO D – Carta de anuência para autorização de pesquisa.....	154

1 INQUIETAÇÕES INICIAIS DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA

*Dá-me a tua mão:
Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a
minha busca cega e secreta.
(LISPECTOR, 2009, p.8)*

“Dá-me a tua mão...”, pede Clarice Lispector ao leitor. Segurar nas mãos de Clarice exige coragem e entrega, sobretudo porque Clarice não poupa o leitor da dor de existir, do desamparo de estar no mundo sem garantias e sem reservas, assim como, por meio da leitura de suas obras, as feridas da alma -inflamadas de angústia, incompreensão e desespero - são abertas, mexidas. Clarice, por meio de sua literatura, permite-nos encontros harmoniosos, alegrias, nós na garganta, arrepios e reflexões. Pelas mãos de Clarice somos apresentados a um mundo conduzido por sua sensibilidade; e sua escrita desvela o encontro de olhares e mundos e há um espaço para refletir com o outro e também uma habilidade em nos afetar.

Esse gesto de Clarice estender a mão pode ajudar a nascer o leitor, um outro leitor, que já não será o mesmo depois de se deixar ser conduzido por ela. Clarice é esta que vai me conduzir e me apontar um caminho inexpressivo, incerto, escuro, inseguro.

Ao mesmo tempo que somos conduzidos pelas mãos de Clarice rumo ao desconhecido da leitura, assim também pelas mãos e lentes do leitor ela nasce e renasce constantemente, pois ela também é vulnerável e se deixa conduzir pelo leitor e tenta conduzi-lo ao gosto literário, a inquietude literária da vida. Clarice só nasce quando o leitor a desperta “Você que me lê me ajude a nascer” (LISPECTOR, 1999c, p.33), esse grito ecoa em suas obras e continua a repercutir em seus leitores. Esse apelo poderá ajudar a nascer o leitor, um outro leitor, que já não será o mesmo depois de se deleitar nas obras clariceanas.

O leitor que adentra os textos de Clarice jamais sai do mesmo modo que entrou. Não se lê Clarice impunemente, pois ela provoca no outro uma espécie de quebra de hábitos, do conhecido. Ela toca o leitor causando-lhe estranhamento. Para a aluna Débora¹ “Ela (Clarice) desperta interesse em histórias simples e como se ela escrevesse sobre ela mesma e sobre todos nós... engraçado isso. Ela não inventa personagens. Ela não muda a história. Ela é diferente”.

¹ Os nomes dos jovens entrevistados são fictícios, visando preservar suas identidades.

Clarice propõe ao leitor rever o mundo. A ter esse olhar de estranhamento diante das coisas. Não assopra nossas amarguras, pelo contrário, nos coloca em confronto com elas. Exprime através de suas obras as agruras e antinomias do ser.

Assim, segurando nas mãos de Clarice, como uma criança que segura nas mãos de seus pais para se equilibrar e se sentir amparado, caminhei nesta pesquisa em busca de respostas para as minhas indagações.

Há tempos questiono-me a respeito das leituras dos alunos nas aulas. Nos 25 anos dedicados à educação na área de linguagens nas redes Estadual e Municipal de ensino em minha cidade, Cametá-PA, sempre pensava em buscar estratégias que despertassem o “hábito de leitura” nos alunos. Inquietaram-me as dificuldades que os alunos apresentavam acerca da leitura, pois era latente a indiferença deles aos livros, fosse de qualquer natureza.

Sempre fui enredada pela importância do professor/leitor na formação dos alunos. Buscava trabalhar com eles os poucos livros de literatura disponíveis em meu pequeno acervo. Nos dias de leitura trazia para lermos em sala de aula alguns contos da literatura infanto-juvenil e quase sempre os transformávamos em pequenas peças teatrais, algumas vezes apresentadas no pátio da escola. Tudo muito simples, mas de grande relevância para os nossos primeiros passos rumo à leitura significativa, pois percebia ali um espaço para formar leitores.

Assim, durante todo o meu percurso profissional, buscava fazer com que os alunos percebessem meu encanto pelos livros. Realizava pequenos projetos de leitura. As aulas sempre começavam com a declamação de algum poema. Organizávamos rodas de conversas sobre determinada obra, líamos e compartilhávamos nossas opiniões. Ouvia as histórias que eles traziam para serem contadas no *Hoje é dia de Contação*².

Recordo-me dos pequeninos de 5^a e 6^a séries (antiga referência ao Ensino Fundamental), pequenos leitores que se entregavam às pequenas ações de leitura que realizava com eles. Lembro-me de que, a cada atividade de leitura realizada no espaço escolar, ficava a observar o contato e as reações dos alunos com a literatura – gostos, referências, jeitos de ler etc. Aquelas “aulas diferentes”, fora da sala de aula eram momentos em que minhas reflexões buscavam estratégias para adentrar o aluno no mundo da leitura e aflorar ainda mais.

²Projeto de leitura desenvolvido com os alunos da escola municipal (E.M.E.F. Santa Terezinha/2016), que objetivava incentivar a leitura e oralidade deles a partir de relatos trazidos por eles. Eram histórias, na sua maioria tristes, pois eles relatavam em meio a fantasia, suas realidades e quase sempre nada boa, pois a violência fazia parte do cotidiano deles.

Paralelo ao Ensino Fundamental trabalhava com os alunos do Ensino Médio. Nessa modalidade percebia uma dificuldade de aceitação bem maior dos alunos com a leitura, pois sempre foi uma estratégia de ensino bem distante deles. Pouco ou quase nada eu fazia para incentivá-los a ler, muitas vezes atribuía a isso uma carga-horária de trabalho intensa ou o desânimo por não saber como conquistá-los, pois trabalhar com adolescentes e adultos requer certos detalhes mais atenciosos. Mesmo assim procurava em minhas aulas trabalhar poemas, crônicas, contos e assim lhes apresentar o mundo literário.

Desde 2006, lotada na Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene, ministrou as disciplinas Língua Portuguesa e Literatura nos turnos da manhã e tarde. Entretanto, no ano de 2012, preocupada em atender essa dificuldade e indiferença notadas no cotidiano de sala de aula, elaborei um projeto de leitura para ser desenvolvido na Sala de Leitura da Escola, pois este espaço permanecia sempre fechado, especialmente em decorrência da ausência de profissionais que pudessem atuar naquele ambiente. O projeto foi enviado à Secretaria Estadual de Educação (SEDUC) para aprovação. Conseqüentemente, comecei a delinear atividades para trabalhar a leitura e a escrita com os alunos de maneira mais participativa e dinâmica. Porém, percebia que a participação dos alunos nas atividades propostas ainda estava bastante reduzida, assim como as visitas à Sala de Leitura e os empréstimos dos livros.

Sempre que ia às salas de aula convidá-los para participar das ações de leitura naquele espaço ou para oferecer o empréstimo dos livros de literatura, ouvia como resposta: “Para que ler?”, “Depois eu vou!”, “Tem que ler?”. E quando os textos (literários, informativos) eram colocados no Jornal Mural da Escola³, quase sempre amanheciam rasgados ou riscados. Mas, ainda que resistissem os percalços, não pensava em desistir, pois outras vezes ouvia: “Professora, posso emprestar um livro”; “Tô gostando de ler”. Mas sabia que as ações promovidas na Sala de Leitura não tinham o retorno esperado. Então me questionava: O que falta? Onde está a falha? Por que as ações não avançam? Essas e tantas perguntas me aturdiavam. À mesma proporção de inquietude ouvia os relatos, as queixas e as dificuldades dos professores em incentivar a leitura na escola.

A temática da leitura sempre esteve presente em minha práxis. Nas escolas estaduais e municipais, sempre organizava algum espaço para a leitura com os pequenos acervos que estavam quase sempre empoeirados, esquecidos num canto da escola, para que fossem

³ Durante o planejamento realizado na escola propus a criação de um Jornal Mural da Escola, que ajudaria de forma rápida e dinâmica o desenvolvimento da leitura dos alunos relacionado ao jornal impresso, pois este é um veículo de comunicação que proporciona um acesso rápido ao conteúdo ali exposto.

utilizados pelos alunos. Catalogava livros para disponibilizá-los aos alunos. Muitas vezes os livros estavam embalados ou úmidos, cobertos de mofos. Depois de organizado o espaço, pensava em dinâmicas para envolver os alunos no contato com os livros. Muitos solicitavam uma indicação do que poderiam ler. Emprestavam livros de diferentes gêneros: poesias, biografias, contos, didáticos, enciclopédias, romances, entre outros gêneros disponibilizados pela biblioteca.

Diante deste cenário, gradativamente surgiam outras inquietações: Qual a importância da leitura para a vida desses alunos? A escola tem contribuído na formação do aluno leitor? A família e outros agentes culturais têm contribuído para formar leitores? O que fica dessas leituras (escolares) nos alunos? Quais são as marcas de leitura que os alunos carregam? Tais indagações precisavam de respostas e eu não as tinha, pois me limitava a criar projetos de intervenção, pontuais, objetivos e específicos, sumariamente pedagógicos.

Com a oportunidade de ingresso no Mestrado em Educação, iniciei imediatamente o aprofundamento dessas questões, para, se possível, responder aos meus questionamentos, tomados agora sob um viés de maior complexidade.

Ressalto que desde minha aprovação no processo seletivo do curso de Mestrado em Educação, na linha de Educação, Cultura e Linguagem, a visão a respeito da leitura literária modificou-se, não mais vista como utilitária ou obrigatória, e sim como uma experiência capaz de tocar o leitor em suas múltiplas dimensões. Assim, Larrosa (2015) frisa que a tarefa de formar um leitor é multiplicar suas perspectivas, abrir seus ouvidos, apurar seu olfato, educar seu gosto, sensibilizar seu tato, dar-lhe tempo, formar um caráter livre e intrépido e fazer da leitura uma aventura.

No decorrer do curso, expus as indagações acima citadas para a minha orientadora, que me orientou a fazer algumas leituras, na perspectiva de encontrar meu objeto de estudo e, ao me deparar gradualmente com os textos de Jorge Larrosa (2002, 2004, 2015, 2016), aproximei-me dos conceitos de leitura e experiência. Contudo, a compreensão de que a experiência de leitura é algo vívido, que instiga o leitor, que o afeta e que, portanto, não está vinculada a um contexto específico, fez com que a investigação fosse ampliada para contextos extraescolares.

Cabe lembrar que ler é uma prática social instituída, em que apenas o contato com a leitura e a escrita não são suficientes para a aprendizagem. Desse modo, os questionamentos que outrora eram elementares foram ressignificados juntamente com o avanço das investigações teóricas, dando origem ao **problema de pesquisa**: *De que modo a leitura de textos literários clariceanos interage com as experiências formativas de estudantes leitores*

da escola básica? A partir dessa formulação, foram geradas novas indagações: Que sentidos e experiências despontam da relação texto-leitor? Em que medida os dramas existenciais que perpassam a obra clariceana são capazes de tocar os anseios e os modos de vida dessa comunidade de leitores? Como propiciar o cultivo pelo gosto da leitura literária e o desabrochar da literatura no ambiente escolar?

Nessa dinâmica de ressignificação foi preciso redimensionar a abordagem de uma figura muito importante nesse processo: Clarice Lispector.

1.1 (Re) encontrando Clarice

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasce a vida.
(LISPECTOR, 1996, p.10)

Quais ondas me movimentaram a adentrar na experiência de leitura? Como foi se tecendo uma viagem literária em um espaço onde jovens buscam sonhos e acalantos?

Uma experiência sobre encontros/desencontros com personagens, autores, ideias, desassossegos, desabrochares, ressonâncias. O meu inquietar gritava por dentro. Tudo o que pensava sobre leitura havia caído por terra. Via-me diante do inusitado. E o novo assusta. Ah! Como assusta. Um encontro. Um encanto. Um novo desabrochar, diferente de tudo o que havia vivido. Um pesquisar a deriva, de olhos vendados em meio à escuridão.

As reminiscências não me trazem muito das leituras realizadas na escola, indicadas por meus professores nas séries iniciais. Lembro-me descendo a escadaria do colégio, na hora do recreio, para chegar à Biblioteca Municipal e quase sem fôlego apanhar de uma estante velha de madeira um livro, fosse para começar ou continuar uma leitura.

Aquele espaço entre livros empoeirados era tudo o que eu tinha para viajar, sonhar. Ficava imaginando cada lugar. Lembro-me de como era a ilha de Robinson Crusóe ou como era Mobdik, a Baleia. Cada página desfolhada, cada imagem que surgia em minha frente fazia com que minha imaginação fruísse. E quando em casa chegava, ao entardecer, à luz de lamparina ficava horas a sonhar com Alice, no País das Maravilha sou com a moça que no dia do casamento rolou serra abaixo, ou com a Velha Contrabandista ou com A Velha Totonha, e assim por diante.

Às vezes me via cercada por todos os lados de palavras novas, mas tinha vergonha de perguntar à professora o significado. Quando li *O Colibri* não recordo quantas vezes voltei à biblioteca e ficava olhando a capa do livro e o título. Queria entender o que a figura e o título

tinham em comum. Até que um dia consegui um dicionário e pesquisei o significado do nome e só depois disso que compreendi a história. De uma coisa tenho certeza: aquelas idas e vindas à Biblioteca Municipal despertavam em mim uma sensação inexplicável de alegria e bem-estar. Parafraseando Rousseau, a vontade é intransferível, e ninguém pode sentir minhas emoções e viver da mesma forma a minha experiência leitora.

Nas vagas reminiscências, entendia que todas as leituras impostas pela professora se tornavam uma tarefa enfadonha e cruel, sentia mesmo um não-querer. Pois ler por ler era para mim uma experiência desastrosa, sofrível. Não me recordo de ter lido os livros impostos pelas minhas professoras até o final, tampouco os nomes deles. As minhas impressões sobre os livros, na infância, trataram apenas de leituras solitárias e sem sentido.

Quando fui transferida para outra escola, pois a qual estudava só funcionava até a 4ª série primária, me distanciei dos livros. Tudo ficou mais difícil. Raramente frequentava a Biblioteca Municipal, talvez por falta de incentivo ou algo que não me recordo agora. Livros para leitura em minha casa não existiam, e me distanciava ainda mais da leitura. Só nos reencontramos, eu e a leitura literária, no 2º grau (atual Ensino Médio). Foi precisamente nesta fase que tive minha primeira experiência com Clarice Lispector.

Assim, como a maioria dos leitores da minha geração, conheci Clarice para fins avaliativos. Sua obra foi lida por representar um ou dois pontos na nota. Recordo-me da professora de Língua Portuguesa “solicitando” que lêssemos alguma obra literária de autores brasileiros como tarefa de leitura para sermos avaliados. Ela nos entregou uma lista com o nome de alguns escritores e a lista de obras deles para nos ajudar na escolha do livro.

Fui à biblioteca da escola, nessa época era estudante bolsista num colégio particular, chegando lá retirei do bolso da calça surrada a tal lista e fiquei a passar os olhos pelas estantes de ferro, eram muitas e altas, mas todas devidamente identificadas por categorias de assuntos, e nada de encontrar algum livro que estivesse na lista da professora. Parecia que meus colegas haviam se adiantado e nada tinha sobrado. Comecei a me angustiar. Depois de algum tempo, e muito tempo, meu olhar parou diante de uma das estantes, os livros todos rigorosamente enfileirados e numerados. Comecei a passar os dedos por entre eles, lia cada título e olhava a lista. E me perguntava. E agora? O que ler? Nada me interessava. Os livros que ali estavam não me tocavam.

Neste momento me vem à lembrança o rosto da mulher que tomava conta daquele espaço. Não era nada agradável, e, afinal, eu estava “bagunçando” o seu ambiente de trabalho. “Os livros não eram para serem mexidos”, pensava. Mas, enfim, num canto da sala encontrei

entre um amontoado de livros, que cheiravam a mofo, o livro que decidi ler. Foi no impulso. É esse. Pronto. Lá estava eu com Clarice Lispector nas mãos. Eis o primeiro encontro!

Dirigi-me à mulher que anotava em um pequeno caderno o nome dos alunos que emprestavam livros. Entreguei Clarice para ela anotar: *A Hora da Estrela*. O prazo era de sete dias para ler e depois devolver. “Vou ler rapidinho”, pensei. Ledo engano. Li. Reli. Li novamente e nada. Quanta dificuldade para entender a obra! E os dias passando. Não sei se fui eu quem não desistiu de Clarice ou foi ela de mim. Na quarta vez que li, Macabéa me conquistou. Fiz minha ficha de leitura conforme solicitado pela professora: autor, edição, título da obra, o que fala a obra e assim por diante. Entreguei para a professora a ficha. Ela a colocou em uma pasta. Devolvi o livro para a mulher da biblioteca e de Clarice só sabia o que estava na capa e na contracapa do livro, mais nada. Não fui arrebatada por Clarice ao ler sua obra. Não entendi a grandeza de Macabéa, uma nordestina de vida simples marcada no rosto de muitas, esperei nas próximas aulas que a professora comentasse sobre a obra, mas nada foi dito. Silêncio!

Só compreendo que aquela obra de Clarice me intrigou na adolescência. Suas personagens, a construção da narrativa, sua linguagem poética era diferente das outras obras que eram indicadas como leitura obrigatória pela professora de Língua Portuguesa. Naquela fase leitora, apesar de gostar de leituras literárias, eram poucas as obras indicadas que me afetavam.

Depois li *Felicidade Clandestina, Perto do coração selvagem*, e sempre percebi que a densidade da escrita clariceana intrigava ainda mais, pois pouco era o meu contato com textos ou assuntos que abordassem Clarice, ou talvez minha própria imaturidade leitora me impedia de dimensionar a amplitude de seu texto.

O tempo passou e nunca me esqueci de Clarice Lispector. Assim aconteceu o segundo encontro...

1.2 (Re) aproximações clariceanas no ambiente escolar

*Um nome para o que eu sou, importa muito pouco.
Importa o que eu gostaria de ser.
(LISPECTOR, 2004, p.22)*

Uma homenagem, mais do que justa, se fez necessária. Na atuação docente escolhi como cenário a Escola Estadual de Ensino Médio Simão Abraão Jatene, situada na cidade de Cametá-PA. Precisava ressignificar o legado literário de Clarice Lispector e isso se fez por

meio da criação de um espaço de leitura intitulado “Sala de Leitura Clarice Lispector”, como forma de fomentar a formação de leitores na escola para além do domínio cognitivo ou curricular das disciplinas. Entendia que no campo literário é notória a singularidade dos escritos de Clarice Lispector (1920-1977) – escritora ucraniana radicada e naturalizada no Brasil desde a tenra infância na cidade de Recife-PE.

Contudo, se por um lado, a notoriedade de sua obra é visível no universo literário, por outro, suas interfaces com os meios escolares e acadêmicos não se fazem notar em seu valor poético e formativo em face das exigências mercadológicas de avaliação e dos limites ou enquadramentos em escolas/correntes literárias. Além disso, os textos literários que circulam em atividades de leitura escolar quase sempre aparecem desconectados da experiência de fruição da leitura havendo, dessa maneira, poucos estudos que perpassam os dramas existenciais e da linguagem nas obras de Lispector.

A escrita de Clarice rompe barreiras e transgride certos limites, certas fronteiras. É um percurso na direção de algo que nos constitui como seres humanos e que é indizível, como por exemplo, na obra *Um sopro de vida – pulsações*, na qual vemos o embate do sujeito que só alcança a si próprio quando consegue alcançar seu outro: “Meu não eu é magnífico e me ultrapassa. No entanto ela me é eu” (LISPECTOR, 1999f, p. 37).

Segundo Rosenbaum (1999), as personagens das narrativas clariceanas, dos contos e romances, geralmente se deparam com situações muito prosaicas, muito banais e que dali parece que se abrem numa espécie de revelação no sentido da existência. A literatura clariceana é instigante, pois ler Clarice é um mistério, como a própria frisa: “Eu sou um mistério para mim!”

Desse modo, ler Clarice requer calma, paciência, e se deixar levar pelas correntezas dos rios ora sopradas por uma leve brisa ora envoltas em um banzeiro⁴ num movimento para fora de si, conectando-se consigo e com o mundo em sua volta.

A Sala de Leitura Clarice Lispector, a princípio, foi criada apenas para a prática da leitura, mas compreendo que a partir da pesquisa para o Mestrado, ela não poderá ser frequentada apenas com a finalidade do aluno passar um tempo naquele espaço ou adquirir conhecimentos para um aprendizado cognitivo. É preciso que a Sala de Leitura ganhe vida e dê vida também aos autores na sua relação com os leitores por meio de um desabrochar poético que aconteça numa relação de proximidade e de troca com a própria Clarice e com os outros autores que habitam aquele espaço, pois é necessário se fazer compreender que a

⁴Sucessão de ondas ou maresias provocadas por uma embarcação em deslocamento.

leitura de obras literárias está para além de ser como um veículo de circulação das histórias, de aquisição de informação, pois ela é, sobretudo, um recurso de criatividade em que o leitor pode se inserir na própria história e suas aventuras.

Incentivar o hábito de leitura nos alunos porque eles têm dificuldade para ler, porque precisam ter a leitura como parte da vida, sempre foi uma preocupação pessoal enquanto professora de Língua Portuguesa na E.E.E.M. Abraão Simão Jatene. No entanto, tinha consciência de que não poderia ficar apenas nesta perspectiva, pois a experiência da leitura literária e a formação de leitores não se desenvolvem de maneira isolada das experiências cotidianas, isto é, as leituras têm de fazer parte da vida deles, assim como na vida das pessoas com as quais convivam e que tenha um sentido para a sua formação, pois o encontro com a literatura ajuda a amenizar os dramas da vida e ajuda a pensar. Tem que ser um encontro com o leitor. Não pode ser apenas uma porta de acesso ao conhecimento, pois a literatura é uma abertura para que possamos nos encontrar conosco e com o outro e tentar saber que as coisas que existem no mundo fazem parte tanto da nossa vida como da vida do outro.

Dessa forma, vemos as ressonâncias, porque a escrita de um escritor revela as marcas vividas por ele e que os jovens leitores frequentadores da Sala de Leitura Clarice Lispector possam ter a experiência de leitura para extraírem dela um aprendizado e os elementos de uma experiência possam ser importantes para a sua vida escolar e social.

Conforme ressalta Levy (2011), a literatura não é uma explicação do mundo, mas a possibilidade de *vivenciar* “o outro de todos os mundos”. Assim, a leitura literária poderá ser desenvolvida como prazer que se conquista gradativamente. Uma leitura na qual, à medida que as páginas do livro são viradas, o leitor se vê transportado para uma espécie de realidade paralela – um mundo inteiramente novo, repleto de descobertas, encantamentos e mistérios.

Assim esse novo reencontro se fez necessário por meio da criação da Sala de Leitura Clarice Lispector como forma de fomentar a formação de leitores na escola Abraão Simão Jatene para além do domínio cognitivo ou curricular das disciplinas.

No ano de 2012 fui lotada na Sala de Leitura da Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene. Encontrara ali um espaço que servia de depósito para livros e que tinha um único objetivo: as reuniões pedagógicas da escola, o que ainda é frequente. Muitos alunos daquele período letivo não sabiam da existência da sala. Então, uma das minhas primeiras ações foi criar um ambiente propício para a visita dos alunos. Para tanto, distribuí os livros didáticos que ali se encontravam, cataloguei e reorganizei o acervo de livros que ali havia. Mas muito ainda precisava ser feito.

Naquele ano a escola foi contemplada com o Projeto do Instituto Unibanco, Projeto Jovem do Futuro⁵, para que fossem realizados na escola projetos de incentivo à aprendizagem. A disciplina de Língua Portuguesa foi contemplada com três projetos. Desse modo, com a parceria com dois colegas da área, elaboramos o projeto de Revitalização da Sala de Leitura (que até então não tinha um nome), O Jornal Escolar e a Rádio Escolar. Destes, só o último não foi contemplado pelo projeto. Assim, começou o processo de revitalização da sala de leitura e alguns procedimentos foram tomados, como as compras de estantes de madeira, um computador completo, um datashow, uma televisão, um notebook, uma máquina fotográfica e alguns livros, mas ainda faltava dar vida à sala, pois as paredes estavam sujas e os livros amontoados e as visitas dos alunos eram raras. Faltava envolvimento por parte dos alunos.

Ministrava aulas num turno e organizava a Sala de Leitura em outro e nesse percurso pensei em realizar algumas ações de leitura com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio do turno da manhã. Um dos assuntos de literatura a ser trabalhado naquele bimestre tematizava o estilo literário modernista. Planejei e organizei com os mesmos atividades a respeito do tema que abordassem pintura, teatro e poesia dos autores daquele período. Conversei com a professora dos terceiros anos da tarde e planejamos os nossos trabalhos voltados para a Sala de Leitura.

Imagem 1 - À esquerda e à direita, alunos do projeto de revitalização da Sala de Leitura Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em agosto de 2012.

⁵ O Programa Ensino Médio Inovador/Jovem de Futuro (ProEMI/JF) é uma parceria público privada entre o Ministério da Educação (MEC), cinco Secretarias Estaduais de Educação e o Instituto Unibanco, que permitiu, até 2016, universalizar o programa nas escolas públicas de Ensino Médio do Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pará e Piauí, atendendo cerca de 2.500 unidades de ensino e mais de 2 milhões de alunos. Teve como objetivo central promover o redesenho curricular das escolas e fortalecer a gestão escolar, com foco na melhoria da aprendizagem dos estudantes. (Fonte: http://www.portalinstitutounibanco.org.br/index.php?option=com_content&view. Acesso em: 27 de maio de 2016).

As turmas foram divididas em equipes e trabalhamos, por meio de aulas expositivas, explicações, filmes, slides, pesquisas, entre outros, os assuntos referentes à temática do modernismo, desde a Semana de Arte Moderna até à Terceira Geração. Em outro encontro começamos as atividades práticas, todas relacionadas ao tema. O primeiro passo foi realizar a pintura da sala, então verificamos que alguns alunos tinham habilidades com pinturas de parede. Como iríamos trabalhar a obra *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, adotando a dinâmica do teatro, decidimos pintar uma parte da sala fazendo referência a algumas passagens da obra, o que serviria como cenário para a peça. Em seguida organizamos os grupos que iriam trabalhar com reproduções de telas de alguns autores do Modernismo para exposição, entre eles: Tarsila de Amaral (Abaporu, Antropofagia, Manacá, A Negra), Cândido Portinari (O Lavrador de Café) e Di Cavalcanti (Cangaceiro).

Faltava escolher um nome para a Sala de Leitura. Conversei com os alunos e solicitei que escolhessem, dentre os autores modernistas estudados, qual autor seria homenageado na Sala de Leitura, dentre os quais cito: Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto e Clarice Lispector. Expliquei-lhes a importância de cada autor para a literatura brasileira, fizemos um pequeno debate para que cada grupo defendesse o autor pesquisado e em seguida realizamos uma votação para a escolha do nome daquele espaço

Como resultado da votação, à Sala de Leitura foi nomeada **Clarice Lispector**. Assim, como a discussão transcorria em torno da terceira fase do modernismo e especificamente sobre a prosa de Clarice Lispector, elaborei algumas atividades para que os alunos conhecessem um pouco mais sobre a autora, uma vez que ela é reconhecida como uma das maiores escritoras brasileiras, que publicou contos, crônicas, analogias, romances, novela, literatura infantil e que sempre foi apaixonada pela leitura.

Lemos apenas alguns trechos de suas obras, dentre elas, *Laços de Família*. Um pouco de sua biografia e a obra “*Clarice na Cabeceira – Contos*”, pois no acervo da escola poucos são os livros da autora. Encerrado o processo de escolha do nome do espaço de leitura, os alunos fizeram um mural sobre a vida e a obra de Clarice Lispector. Um aluno da turma pintou um quadro do rosto da escritora e para que seu nome fosse identificado no alto da porta da Sala de Leitura. Todo o projeto teve culminância na apresentação da Feira Pedagógica da escola⁶ que ocorreu no final do ano letivo de 2012.

⁶ Evento realizado no final do segundo semestre, cujo objetivo é apresentar os trabalhos pedagógicos e/ou científicos elaborados pelos alunos, sob a orientação dos professores, a partir de uma determinada temática de relevância para o processo de ensino-aprendizagem.

Imagem 2 - Alunos, à esquerda, ensaiando e, à direita, apresentando a peça teatral *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em agosto de 2012.

Não obstante, não hesitei em um novo encontro com Clarice, o terceiro...!

Pela pesquisa de mestrado encontro-me novamente com a singularidade de sua escrita. Amadurecemos: a leitura e eu! Com o intuito de que, de alguma forma, os escritos clariceanos causem no leitor que visita a Sala de Leitura *Clarice Lispector*, o desabrochar para a literatura, pois a experiência de ler Clarice Lispector me fez acreditar que suas obras são capazes de suscitar no leitor a reflexão sobre sua subjetividade e sua relação com o outro e com o mundo. “Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada e em cheio no chão. É que ‘quem sou eu?’ provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto” (LISPECTOR, 1999b, p. 15).

A aproximação com o universo clariceano ajudou-me a compreender melhor minhas sensações de leitora, pois Clarice é capaz de instigar e embriagar o leitor. As obras da autora, segundo Nunes (1995), conduzem o leitor pelos labirintos interiores, fazem com que este se descubra e se inquiete, pois, as sensações são provocadas pela singularidade de sua ficção, a qual se constrói mediante estratégias narrativas que possibilitam ao leitor ocupar os sentidos vazios do texto.

Compreendo que ao ler a obra de Clarice o leitor pode optar por refletir sobre seus anseios, desejos, paixões, decepções, enfim, por sua abertura. Ela possibilita ao leitor mover-se através da leitura de suas obras por diversos caminhos e o conduz a sair de seus porões para visitar as outras partes da casa que ainda estão fechadas ou empoeiradas. São janelas pela qual

o leitor, mesmo que por suas frechas, passa a enxergar novos horizontes, novas possibilidades de experiências. E quem sabe há uma janela escancarada para que ele, o leitor, desabroche para a vida.

Foi por uma das janelas escancaradas que deixei a brisa do primeiro momento me levar ao encontro do novo de novo. Deixei-me despertar do sono profundo da rotina, mas não mais que um de repente essa brisa tornou-se uma ventania, me sacudiu e me levou rumo ao desconhecido e me fez cavalgar no *dorso do tigre*, para ir descobrindo novos vieses da leitura.

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma do nosso corpo e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia e se não ousarmos fazê-la teremos ficado para sempre à margem de nós mesmos (ANDRADE, [2012?]).

Atravessei e Clarice trouxe para mim o sentido da palavra existência, não no sentido de existir no mundo, de nascer, viver e morrer, mas no sentido de travessia, de atribuir sentido para uma vida sempre a ser buscada, inalcançável, porque desejada.

O encanto pela Sala de Leitura da Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene sempre foi “meu calcanhar de Aquiles” e meu desafio docente. Vê-la fechada, fria, sem vida, inabitável só aumentava o meu desejo de planejar algo que viesse despertá-la daquele sono profundo. Assim, não apenas pela importância e a repercussão de Clarice Lispector no universo literário ou pela escolha de seu nome para a Sala de Leitura da Escola, mas por uma expectativa de ir além da formação de leitores pois o amor pela leitura e pelos livros, a angústia de perceber as dificuldades e indiferenças que os alunos têm ao ler, o incômodo por me deparar com tantos discursos contraditórios sobre a leitura e o meu fazer docente naquele espaço de leitura, foi o que despertou o meu interesse para realizar uma pesquisa para o Curso de Mestrado em Educação e Cultura, Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Linguagem, com a temática **Pelas Mãos de Clarice: O desabrochar da experiência literária na Sala de Leitura Clarice Lispector**.

Entendo que literatura também instiga a humanizar o indivíduo e a levá-lo a refletir sobre si mesmo e a relação com os que os cercam. Assim, promover a experiência literária como forma de fomentar a formação de leitores na escola para além do domínio cognitivo ou curricular das disciplinas e incentivar o hábito de leitura nos alunos visando contribuir com a atividade leitura é imprescindível, pois através da leitura a transformação do real e do simbólico torna possível a vivência de outras experiências, de outras culturas.

Dessa forma, ao ingressar no universo literário, o leitor passa a pertencer a um universo de experiências. Quando falamos em experiência, estamos nos referindo àquela experiência que Larrosa (2015) enfatiza: a vivência pessoal, singular, que atravessa a subjetividade do leitor, deixando nele marcas e o desejo de retornar a essa e a outras possíveis leituras. A leitura, de acordo com Larrosa (2015), deve ser inquietante e não asseguradora. Uma vez sendo segura traz à tona pensamentos já construídos, o que limita o leitor.

No texto em que Larrosa é entrevistado por Veiga-Neto, aquele discute a ideia de leitura como formação e a formação como leitura a partir do pressuposto de que a atividade de leitura é “algo que tem a ver com aquilo que nos faz sermos o que somos” (LARROSA, 2015, p.20).

Nessa perspectiva, a leitura como experiência de formação supõe a relação entre o texto e a subjetividade, possibilitando que o leitor se reconheça e se descreva de outras maneiras. De modo que, a cada nova leitura, ocorre algo semelhante a um reencontro com nossos desejos e predileções. Os livros constituem um tipo de transporte de sentidos, pois temos a total liberdade de interpretação, o que confere aperfeiçoamento do nosso senso crítico e melhoramento de como nos posicionamos como sujeitos diante do mundo.

1.3 Caminhos do pesquisar *com Clarice*

Não me supervalorize, sou apenas um meio de transporte.
(LISPECTOR, 1999e, p.29)

Por meio desta pesquisa de Mestrado pretendemos que os jovens leitores frequentadores da Sala de Leitura Clarice Lispector possam vivenciar experiências de leitura literária a fim de extraírem delas aprendizados formativos e que os efeitos dessas experiências sejam significativos para a sua vida escolar e social.

A leitura atravessa os muros da escola e se insere em outros contextos, podendo ocorrer em diferentes instâncias e com intensidades distintas, segundo as relações sócio-histórico-culturais estabelecidas entre leitor e mundo. A experiência da leitura literária e a formação de leitores não se dá de maneira isolada na vida, pois a leitura como atividade possui seu próprio percurso, acompanhada de uma maneira distinta de realizar-se, em um lugar, em uma posição, em um horário. Assim, a leitura aprendida na escola rompe suas barreiras e se insere no cotidiano das pessoas, às vezes de modo tão corriqueiro que muitas delas nem percebem que leem o tempo todo. Tal a descoberta do tempo perdido da leitura em Marcel Proust,

... a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou a mudar de lugar, a merenda que nos obrigavam a levar e que deixávamos de lado intocada sobre o banco, enquanto sobre nossa cabeça o sol empalidecia no céu azul; o jantar que nos fazia voltar para casa e em cujo fim não deixávamos de pensar para, logo em seguida, poder terminar o capítulo interrompido, tudo isso que a leitura nos fazia perceber apenas como inconveniências, ela as gravava, contudo, em nós, com uma lembrança tão doce (muito mais preciosa, vendo agora à distância, do que o que líamos então com tanto amor) que se nos acontece ainda hoje folhearmos esses livros de outrora, já não é senão como simples calendários que guardamos dos dias perdidos, com a esperança de ver refletidas sobre as páginas as habitações e os lagos que não existem mais (PROUST, 2011, p.9-10).

Dentre tantas questões discutidas hoje entre os educadores, em especial, entre os professores de Língua e Literatura, é comum perceber entre eles a dificuldade que os alunos têm com relação à leitura e escrita em sala de aula. Ler e interpretar textos, refletir criticamente sobre o mesmo torna-se mais difícil ainda. Escrever sobre algum assunto que lhe foi proposto, tem sido tarefa árdua para os alunos em tempos atuais. Quando se trata da leitura do texto poético a dificuldade aumenta.

Como traçar, então, os caminhos para a leitura, na busca de nela recuperar o espaço do prazer, da fruição que muitos alunos conhecem na infância ou adolescência e que depois são abandonadas no decorrer de sua vida estudantil?, pois na escola é um desafio propor um saber que não seja instrumental, visto que este permite um suposto acesso ao mundo do trabalho, como afirma a estudante Sara: “Eu gosto muito de ler... porque quando a gente lê vai ... sabe desenvolver uma boa redação... pra escrever bem temos que ler... e o vestibular cobra isso...”.

Larrosa (2015) nos permite compreender que, a leitura, portanto, não deve consistir em passatempo, um mecanismo de fuga do mundo real e do eu real, tampouco reduzir-se a um meio para adquirir conhecimentos. A leitura literária, metaforicamente, poderá ser pensada como um espelho que nos mostra outra realidade de onde poderemos acessar o nosso mundo inteiro. Pois ela nos revela a multiplicidade de olhares que o homem lança sobre o mundo. Esse é um dos efeitos da Literatura: nos mostrar outras vidas para que possamos olhar para a nossa e decidir como caminhar.

Essa abordagem temática justifica-se pela busca de acompanhar e registrar o desabrochar da literatura e das experiências literárias com jovens frequentadores da Sala de Leitura Clarice Lispector no contexto da escola básica, levando em consideração a leitura literária do ponto de vista da diferença e da pluralidade, apontando para o caráter formativo da leitura que contribuiu para a construção da concepção de leitura enquanto possibilidade de experiência atenta e inventiva.

A discussão sobre experiência refere-se àquela noção de experiência enfatizada por Larrosa (2015): a vivência pessoal, singular, que atravessa a subjetividade do leitor, deixando

nele marcas e o desejo de retornar a essa e a outros possíveis encontros com a leitura. Nesse aspecto, é importante frisar o que expressa a aluna Tatiana:

A leitura faz eu ter um outro comportamento. Alguns livros que leio... chega num ponto que às vezes a gente quer chorar. A gente se emociona junto com a história. Ao se aprofundar parece que a gente que está sentindo aquela história daquele personagem. Li a obra A Hora da Estrela e senti o sofrimento da Macabéa.

Ler sem perder o encantamento. A leitura enquanto fruição, escapa do controle disciplinar e é capaz de aguçar os sentidos, suspiros, desejos. Desejo que invade o leitor a cada página virada, fazendo brotar nele agitação, lágrimas, suor, frio na barriga, aromas, risos, raiva.... apreciando, degustando cada momento como se fosse o último.

A leitura abre, assim, espaço para a fruição, para o sentir e o pensar, para a multiplicidade de vozes que ecoam de dentro do texto, compreendendo que nossas palavras estão sempre intercaladas pelas palavras dos outros. Isso acontece quando entramos em contato com as histórias que tratam daquilo que é universal e atemporal, já que são histórias que carregamos na alma mítica do mundo. Desse modo, a literatura nos ajuda a reconhecer as relações simbólicas estabelecidas com as pessoas e com o meio, assim como nos instiga a habitar poeticamente o mundo.

As experiências de leitura podem constituir-se nos mais variados contextos, desde que o leitor se encontre com a leitura, no momento certo. Cabe observar que experiência é algo que acontece no limiar exterior-interior, mundo objetivo e subjetivo, e quando é vivida, sentida, “acontecida” nessa conexão, algo se torna particular, singular. Assim, o caminho proposto por Larrosa é o da experiência de leitura, “como um dos jogos possíveis do ensinar e do aprender”, para que, a partir do momento de leitura/escuta, “com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto – nós [os leitores] sejamos capazes de pensar” (LARROSA, 2002, p. 142).

Nesta perspectiva, a leitura como experiência formativa supõe a relação entre o texto e a subjetividade, possibilitando que o leitor se reconheça e se descreva de outras maneiras. Entendemos que a literatura não apenas abre a porta de acesso ao conhecimento, ela favorece uma abertura ao encontro do ser consigo e com o outro, viventes de um mundo em plena transformação. Dessa forma, percebemos suas ressonâncias com o que somos e o que nos tornamos, porque, ao escrever, o escritor revela suas vivências e percepções.

Nesse percurso, foi importante potencializar os canais de acesso e incentivo à leitura de textos literários no espaço escolar, percebendo as ressonâncias do texto literário clariceano com as experiências formativas dos leitores no sentido de um pensar poético que aproxime

literatura e vida. A relevância do estudo consistiu em fomentar a formação de leitores no ambiente escolar e fora dele, elevando [quicá] a literatura a seu valor poético e formativo.

O **caminho teórico** cartografado nesta pesquisa buscou ir ao encontro dos *sentidos e experiências da leitura literária clariceana no contexto da escola básica*. Diante desta pista inicial, justificamos a necessidade de observar o panorama das produções que articulam estudos teóricos com base em autores do campo da Leitura Literária e Experiência de Leitura.

Cito como exemplo, Jorge Larrosa e sua *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas* (2015). A obra elabora uma intertextualidade ligada à liberdade da interpretação, posta não como um dado a ser extraído de seu discurso, mas como uma construção singular do leitor. Na mesma proporção dialogamos com a obra *Linguagem e educação depois de Babel* (2004). Nela, há um certo deslocamento temático da questão da subjetividade e suas metamorfoses aos temas da pluralidade e da diferença.

O autor também enriquece nossa reflexão discutida na obra *Tremores* (2016). Obra que reúne cinco ensaios sobre experiência, alguns já publicados e outros inéditos em português. Entre a pedagogia, a filosofia e a literatura (mas com um olhar dirigido também às artes), Larrosa (2016) constrói uma forma de pensamento, de linguagem, de sensibilidade e de ação (porém, sobretudo, de paixão) que nos situa além dos marcos dominados pelo par paciência-técnica ou pelo par teoria-prática. O título faz alusão ao caráter de vazio, de intervalo, de indecibilidade e de imprevisibilidade da experiência, assim como a sua natureza de “categoria livre”, como afirma no prólogo:

Não se pode pedagogizar, nem didatizar, nem programar, nem produzir a experiência; a experiência não pode fundamentar nenhuma técnica, nenhuma prática, nenhuma metodologia; a experiência é algo que pertence aos próprios fundamentos da vida, quando a vida treme, ou se quebra, ou desfalece (LARROSA, 2016, p. 10).

A proposta metodológica de Larrosa nos permite entender que essa experiência da leitura implica um descolamento do que somos e certa inquietude. Estar em contato com o universo das palavras e nele encontrar uma atividade prazerosa, ao mesmo tempo em que nos leva a absorver todo o conhecimento exterior, também nos conduz a uma busca por nós mesmos nesse conhecimento que chega até nós.

A experiência da leitura converte o olhar ordinário sobre o mundo num olhar poético, poetiza o mundo, faz com que o mundo seja vivido poeticamente, torna realidade a expressão heideggeriana: “poeticamente habita o homem nessa terra”. Mas para isso é necessário que esse “segundo ser” intermediário seja claramente diferente desse “primeiro ser” que é o mundo interpretado e administrado, o mundo em que cada um é cada um e no qual a percepção das coisas já está predeterminada

por sua utilidade ou predefinida pelas estruturas que as configuram como parte do campo de nossa experiência possível (LARROSA, 2015, p. 106).

Com base nas considerações de Larrosa (2015), que ressalta a experiência de leitura como travessia (caminho), busquei alguns pressupostos para compreender como as experiências de leitura estão diretamente conectadas à subjetividade das experiências do leitor o que resulta sua singularidade, uma vez que as experiências de leitura podem ocorrer em diferentes contextos, por meio dos mais variados suportes de leitura e assim adquirir experiência a partir da vivência do aprendizado de algo, pois as pessoas em geral leem a partir de diferentes lugares, condições e perspectivas. A leitura de um livro algumas vezes pode ser um conforto para a vida, capaz de diminuir as dores e as dificuldades que enfrentamos no mundo. Como bem depreende a estudante Fernanda:

Eu gosto de ler. Li o livro Adolescência, Sexualidade e Aids...⁷ muito interessante...profundo... a gente se coloca no lugar da personagem. Vive a inocência dela. Muitas vezes somos levados a praticar coisas ruins. Como posso falar... e'... bem...assim como ela (referindo-se a personagem do livro), não me sinto à vontade pra conversar com as pessoas sobre certos assuntos (Quais assuntos? Pergunto). Ah!! De mulher. Namorado...essas coisas...sexo...,mas esse livro me fez refletir sobre muitas coisas. Não podemos viver trancados só em nosso mundo.

O comentário de Fernanda me evoca à experiência de leitura estudada em Larrosa (2015), visto que traz a experiência como algo que marca, que toca. Nisto reside a ideia de que a leitura como experiência vai além de uma leitura realizada para conhecer algo, que se torna uma leitura informativa, que não toca e marca a ponto de se configurar em uma experiência de leitura: “[...] se lemos para adquirir conhecimentos, depois da leitura sabemos algo que antes não tínhamos, porém nós somos os mesmos que antes, nada nos modificou” (LARROSA, 2015, p. 16).

Desse modo, a experiência é única e particular a cada situação vivida e interiorizada de modo distinto em cada indivíduo. “Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (LARROSA, 2015, p. 27).

⁷ De autoria do escritor mocajubense (PA) Albertino Martins, a obra aborda a história de uma jovem do interior que veio morar em uma casa de família na capital do estado (Belém-Pa) e se envolveu com o patrão da casa onde morava contaminando a jovem com o vírus da Aids. Depois se envolveu com o filho do casal, transmitindo o vírus a ele. Nesse cenário trágico, a jovem sonhadora de um futuro promissor foi abandonada pela dona da casa e veio a falecer em um leito de hospital.

Assim, a pesquisa fica circunscrita aos alunos frequentadores da Sala de Leitura Clarice Lispector, especificamente os quais liam as obras de Clarice Lispector. Diante disso, o recorte relacionado às experiências de leitura no contexto escolar foi se delineando.

Dado que a circularidade do texto literário no ambiente escolar quase sempre não se faz para além dos limites de disciplinas como Língua Portuguesa e Literatura, assumimos o desafio de tensionar a presença (não tão notória) de obras literárias de escritores brasileiros (como as de Clarice Lispector) no ambiente escolar quando tomada como um instrumento preparatório para exames de avaliação ao ingresso ao ensino superior.

Nesse caminhar, foi importante tracejar um plano para potencializar os canais de acesso e incentivo à leitura de textos literários clariceanos no espaço escolar, formulando alguns **objetivos**, tais como: reconfigurar a Sala de Leitura Clarice Lispector, de modo a torná-la um ambiente dinâmico e acolhedor às experiências literárias dos estudantes; cartografar e registrar as experiências de leitura literária dos estudantes realizadas no ambiente da Sala de Leitura Clarice Lispector; interligar as ressonâncias da leitura do texto clariceano às experiências formativas dos estudantes por meio de atividades artístico-literárias.

A proposta metodológica desta pesquisa envolve diferentes etapas, iniciando pela articulação de referenciais e dados, que subsidiam a construção de pressupostos para a análise dos processos cartográficos, embasada pela revisão teórica que inclui estudos de Jorge Larrosa (2015) sobre texto, práticas leitoras e experiências de leitura.

É em torno do conceito de *experiência como sentido* trazido por este autor que pretendemos discorrer algumas palavras. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2015, p. 32). Notamos que a experiência está diretamente relacionada ao que sentimos, ao que se dá sentido ao percebermos o outro. Trata da possibilidade de que algo nos aconteça ou nos afete, e isso requer um gesto de interrupção, um gesto quase impossível nos tempos atuais.

O autor propõe “[...] outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação[...].” (LARROSA, 2015, p. 25). Então, a experiência como atitude de pesquisa poderá proporcionar ao pesquisador e pesquisados a possibilidade de “... uma relação interior com a matéria de estudo, no qual o aprender torna ou transforma o sujeito” (idem, p. 63). E afirma que “a questão não é que, a princípio, não saibamos algo e, no final, já o saibamos. (...). De uma experiência em que alguém a princípio, era de uma maneira, ou não era nada, pura indeterminação, e, ao final converteu-se em outra coisa” (idem, p. 63).

Este conceito de experiência como sentido define, não apenas a parcialidade do observador, como também sua participação efetiva no fato em questão, já que o entrelaçamento olhar-objeto é intenso. Define o termo experiência como, “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca. E continua: “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2015, p. 21).

Para o autor, o sujeito moderno⁸ encontra-se submerso a obstáculos que empobrecem a construção da experiência, a saber: o mundo da informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho. Por sua vez, o sujeito da experiência:

[...] se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua recepção, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se [...] de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial.

[...] Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece. A quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, não o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (LARROSA, 2016, p. 24-26).

Notamos, ainda, que o saber da experiência é aquele que se dá entre o conhecimento e a vida humana, ou seja, é o que adquirimos na medida em que respondemos ao que nos acontece ao longo da vida.

O saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular [...]. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. [...] O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está como o saber científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo) (LARROSA, 2016, p. 32).

No artigo *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, Larrosa (2015, p. 25) diz: “[...] o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar”. Contudo, de um sujeito “capaz de deixar que algo lhe passe”, pois se trata de “um sujeito aberto, sensível, vulnerável, exposto”. Por outro lado, a literatura desassossega e inquieta, é capaz de provocar

⁸ As transformações produzidas pela modernidade e sua lógica da cultura do capital afetam a formação do sujeito moderno, suas relações sociais, seus vínculos afetivos, suas formas de apreender o conhecimento e ler o mundo.

um caos dentro de nós e nos força a enfrentar as duras encruzilhadas que a vida nos traz. Então, podemos nos perguntar: Que sentidos uma experiência tem para nós? Que efeitos e sentidos uma experiência vivida ou partilhada é capaz de provocar no acontecer de nossas vidas?

Com Larrosa (2015, p. 21) vemos que, se “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...]”, o conceito de experiência ganha variados sentidos, é o que nos atravessa em nossa subjetividade, em nossa interioridade. É aquilo que nos transforma, o que nos modifica. É uma relação subjetiva. Ao longo de nossas vidas vamos construindo experiências. A experiência existe a partir do fazer, aliás, do feito, pois experiência é um ganho de passagem e necessita de espaço no tempo. São as situações, os episódios, as aprendizagens, tudo o que nos atravessa no tempo e inscreve em nossos pensamentos e sentidos as marcas que essa vivência nos deixou.

Parece que a pedagogia tentou sempre controlar a experiência de leitura, submetê-la a uma causalidade técnica, reduzir o espaço no qual ela poderia se produzir como acontecimento, capturá-la em um conceito que impossibilite o que ela poderia ter de pluralidade, prever o que ela tem de incerto, conduzi-la até um fim preestabelecido. Ou seja, convertê-la em experimento (LARROSA, 2015, p. 34).

A ciência moderna (...) desconfia da experiência (...) E trata de convertê-la em um elemento do *método*, isto é, do caminho seguro da ciência (...). Aparece assim a ideia de uma ciência experimental. Mas aí a experiência se converteu em experimento, isto é, numa etapa do caminho seguro e previsível da ciência (...) A partir daí o conhecimento já não é uma *mathema*, uma acumulação progressiva de verdades objetivas que, não obstante, permanecerão externas ao homem (LARROSA, 2015, p. 33-34).

Essas percepções delineadas pelo autor, e que se articulam, confirmam a ideia por ele circunscrita ao deslocar o conceito de leitura como experiência para o de formação como experiência. Podemos dizer, com Larrosa (2015, p. 143), que:

Uma mesma atividade de (formação) pode ser experiência para uns e não para outros (...). Para que a (formação) seja experiência, tem de afirmar a sua multiplicidade, mas uma multiplicidade dispersa e nômade, que sempre se desloca e escapa ante qualquer tentativa de reduzi-la.

Como observamos, para que a experiência seja compreendida como mudança faz-se necessário adotar um desenho metodológico para que a pesquisa não se enquadre em resultados finais, em regras prontas que apontem um único direcionamento e que não desconsiderem os caminhos percorridos pelo pesquisador até sua conclusão. Esta mudança se faz presente nas obras clariceanas, pois Clarice provoca o leitor a sair de certos trilhos, da vida acomodada, previsível. Tem um olhar estrangeiro para o mundo porque ela vê a vida sob

outro viés, não àquela organizada, classificada, com começo, meio e fim. Vê a vida por um olhar totalmente renovado, assim como um estrangeiro veria um país novo. Dessa forma, possibilitar ao leitor que frequenta a sala de leitura um diálogo com a leitura literária, especificamente as de Clarice Lispector, é conseqüentemente alargar sua visão de mundo, do outro e de sua própria subjetividade.

Para tanto, optou-se por adotar a construção de um **desenho metodológico** que reconhecesse a **cartografia** como um exercício de pesquisa importante e viável para produção de conhecimentos. Adentramos em um estudo cartográfico baseado na perspectiva rizomática de Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995); de Passos, Kastrup, Tedesco e Escóssia por meio das obras: *Pistas do Método da Cartografia, Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade* (2015) e *Pistas do Método Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum* (2016). Nesse percurso, considera-se a experiência literária para a produção de dados da pesquisa.

A **cartografia** como modo de pesquisa, se elabora a partir do interesse pelo estudo da subjetividade, mais especificamente “como modo de acompanhar processos de produção de subjetividade” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 90).

Na visão de Deleuze e Guattari (1995), fazer o mapa (cartografar) é diferente de fazer o decalque. O mapa está voltado para uma experimentação, que por sua vez difere-se de experimento.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação [...]. Um mapa é uma questão de performance (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Portanto, pensamos o mapa não apenas pelo seu desenho final (o produto, a comprovação da verdade), mas pelo movimento realizado para a constituição de seu traçado (o processo, os efeitos, a experiência). Nesse aspecto, Barros e Kastrup (2015, p.73), nos confirmam que “a cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processos, em obra”. O sentido da cartografia é justamente acompanhar o percurso rizomático da pesquisa, seu objetivo “é acompanhar o processo de construção do conhecimento através da pesquisa e não representar o objeto” (idem, p. 32).

A visão do cartógrafo no campo da pesquisa é buscar onde pousar sua atenção. “Assim, a diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre

considerando os efeitos do processo do pesquisador sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (BENEVIDES; PASSOS, 2015, p. 17).

Uma vez que a cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano de intervenção, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação, a pesquisa, por assim dizer, é sempre um mapa que possibilita múltiplas entradas e leituras, um transitar livre por espaços em permanente mutação.

Sendo assim, talvez não possamos dar conta da perspectiva cartográfica como um método, mas como um conjunto metodológico que não é decidido a priori e que surge, vai sendo inventado, no decorrer do caminho, na própria caminhada, de acordo com as necessidades instauradas pelo relevo imposto pelo percurso. Passamos a pensar não mais em um *método (metá-hódos)* – como um conjunto de metas para atravessar seguramente o caminho – mas um *hódos-méta* – entendido como instauração de instrumentais possíveis no próprio caminhar, parafraseando Passos, Kastrup e Escóssia (2015).

Desse modo, conhecer algo não se limita somente a reconhecer ou re(a)presentar algo, mas significa criar/inventar aquilo que se conhece, assim como produzir a si próprio nesse processo. A cartografia passa a ser não só uma estratégia metodológica, mas também uma postura do pesquisador diante de sua própria vida, seu estudo não é neutro, nem isento de interferências e tampouco é centrado nos significados atribuídos por ele. O papel do pesquisador é central, uma vez que a produção de conhecimentos se dá a partir das percepções, sensações e afetos vividos no encontro com seu campo.

Neste estudo buscamos proporcionar o desabrochar da leitura literária nos estudantes para além dos fins cognitivos e de avaliações (como comumente a literatura é utilizada no âmbito escolar), e, sobretudo, para que a prática da leitura possa se reconciliar com a dimensão poética da literatura, especialmente a clariceana, dessa maneira, aproximar literatura e vida criando estratégias de leitura literária no espaço escolar tanto em sua configuração formativa quanto poética.

Ressaltamos que a leitura não pode ser vista, no ambiente escolar apenas para obtenção de informações e notas avaliativas, mas, como argumenta Larrosa:

Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos transforma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos. A leitura, portanto, não é só um passatempo, um mecanismo de evasão do mundo real e do eu real. E não se reduz, tampouco, a um meio de se conseguir conhecimentos (LARROSA, 2002, p. 62).

Apostamos em uma ressignificação poética da leitura literária no espaço escolar, potencializada pelas experiências formativas no encontro do leitor com o texto literário clariceano. E por meio dos desdobramentos desse estudo no ambiente escolar, buscamos fomentar a formação de leitores no ambiente escolar e fora dele, bem como elevar a literatura clariceana ao seu valor poético e formativo, potencializando os canais de acesso ao texto literário como condição de possibilidade de nos tornarmos leitores sensíveis às tramas e aos dramas de nossa existência.

2 UMA AVENTURA NO “PAÍS” DA LITERATURA

Sou escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço mais fundo.
(LISPECTOR, 1999c, p. 18)

A experiência da leitura nos toca, nos afeta, sempre de maneira singular. O ato de ler se vai moldando na nossa experiência existencial, conduzir o leitor ao prazeroso universo da leitura nem sempre é tarefa simples nem tão difícil assim. Nossos valores e experiências ficam enriquecidos a cada leitura, uma vez que os livros podem ser intrigantes, melancólicos, assustadores, e por vezes, complicados; partilham sentimentos e pensamentos, movendo-nos a outros tempos, outros lugares, outras culturas. Larrosa (2015) nos diz que a leitura é um caminho para fugir do pensamento único e a limitação do já descoberto e capaz de transcender a formação para fazer o indivíduo atuar na transformação do mundo.

Lemos para os mais variados fins, para saber, para compreender, para refletir, para compartilhar, para sonhar. A leitura não deve ser asseguradora, como frisa Larrosa (2015), pois uma vez sendo segura traz à tona pensamentos já construídos – isso limita o leitor, pelo contrário deve ser sempre inquietante capaz de transformar numa experiência de abandono das seguranças do mundo administrado. Trata-se de uma leitura capaz de liberar emoções e despertar o prazer de ler como um processo de liberdade e transformação.

A leitura seria um deixar dizer algo pelo texto, algo que alguém não sabe nem espera, algo que compromete o leitor e o coloca em questão, algo que afeta a totalidade de sua vida na medida em que o chama para ir mais além de si mesmo, para tornar-se outro (LARROSA, 2015, p. 101).

A experiência leitora convida o leitor a se aventurar em um território anteriormente desconhecido. O escritor interage com o desconhecido ou se familiariza com ele, está próximo ou não da antecipação do que se furta à palavra. Abandona-se, pois nessa experiência não há nada além da leitura. Pouco importa se quem lê é criança, jovem ou adulto. Menos ainda se o que está lendo é poesia, romance. O que realmente interessa é a cumplicidade entre o leitor e a obra alicerçada no prazer que só a leitura é capaz de proporcionar, pois, a leitura nos leva ao passado e ao futuro dependendo do livro escolhido para ler. Quem lê viaja a mundos imaginativos ou não dependendo de como a leitura o toca, eventualmente, pode-se conhecer melhor o mundo e um pouco melhor de nós mesmos.

Para Levy (2011, p. 41), “o leitor, quando procura um texto, não o procura a fim de nele encontrar uma voz conhecida. Ao contrário, procura uma realidade diferente, a descoberta de algo inesperado, de uma palavra estrangeira”. O leitor procura um caminho que ainda lhe parece bastante estranho, diferente e dançante. Nesse movimento não sabe por onde começar a leitura, pois o encontro entre leitor e texto leva-o a criar novas ressignificações do estar no mundo, tira-o do seu estado de inercia e o move para além do campo familiar e habitual. Como se observa no depoimento de Paula:

Gosto muito de ler. Tem livros que ajudam a gente a superar esses problemas que está dentro da gente. Às vezes a gente está com alguma dificuldade... alguma confusão aqui dentro da gente,, aí...a gente lê um texto que liberta a gente... eu tenho muito disso... pra mim tenho que a leitura com certeza nos liberta... assim às vezes estamos confusos... com problemas psicológicos ... às vezes a gente mesmo cria esses problemas dentro da cabeça da gente... aí tá precisando de orientação aí... às vezes a gente se reprime ... aí a gente lê um texto que chama atenção... que tá voltado pra aquilo que a gente tá passando... aquele texto tem o poder de libertar a gente... de mudar o ponto de vista da gente... pra mim a leitura é capaz de me transformar.

Nessa relação entre o texto-leitor há um sentimento de pertencimento, de entrega no ato ler. Pois a literatura ajuda o leitor a aprender mais sobre si e o mundo ao seu redor, assim como a suportar a dor e as angústias de vida, a melhorar seu interior, a curar feridas internas, a esperar por um tempo melhor, a compartilhar experiências e a viver melhor.

Proust (2011) considera a leitura como um estímulo benéfico que torna o leitor mais forte, uma vez que sempre está exposto às intempéries da vida.

Há, contudo, certos casos, certos casos patológicos, por assim dizer, de depressão espiritual para os quais a leitura pode tornar-se uma espécie de disciplina curativa e se encarregar, por incitações repetidas, de reintroduzir perpetuamente um espírito preguiçoso na vida do espírito. Os livros desempenham então um papel análogo para certos neurastênicos (PROUST, 2011, p. 36).

“Você que me lê me ajude a nascer” (LISPECTOR, 1999, p.33).

Esse apelo feito ao leitor instigando-o à entrega de si para que possa se deixar tocar pela leitura sem se preocupar com a dor de existir, do desamparo de estar no mundo, sem garantias e sem reservas. Deseja que o leitor se abandone nessa tarefa, pois na experiência total de ler não há diretrizes para o entretenimento, uma vez que põe o leitor em questão, tirando-o de si e eventualmente o transforma, como afirma a aluna Joana:

Gostei muito de ler os contos de Clarice... ainda não tinha lido...comecei a ler semana passada quando minha bisavó me deu um livro sobre ela... sobre um coelho pensador...que fala sobre um coelho que quer sair da jaula... achei uma leitura diferente... e era um livro infantil que ela escreveu... depois li da menina que gostava de ler... não lembro o nome...hum... era... [Felicidade Clandestina] isso professora... Felicidade Clandestina... parece que era eu... só fui entender o que significava isso (referindo-se ao título da obra) depois que a senhora conversou conosco. Eu também fico feliz quando estou lendo...Sabe tem aquele livro que prende a gente... a gente vai lendo...vai lendo... quando a gente vê já tá na metade do livro por que ele prendeu a nossa atenção... a gente viaja no livro... eu acho que Clarice criava um mundo... acho que ela gostava de ler e isso inspirou a vida dela. Ela escreve pra todas as idades.

Esse ritual de encantamento é perceptível no comentário da aluna, a qual ressalta o conto *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector, em que é narrada a saga de uma menina para conseguir ler um livro por quem tem grande estima. Quando o consegue nas mãos, a felicidade é tamanha, que explode dentro dela um êxtase ímpar: “A felicidade sempre iria ser clandestina para mim” (LISPECTOR, 1998, p. 18). E assim, num ritual de menina para mulher, o livro torna-se seu amante.

Sobre a experiência da leitura no conto *Felicidade Clandestina*, Lispector (1998, p. 9) revela: “Na ânsia de ler, eu nem notava as humilhações aquela se submetia, continuava a implorar-lhe os livros que ela não lia (...)”. Exemplifica muito bem esse desejo do leitor e expõe, através da personagem protagonista, o livro como objeto de desejo, elucidando essa sensação no trecho.

O conto narra a angústia da leitora diante das provocações da filha do dono de uma livraria, que, além de não gostar de ler, utiliza de atitudes cruéis para se recusar a emprestar seus livros para uma colega. Ao contar que possuía *As Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, dá início à saga sofrível da protagonista. A filha do dono da livraria sente inveja da colega de turma que, ao contrário daquela, é uma devoradora de livros. Com persistência, consegue, enfim, o livro, após o desmascaramento da trama feito pela mãe da garota má. Pronto. Lá estava o objeto do desejo. “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses” (LISPECTOR, 1998, p. 9). Quando consegue o livro de desejo mergulha no prazer da leitura, na felicidade – anteriormente clandestina – que essa experiência traz e transforma-se com ela – deixa de ser menina, deixa de ser quem é. “Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante” (LISPECTOR, 1998, p. 17).

O texto de Lispector assume uma característica convidativa, visto que ao passo que narra as desventuras de uma personagem, revelando as angústias da mesma, desafia o leitor, mergulhado nas entranhas da leitura, a experienciar tais sensações. E nos apresenta a

existência humana, com todas as suas dimensões: a alegria, o sofrimento, a angústia, o medo, a morte. A condição humana é característica sempre presente nas obras da autora.

Essa característica da literatura clariceana lhe confere uma importante função: tornar o mundo compreensível ao leitor permitindo a vivência de outros contextos e tempos. A literatura é uma experiência singular, na qual a subjetividade se encontra numa condição incomum, do ser e da presença, da consciência e da verdade, da unidade e da totalidade. Sendo assim, a literatura, é um espaço de ressonância, um encontro entre o escritor, o texto e o leitor. Nas palavras de Yunes (2003a, p.15):

(...) a literatura, porta mágica para tornar-se leitor, não reclama compreensão de texto, interpretação da obra ou explicações – tudo isto é corolário da *experiência* da literatura. Quando o leitor se deixa tocar e realiza de maneira, primeiro, desconstrutora, depois constitutiva, seu enlace com a linguagem, com que esta antes e depois dela como expressão e forma – sensações e percepções inominadas -, a leitura torna-se experiência da gratuidade do verbo e opera de modo contínuo e não-consciente no fortalecimento da subjetividade e da ação crítica.

Quando o leitor descobre que pode ir a qualquer lugar com um livro na mão e que, com ele, nunca estará sozinho, a leitura passa a fazer parte de sua prática cotidiana, a descoberta dessa “clandestina felicidade” que é ler. O prazer estaria incluído nesta experiência, nesta descoberta, pois, literalmente, ler assumiria a condição de um excelente passatempo. O leitor viaja por outros mundos, mergulha em outra realidade sem se alienar desta e o tempo passa. E assim, os livros os devolvem a vida por outro viés. Faz descobertas sobre si mesmo, sobre o mundo, sobre as possibilidades da linguagem, sobre as possibilidades de se comunicar com o outro.

Nesse âmbito, os comentários de João nos levam a perceber que *“A leitura estimula a gente a ter novos conhecimentos. A conhecer novos lugares... aí você vai lendo e vai descobrindo ...imaginando coisas... como se tivesse dentro do livro”*.

É notório considerar, portanto, que ler é uma experiência perturbadora, pois o leitor se vê transformado em um sujeito que poderá ser capaz de afetar e ser afetado em seu convívio social, uma vez que a leitura não é uma simples questão de examinar ou tentar comprovar as ideias comprovadas pelo escritor. Ler é um encontro íntimo do leitor com o texto e este deverá estar aberto para ir ao encontro do escritor e nesse encontro se transformar, se reinventar, pois é a sua predisposição a mudança que altera sua leitura e projeta nos textos lidos o seu desejo de redescobertas e respostas para seus questionamentos.

Imagem 3 - Aluna atuando na peça *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em dezembro de 2016.

Segundo Larrosa (2002), os livros possibilitam ao leitor múltiplas e infinitas leituras. Como o mundo está para ser lido nós mesmos o estamos. Depois de atuar sobre a obra *Felicidade Clandestina* a aluna Carla comenta:

Quando encenei a obra Felicidade Clandestina a peça mostra o quanto a menina tinha amor pelos livros... aí eu percebi que não tenho tanto esse amor que eu deveria ter... mas a representação e a leitura do livro de Clarice me estimulou a ler... a peça me levou a entender que a leitura é muito importante. A personagem que eu fiz era Cecília, uma menina apaixonada por livros... esse livro também fez eu pensar nas pessoas... às vezes muito colegas são egoístas não gostam de ajudar outros colegas...são iguais a filha do homem da livraria. Acredito que dependendo do que o livro te diz ele pode sim mudar a vida de alguém.

Ao atuar na peça e ao ler a obra de Clarice *Felicidade clandestina* a aluna foi tocada em sua sensibilidade, pois os textos literários podem nos mostrar a realidade que queremos ver, a que não queremos e a que nem sabíamos que existia. O leitor mobiliza seu lado emocional e entrega-se por completo à obra, pois é na leitura que este pode encontrar outras vozes que lhe falem de perto.

E quem é o leitor? O leitor é aquele que ama em silêncio, é solitário e às vezes busca companhia nos livros. Ele precisa de alguém que o encante, que o conquiste. Que o faça desabrochar contando coisas novas, novas histórias sejam elas de amor, terror, tristeza, alegrias, românticas, piegas. Que mostre a ele lugares, caminhos, sonhos, dúvidas! Não lê por obrigação, mas porque é um apaixonado pelo livro. O leitor ignora o que o espera. Ele acolhe o livro de uma maneira que o faça tornar aquilo que realmente a obra é, ou seja, um espaço de ressonância.

Dessa maneira, a leitura envolve o corpo e alma do leitor, é um ato subjetivo e cognitivo, pois inicia o movimento do corpo que acompanha a direção do olhar. Assim, “todas as formas de conversão não são outra coisa que um girar de olhos (e com o girar dos olhos, um giro de todo o corpo e toda a alma) em direção de outra coisa mais essencial ou mais verdadeira” (LARROSA, 2015, p. 105).

No ensaio intitulado “Leitura e metamorfose: em torno de um poema de Rilke” Larrosa (2015, p. 24) desafia nossa tentativa, enquanto leitores, de apropriação e controle do texto a partir do que somos. Permitir essa experiência da leitura implica um descolamento do que somos e uma certa inquietude, um caminho para fugir do pensamento único e da limitação do já descoberto. Assim, na experiência da leitura haveria uma espécie de despersonalização do leitor que:

[...] nem sequer sua mãe o conheceria. No seu abandonar o primeiro ser e em seu abandonar-se à leitura, o leitor perde qualquer vínculo com sua mãe, se “desmaternaliza”. Sua mãe não estaria segura dele como ele já não está seguro de si mesmo sem sua mãe, estando como está, fora da segurança de sua mãe. “Desmaternalizado” e descontrolado, fora de si, subtraído de sua origem e arrancado daquilo que lhe poderia dar segurança, o leitor já não tem direito ao pronome pessoal [...] (LARROSA, 2015, p. 107).

Há diálogo entre o leitor, a sua presença no mundo e o universo apresentado nos textos, pois a leitura tem a capacidade de ensinar-nos a ver as coisas de outra maneira. A linguagem da ficção chama o leitor não para o que ele não sabe, mas o coloca em contato, de acordo com Blanchot (2005), com “o outro de todos os mundos”. Segundo ele, a literatura pode constituir-se:

[...] não como uma realidade definida e segura, nem mesmo como um modo de atividade precisa: ela é antes aquilo que não se descobre, não se verifica e não se justifica jamais diretamente, aquilo de que só nós nos aproximamos desviando-nos, que só se capta indo além dela [...] (BLANCHOT, 2005, p. 292-293).

A descoberta do mundo é para nós um mistério, tanto quanto a improvável descoberta da literatura e seus mundos. Pensamos que a experiência de leitura é essencialmente individual e inovadora, por que os textos literários levam o leitor muita além de sua vivência, leva-o ao mundo do desconhecido, ao mundo objetivo e subjetivo, pois suscita nele dúvidas, debates, inquietações. Trata-se de um desabrochar da leitura, seus mundos, seus sentidos. Transforma o seu olhar sobre o mundo, daí também a forma de o leitor se relacionar com a realidade, com ele mesmo e com as pessoas à sua volta. Torna o leitor alguém sensível, mais observador e atuante diante da miserabilidade da condição humana.

A leitura nos oferece um mundo repleto de sentidos e de todas as coisas que nele habitam, tornando a experiência individual do leitor em uma experiência singular diante de outros seres.

O mundo das minhas primeiras leituras – “os textos”, as palavras, as letras daquele contexto, cuja percepção me experimentava e quanto mais o fazia mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnava em uma série de coisas, de objetos e sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com os meus irmãos mais velhos e com meus pais. Os textos, as palavras, as letras, naquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros: o do sanhaço, o do olha-procaminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá, na dança da copa das árvores, só parados por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos. (...) (FREIRE, 1995, p. 30).

A experiência de Freire (1995) com a leitura, nos permite entender que a escrita literária faz-nos olhar as palavras de maneira única e especial, e mobiliza-nos para, ao mesmo tempo em que nos deliciamos com elas – as palavras –, possamos viver uma história que nos leva a entrar pela página adentro, levados pelo fascínio dessa construção artística que poucos dominam.

Ler um texto literário é uma experiência única, cujas impressões e reflexões ganham novas interpretações quando podem ser compartilhadas. Assim, a leitura tem que ser prazerosa, espontânea, capaz de fazer o leitor sentir emoções e vivenciar suas experiências ao ler uma obra literária.

No encontro com o livro, o leitor é mudado por aquilo que ler. Ao longo dessa experiência, encontra-se mergulhado completamente e acolhe as palavras impressas como se fossem o seu próprio destino. Assim nos fala o aluno Carlos:

A leitura envolve uma vontade de conhecer a si mesmo...uma vontade de conhecer o outro... porque a gente fala como a pessoa que pensa... que conhece o outro, mas se for conversar com a pessoa assim não vai conhecer e através da leitura a gente vê vários pontos de vista e na Clarice isso é evidente... acabamos conhecendo o que é humano...o que não é...acaba entendendo e isso vai ficar na nossa cabeça... por que, por exemplo, o fato de ser ficção a gente acha que nunca pode acontecer na vida da

gente, mas pode acontecer na vida de outra pessoa... aquilo que está escrito pode nos levar a outra concepção...pode até mesmo entender o que o outro está passando. Porque podemos perceber através da leitura o que se passa ao nosso redor, por exemplo, a gente só tem uma vida, mas através da leitura e como se a gente tivesse várias vidas diferentes, conhece vários mundos... leitura pra mim é um hobby....

Larrosa (2002, p. 101), ressalta no texto “Leitura e Metamorfose” que “A relação entre o presente no texto e o ausente, entre o dito e o não dito, entre o escrito e um mais além da escrita: a leitura situar-se-ia justamente no modo como o presente assinala o ausente, o dito aponta para o não dito, o sentido se situa para além do escrito.”

O leitor, conforme afere Larrosa (2002), seguindo os rastros de Blanchot (2005), ao escutar a obra - ao escutar o clamor do *fora* -, é seduzido de tal forma por ela que passa a se encontrar em uma experiência intensa, vivenciada como fundamental, cujo comprometimento e engajamento se parecem com os do escritor na experiência de escrever literatura. É justamente por isso que essa experiência de leitura é uma experiência subjetiva. Esse encontro não é sentido como um dever, mas como um destino.

Assim a leitura deve modificar o leitor. Mas como expressar o que o leitor sente ao ler um livro? Qual influência este livro tem sobre a sua vida? Transformou o seu olhar sobre o mundo, a forma de relacionar-se com a realidade, consigo e com as pessoas próximas e queridas? Tornou-o alguém melhor, mais observador e sensível diante da miserabilidade da condição humana? Tais respostas poderão ser dadas de acordo como o leitor concebe a literatura e a relação que este tem com a leitura. “A conversão do leitor só se cumpre plenamente quando ergue o olhar, mostra a transformação do seu olhar e experimenta o mundo de outra forma” (LARROSA, 2015, p. 105).

Através da leitura somos capazes de sair de nós mesmos, e manter sempre aberta a interrogação acerca de quem somos. “Na leitura e na escrita, o eu não deixa de fazer, de se desfazer e de se refazer” (LARROSA, 2015, p. 40). Só assim escaparemos, ainda que provisoriamente, de lermos e escrevermos por obrigação. E, assim, para que a experiência da leitura resulte em formação é necessário que o leitor também fale junto com o texto, pois “Somente a ruptura do já dito e do dizer como está mandado faz com que a linguagem fale, deixa-nos falar, deixa-nos pronunciar nossa própria palavra” (LARROSA, 2015, p. 145).

Pode-se ressaltar que a leitura não se constitui em um ato solitário, nem em atividades individuais; o leitor é sempre parte de um grupo social, certamente carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida.

Mário Quintana dizia que ler é o único modo de se estar sozinho e acompanhado ao mesmo tempo. Pois o livro é um mundo, o mundo de leitura de seu autor e de seus personagens, dialogando com o mundo do leitor. Dessa maneira, ao ler um texto ou um livro, o leitor interage não propriamente com o texto, mas com os leitores virtuais, que são constituídos no próprio ato da escrita. O autor os cria em seus textos e o leitor real, lê o texto e dele se apropria. O texto passa assim a exercer uma mediação entre sujeitos, tendo a influência de estabelecer relações entre os leitores reais ou virtuais.

Ideias que podem ser observadas no relato da aluna Paula:

O livro é como se fosse... como eu posso dizer... um universo... é um universo quando tu entra no livro... tu te sente sei lá.... diferente... é isso diferente. Teve uma vez que eu passei dois dias lendo um livro de... sei lá quatrocentas e algumas folhas... eu não imaginei que fosse terminar... tipo... tu tem que se identificar com o livro...tu tem que ler o que gosta. A leitura muda o jeito da gente olhar as coisas... e o livro...pra mim...é meu mundo.

Destaca-se que o contato que ao ler obras literárias, o leitor tem a possibilidade de conhecer e compartilhar experiências, de enxergar a realidade de maneira ampliada, para além do seu universo habitual. A cada nova leitura o leitor não é o mesmo, novas sensações são percebidas pois ele tende a identificar-se com o herói da estória, vivendo a vida do outro, sentido a dor do outro e suas emoções. Assim, para aluna Paula a leitura literária encanta, incomoda, provoca, a faz pensar, não se fecha, mas se abre para novas possibilidades, pois a transporta para um universo diferente.

A experiência da leitura é única e nova, ela desabrocha o leitor para o mundo. Transforma o olhar sobre o mundo e a maneira do leitor se relacionar com a realidade, com ele mesmo e com as pessoas, contribuindo, assim para a sua formação e transformação.

As leituras literárias são portas para as vivências que o indivíduo não teve, ajudam a compreender melhor o mundo, exercem grande influência e podem sofrer modificações dependendo de como elas toquem os leitores. Todo leitor é, quando está lendo, um leitor de si mesmo. Proust (2011, p. 33), no ensaio “Sobre a leitura”, afirma que: “Não se pode ler um romance sem atribuir à heroína os traços da mulher amada”.

Ao lermos a nova obra-prima de um homem brilhante, ficamos felizes em descobrir reflexões nossas que havíamos menosprezado, alegrias e tristezas que havíamos reprimido, todo um mundo de sentimentos que havíamos desdenhado e cujo valor nos é repentinamente ensinado por aquele livro. (PROUST, 2011, p. 40)

Ainda, segundo Proust (2011), a leitura é capaz de nos dar algo que acende o desejo, mas não pode preenchê-lo. Ao acender este desejo, ela desperta a vida do espírito, mas não

pode substituí-la. A leitura é algo que nos leva a limitar a vida e o espírito, mas não a constitui.

Quem deve constituir a vida é o leitor, o mesmo deve de algum modo descobrir por si só o seu universo.

Na verdade, todo leitor é, quando está lendo, é o leitor do seu próprio eu. O trabalho do escritor é simplesmente uma espécie de instrumento ótico oferecido ao leitor para lhe permitir distinguir o que, sem o livro, ele talvez nunca fosse vivenciar em si mesmo. E o reconhecimento em si próprio, por parte do leitor, daquilo que o livro diz é aprova de sua veracidade (PROUST, 2011, p. 34).

Ir além das palavras e da imaginação, compreender a subjetividade da obra é movimento de construção de aprendizagens, pois o texto se apresenta como uma operação cuidadosamente planejada, executada pelo autor, para provocar, no leitor, potenciais reações. Então, em cada nova leitura, ocorre algo semelhante a uma descoberta de nossos desejos e predileções. E a literatura é uma dimensão que deverá ser pensada por outro sentido, isto é, um sentido estético e formativo, e ao incentivar o aluno ao hábito da leitura que ele consiga ler por gosto e não por obrigação na escola e buscar com isso mudar sua concepção em relação a sua formação quanto leitor.

2.1 Literatura e libertação

O que é que se tornou importante para mim? No entanto, o que quer que seja, é através da literatura que poderá talvez se manifestar.
(LISPECTOR, 1999a, p. 21)

A leitura literária nos traz um universo todo especial, e é por este contato que tentamos reconhecer o mundo que nos cerca e a nossa própria subjetividade dentro de um simples texto. No encontro com esses dois mundos é proporcionado ao leitor diferentes olhares e interpretações, e se é uma leitura que prende o leitor ele gosta e pronto e ao fechar o livro não é mais a mesma pessoa. Fica afetado, cheio de afetos e sentimentos.

A aluna Carla, ao ser questionada sobre como a leitura ajuda a compreender o mundo que a rodeia, responde:

Assim... como posso dizer...eu tava numa situação...era o meu espírito que tava mal...era a minha alma...parece que minha alma tava cortada...aí eu vim buscar aqui um livro (refere-se à Sala de Leitura)...procurei e achei o livro... sabe parece que tudo o que tava escrito era pra mim...quando eu terminei eu senti uma paz... e consegui transmitir paz... eu me confessei... fazia tempo que eu não comungava

(suspirou profundamente) sabe...saiu um peso das minhas costas... era o peso da minha alma que tava me puxando pra baixo.

A autora de livros infanto-juvenil Ruth Rocha, em sua obra *Pra que serve?* (1986), começa e termina com a mesma indagação: “Pra que serve uma história? Pra divertir? Pra ensinar? Pra passar mensagem, como se passa um bilhetinho pros namorados?” E responde: “Nada disso, minha gente. Uma história serve pra se ler...”. E continua afirmando que serve para despertar o imaginário, serve para alertar os sentidos, serve para tocar a emoção, serve para aguçar a perspicácia do leitor, isto é, a leitura literária alarga seus horizontes, estimulando-o a imaginar cenários e situações, a entrar na pele dos personagens e a sentir o que eles sentem.

No ato de ler, o leitor, em vários momentos, é surpreendido por uma emoção. Seja ela uma inquietação, como em Clarice Lispector, ao compreender que Macabéa, personagem da obra, *Hora da Estrela*, só alcança a grandeza do ser na hora da morte, ou um pavor indizível ao ouvir o grito do povo ao vibrar cada ultrapassagem de Judah Ben-Hur na corrida de bigas ao tentar derrotar seu inimigo Messala (*Ben-Hur*, Um conto sobre Cristo, 2012). A emoção se antecipa ao próprio entendimento; porém, ambos são fruto da mesma experiência. O leitor sente-se diferente de si mesmo durante o tempo da leitura, mesmo que temporariamente, ele se torna capaz de compreender melhor a diversidade que preside as relações sociais.

A experiência da leitura é a nossa aventura, a história romântica que vivemos pelo simples ato de abrir um livro. Algo do encanto da descoberta da infância permanece em cada livro, em cada troca de página. Para muitos a leitura é sinal de felicidade.

O leitor mergulha no mundo da linguagem, que é por si um mundo paradoxal e nesse mundo a leitura proporciona a ele experiências sejam elas boas ou não que o acompanharam para a vida toda. Nesse sentido, o aluno Luís comenta:

Eu leio pra me libertar...sei lá... é meio chata a minha vida (risos) ...brincadeira... pra me libertar do cotidiano por que eu fico olhando pra mim (ficou em silêncio) é... verdade é que eu gosto de ler pra passar o tempo, me divertir um pouco...é mais ou menos isso: uma libertação... porque eu liberto a minha mente para conhecer coisas que talvez em nunca venha fazer ou que eu sei que talvez um dia faça e que naquele personagem eu possa tá tomando o mesmo rumo dele ou posso tá tomando como exemplo pra eu não seguir o rumo dele... porque a leitura nos faz isso.

Essa experiência literária revelada por Luís nos leva a pensar que a literatura permite ao leitor sonhar, pensar e repensar a vida; olhar um mundo de uma forma reflexiva; indagar o contexto; questionar sobre as situações em se vive; perguntar por que isso acontece e por que acontece dessa forma e não de outra?

Muitos são os questionamentos dos alunos a respeito do seu papel no mundo. E dentro deste contexto encontra-se a escola: Por que estudar? Qual o meu papel aqui? Para quem aprendo? Indagações que fazem os jovens sentirem-se aprisionados dentro do ambiente escolar. Nesse ínterim, a pesquisa de mestrado fez sentido, pois muitos alunos veem na leitura literária e no espaço da sala de leitura um oásis de ressignificação que pressupõe liberdade, a partir de múltiplos olhares.

Um mesmo livro lido em momentos diferentes pode ter suas interpretações revistas e atualizadas pelo cotidiano do leitor. Ao longo da leitura é possível despertar as experiências antigas, reconstruir algum sentido que a memória não havia armazenado. Ou, inversamente, encontrar algum tipo de preparação para os acontecimentos futuros. Uma vez que se a realidade pode ser, senão transformada, pelo menos será compreendida com maior profundidade. A prática da leitura também deve dar lugar a um processo de identificação para que se possa apreender a experiência literária na sua singularidade.

No livro *Sobre a Leitura* (2011), Proust destaca a importância do ato de ler. Relata sua história com os livros, e assim, diante deles, busca conhecimentos por meio de práticas leitoras. Nos revela que:

Talvez não haja na nossa infância dias em que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aquele que passamos na companhia de um livro preferido (...). Quem, como eu, não se lembra dessas leituras feitas nas férias, que íamos escondendo sucessivamente em todas aquelas horas do dia que eram suficientemente tranquilas e invioláveis para abrigá-las (PROUST, 2011, p. 9-10).

Quando tocados pela experiência leitora, o leitor é convidado a se aventurar em um território anteriormente desconhecido, já que o encontro com o objeto literário produz muitas descobertas. Observe o que descreve a aluna Marcela nesse processo de experiência literária:

Quando li Clarice fiquei espantada... li primeiro trechos da obra dela que falava sobre a vida... ela falava algo tipo assim... que passa quase com todo mundo... algo que a gente sente... sentimentos algo que acontece. Na pintura da parede eu vi no quadro uma frase e então vim emprestar o livro dela ... li o conto Obsessão falava da mulher submissa...tipo assim... sem liberdade...sem vontade própria...ela (nesse caso Clarice) mostra pra gente como é a vida e de alguma maneira aprendi com isso a melhorar... a ter cuidado. Ao ler Clarice ela passa a mensagem de que temos que aproveitar a vida...a refletir também...ainda hoje acontece muita violência contra a mulher... de certa forma somos submissa... sei lá.

A partir desse comentário discutiu-se na Sala de Leitura o papel da mulher na sociedade e as diversas formas de desigualdade, violência e opressão que o sexo feminino vem enfrentando ao longo dos anos. Ressaltou-se que apesar dos avanços dos direitos das mulheres, ainda há um grande abismo que separa mulheres e homens de caminharem no mesmo patamar em aspectos profissionais, financeiros e sociais. Ainda há muitas mulheres são subjugadas aos dos maridos. Pode-se dizer que as obras clariceanas provocam no leitor reflexões, inquietações, dúvidas. A realidade da vida é articulada à realidade “ficcional” de Clarice. O leitor toma como seus os conflitos e anseios dos personagens, despertando nele o desejo de compartilhar com os outros com os quais convive, impressões e experiências sentidas e vivenciadas.

Quem nunca se encantou com as tramas, as aventuras envolvendo heróis que embalaram a nossa infância, como as personagens de *Moby-Dick*, *Robinson Crusóé*, *Alice no País das Maravilhas*? Quem nunca se sentiu pesaroso pelo destino trágico de *Romeu e Julieta*? *Do Primo Basílio*? Quem não se deixou seduzir pelos “olhos de cigana oblíquos e dissimulados” de Capitu, em *Dom Casmurro*, ou se surpreendeu com o destino de Macabéa, em *A Hora da Estrela*? Segundo Coelho (1991, p. 15):

(...) o mundo imaginário oferece espaço para o repouso das agressões cotidianas. O enredo apresenta coerências que os fatos recusam. O discurso ficcional, disseminando palavras elide o silêncio e o medo da morte. Neutralizada a aspereza da vida no tempo da literatura, o leitor se reaparela para enfrentá-la com renovado vigor.

Diante disso, ratifica-se que a literatura é algo que diz respeito às impressões individuais e que exige emoção e sensibilidade. A realidade da literatura consiste justamente numa realidade imaginária. “O imaginário não é uma estranha região situada além do mundo, é o próprio mundo, mas o mundo como um conjunto, como um todo” (BLANCHOT, 2005, p. 305).

Sendo o alvo da literatura fornecer condições para uma visão da grandeza e da miséria humana, ler deve ser então uma atividade intransferível e inegável a qualquer pessoa. Isso porque a literatura deve ser lida com elementos essenciais à vida, que vão desde a posição do homem em relação a Deus, à natureza, à organização social até os mais profundos sentimentos como o amor e o ódio.

Por outro lado, se o homem desde a época das cavernas revelava uma das condições básicas do ser humano que é o seu impulso para ler e compreender o mundo que o cerca e os seres com os quais convivem, deixando impressas nas rochas a expressão de suas experiências

vitais, também o homem moderno deve abrir-se às experiências fascinantes desse universo mágico que só uma obra literária pode oferecer.

Enfim, o leitor deve navegar pelos mares infindáveis da imaginação, pois nesse mundo contemporâneo o leitor é ameaçado a todo o momento a encarar um estilo de vida baseado na ausência de valores e de sentidos para a vida. A literatura se oferece como um espaço de liberdade onde se apagam os limites entre o real e a ficção, o no qual o leitor pode resgatar sua própria realidade. A leitura literária é o canal que leva enigmas ao leitor e este não poderá ser apenas um receptor, passivo das leituras realizadas por/com/para ele. Deve ser um multiplicador de emoções, alegrias, esperanças e de todas as possibilidades de sentimentos que uma obra literária possa aflorar.

Imagem 4 - Leitura do conto *Feliz aniversário* com os alunos para a apresentação da performance.



Fonte: Acervo da Pesquisadora. Registro novembro 2017.

As práticas leitoras experienciadas no universo da Sala de Leitura Clarice Lispector nos permitiram admitir a ideia de que o leitor, ao mergulhar na leitura literária, é convidado a questionar os próprios hábitos e convicções. Mas os leitores na experiência não apenas compreendem perfeitamente o que leem, também são abertos ao texto. Assim, os leitores foram atravessados por componentes subjetivos e textuais que ressoavam em um campo de batalha na produção do entendimento e do acolhimento da obra.

A experiência depende, portanto, dessa abertura, da escuta, da sensibilidade do leitor. Para isso, o sujeito da experiência, segundo Larrosa (2015, p. 11), deve ser um “sujeito exposto, vulnerável”, disposto a não se reconhecer no espelho, a formar ou transformar sua própria linguagem, formar ou transformar seus próprios pensamentos, formar ou transformar seus próprios sentimentos.

Um ato de ler ora pede um debruçar sobre as páginas, estudo profundo, numa incansável busca, ora pede a ausência do pensar; do raciocinar, que procura, não só desvendar o mistério oculto das palavras, mas, antes, talvez, deliciar-se com seus segredos, como abordara Proust (2011, p. 33).

E nisto reside, com efeito, um dos grandes e maravilhosos caracteres dos belos livros (que nos fará compreender o papel, ao mesmo tempo essencial e limitado que a leitura pode desempenhar na nossa vida espiritual) que para o autor poderiam chamar-se “Conclusões” e para o leitor “Incitações”. Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos.

É importante que o leitor sinta emoção ao ler um texto literário e que o possibilite a pensar sobre o que leu e possa trocar suas opiniões, sentimentos e ideias. Essa é a função integradora da literatura.

Ler um texto literário é uma experiência única cujas impressões e reflexões ganham novas interpretações quando podem ser compartilhadas. Podemos ler o mesmo livro e não estamos lendo da mesma maneira, porque cada leitor é único e cada leitor traz para essa leitura as suas vivências, a sua própria história. Isso é sempre um ato também de interpretação e sentido. Na verdade, ler é um exercício de compartilhar experiências.

Como bem afirma a aluna Gabriela:

Quando li o conto Feliz aniversário e depois apresentei a performance aqui na Sala de Leitura... o que Clarice passou é a realidade...acontece muito de gente maltratar idoso..., mas eu vivi um caso contrário na casa onde eu morava, a idosa tinha 95 anos e a filha dela cuidava muito bem dela... tipo... eu cuidava dela...fazia as comidas pra ela... dava banho...fazia tudo...em tudo ajudava a filha dela. Tanto que ela morreu no dia do meu aniversário...eu não viajei pra passar com a minha família... eu chorei muito... e quando eu vivi a Dona Anita do conto me lembrei da senhora que tomava conta. Clarice mostrou o descaso com o idoso, a falsidade entre as famílias. Eu presenciei uma experiência diferente... eu pude me colocar no lugar daquela mulher.

A participação da aluna na peça *Feliz aniversário* proporcionou a ela experimentar o outro lado da vida do idoso, não aquele que ela vivenciou um dia ao ser cuidadora de uma

idosa, mas o lado desumano e cruel que muitos dos idosos enfrentam, como: abandono, desprezo, maus-tratos, a hipocrisia familiar. No conto, o processo de silenciamento é pano de fundo para tematizar o isolamento, a marginalidade e a exclusão familiar por que passa a velhice.

O contato com a obra clariceana, através da performance literária, oportunizou os alunos a testemunharem um universo familiar marcado pelo desprezo, pela hipocrisia e pelo egoísmo não só em relação ao idoso, mas em todos os níveis da relação familiar: mães, filhos, maridos, noras, cunhados e irmãos, propiciando-lhes uma reflexão e quiçá uma mudança de atitude em relação aos idosos com os quais convivem.

Imagem 5 - Apresentação da performance do conto feliz aniversário.



Fonte: Acervo pessoal da professora. Registro dezembro de 2017.

Essas performances apresentadas coadunam ao que enfatizara o escritor João Ubaldo Ribeiro, ao afirmar que a leitura também é uma experiência corporal:

Um pouco febril às vezes, chegava a ler dois ou três livros num só dia, sem querer dormir e sem querer comer porque não me deixavam ler à mesa -- e, pela primeira vez em muitas, minha mãe disse a meu pai que eu estava maluco, preocupação que até hoje volta e meia ela manifesta.

- Seu filho está doido - disse ela, de noite, na varanda, sem saber que eu estava escutando. - Ele não larga os livros. Hoje ele estava abrindo os livros daquela estante que vai cair para cheirar.

- Que é que tem isso? É normal, eu também cheiro muito os livros daquela estante. São livros velhos, alguns têm um cheiro ótimo. (RIBEIRO, 2008, p. 22)

A experiência da leitura tem esse poder estranho, uma energia única que cerca cada leitor, acende a imaginação, despertando em cada um a capacidade de imaginar o como seria e

o que poderia ser. Dentre muitos poetas e pensadores, podemos nos reportar ao primeiro autor que se referiu à leitura como sinônimo de alegria e felicidade.

Para Proust (2011), a leitura é capaz de nos dar algo que acende o desejo, mas não pode preenchê-lo. Ao acender este desejo, ela desperta a vida do espírito, mas não pode substituí-la. A leitura é algo que nos impulsiona para a vida. Abre as portas e faz morada em nossas vidas. A literatura de modo em geral amplia e diversifica nossas visões e interpretações sobre o mundo e da vida como um todo, pois são inúmeras as possibilidades de mergulhar no mundo da fantasia e da realidade encontradas no mundo das palavras.

Sendo assim, é possível considerar que ao ler atribuímos nossos próprios sentidos ao que foi lido, e a cada leitura, ainda que seja do mesmo texto, novos detalhes podem ser percebidos. A esse respeito nos fala Levy (2011, p. 25):

É certo pois que a literatura fala de realidade, mas não de uma realidade familiar, dada pelo mundo cotidiano. O realismo da ficção joga o leitor num mundo de estranhamento, onde não é mais possível se reconhecer. A ficção aparece como o inabitual, o insólito, o que não tem relação com este mundo nem com este tempo – o outro de todos os mundos, que é sempre distinto do mundo. Mas ao mesmo tempo em que nos retira do mundo, nele nos coloca novamente. E nós o vemos então com outro olhar, pois a realidade criada na obra abre o mundo um horizonte mais vasto e ampliado.

Ressalta-se, pois, que a experiência da leitura é individual e subjetiva, mas é também uma experiência que se transforma no encontro com o outro, como o olhar do leitor sobre o mundo, em infinitas travessias. É o que pode ser percebido nos comentários de Fernando:

Eu li A via-crúcis do corpo... um livro que combina várias histórias mínimas de Clarice. Como eu disse (refere a uma fala anterior sobre Clarice) ela viaja através de suas obras...uma dessas histórias curtas... vou lembrar o nome...hum era um conto... (parou para pensar) Miss Algrave...é esse o nome... eu vi uma pessoa que ficava criticando todo mundo porque era uma pessoa conservadora, uma pessoa muito religiosa... criticava as prostitutas. O seu chefe...todos... só gostava de ser elogiada... fazia até artigo de opiniões para criticar os outros, mas no momento que ela se deu ao prazer (podemos dizer rss) de conhecer a si mesmo, de conhecer seus desejos, de conhecer o outro... o desejo das outras pessoas que criticava... acabou mostrando que ela sendo mais crítica ela foi mais julgada pelos seus próprios erros...acabou se tornando uma prostituta. Interessante como Clarice mostra muito desses sentidos em sua obra...esses personagens que num momento tu pensa que são uma coisa e de repente são outra e acaba mudando toda a tua perspectiva...acaba tendo toda uma epifania...Clarice é interessante.

Clarice é interessante! Diria que ela nos ensina não apenas a viver neste mundo, mas a buscar neste mundo – e nas coisas e nas pessoas - o “delicado essencial” como ela mesma escreve na obra *A hora da estrela*. Toca de leve o mundo e assim a vida acontece nos

instantes do agora, pulsante indomável, arrebatadora que quando nos damos conta já passou “cada minuto que vem é um milagre que não se repete” (LISPECTOR, 1999f, p. 108), uma epifania que faz surgir facetas nunca dantes experimentadas.

Imagem 6 - Performance do texto *Sou uma pergunta* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro dezembro de 2017.

Sou uma pergunta, nos fala Clarice. Durante as performances clariceanas, ao serem questionados os alunos sentiram-se desconcertados diante das indagações de Clarice. E agora? O que responder? Quais são as minhas indagações? E o que quero saber sobre o outro? E o que o outro sabe sobre mim? Geralmente temos medo da sensação de olharmos para dentro de nós mesmos e de repente nos descobrirmos imperfeitos. Uma vos “Não sei falar de mim”. E esse mister de medo e aflição de revelar para outro tomou conta do ambiente. Os olhares se entrecruzavam e ninguém se atrevia a responder. Ao ler ou ouvir Clarice os leitores sentem-se presos às amarras invisíveis do mundo.

Clarice questiona. Indaga. De onde? Para onde? Por quê? Quem somos? Ensina a enfrentar o mundo. A descobrir o encoberto. Buscar nas pessoas, nas coisas, nos fatos o delicado, o essencial, o prazer, pois toca de leve o mundo. Só um sopro. Uma brisa leve.

Para o leitor a experiência de ler Clarice e de representar suas obras transforma as estruturas e deixa de lado o sentido utilitário da experiência humana, já que Clarice mostra outras possibilidades de existir sem que nem por quê.

E eis que depois de uma tarde de ‘quem sou eu?’ e de acordar há uma hora da madrugada ainda em desespero – eis que às três horas da madrugada acordei e me encontrei. Fui ao encontro de mim. Calma, alegre, plenitude sem fulminação. Simplesmente eu sou eu. E você é você. É vasto, vai durar (LISPECTOR, 1999c, p. 63).

Segundo Candido (1985), a literatura, enquanto espaço de reflexão sobre si e sobre o outro, é essencial para a formação do sujeito. Por esse motivo a sala de leitura no espaço escolar é imprescindível para a formação do jovem leitor, pois nela poderemos agregar sonhos, vozes, ressonâncias e experiências leitoras que poderão ecoar no mundo. Experimentar ser uma pergunta! Sou uma pergunta?

3 O DESABROCHAR MOVENTE DA LITERATURA NA SALA DE LEITURA CLARICE LISPECTOR

Eu escrevo sem esperança de que o que eu escrevo altere qualquer coisa. Não altera em nada.... Porque no fundo a gente não está querendo alterar as coisas. A gente está querendo desabrochar de um modo ou de outro...

(LISPECTOR, trecho de uma entrevista)

Adentrar naquele espaço. Correr os olhos pelos livros dispostos nas estantes. Escolher um deles. Dirigir-se a mesa mais próxima. Ou solicitar que o leve para casa. Ou melhor ainda: deixar-se escolher por uma obra literária. Eis alguns encantos e encontros de leitores que a Sala de Leitura Clarice Lispector vivenciara.

Imagem 7 - Hora do recreio. Momento no qual os alunos aproveitam para iniciar ou continuar a leitura de alguma obra.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em setembro de 2016.

Desde os primeiros movimentos da pesquisa na Sala de Leitura, o espaço foi ganhando diferentes olhares. Os alunos liam e trocavam livros entre si, discutiam as leituras, produziam textos para o Jornal Escolar, a exemplo da aluna Valéria, da turma do 3º ano, que comentou sobre importância da leitura: “Gosto muito de ler... romance, lendas... gosto de ler... eu tenho pra mim que quem gosta de ler sabe escrever...a Sala de Leitura nos ajuda na leitura. Os livros que leio são esses daqui... eu gosto muito de vim aqui”. Juntos nesse novo ambiente de leitura

compartilhamos sonhos e desejos, um livre transitar pela literatura e pela arte, sem imposições disciplinares.

A respeito da ressignificação do espaço o aluno Paulo analisa:

A diferença aqui é a harmonia e a diversidade...somos cercados de arte. Já fui em outra Sala de Leitura, mas não senti vontade de ler... era um amontoado de livros... é maçante tu olhar pra trás e ver uma prateleira enorme de livros, parecem que eles querem te sugar. Tem uma força neles...como falaste...uma leitura por obrigação. Mas aqui? Não. Eu vejo o livro nos convidando à leitura. São eles que querem me proporcionar alguma coisa e não sou eu que estou sendo obrigado a ler eles, mas eles que estão pra me servir... para conhecê-los. Não é só um local para armazenar livros, mas um local que eu me sinto em harmonia.

Neste capítulo, descreverei os processos cartográficos de composição das experiências de leituras literárias empreendidos na Escola de Ensino Médio pesquisada nos anos de 2016 e 2017, especificamente no espaço “Sala de Leitura Clarice Lispector”, um espaço que passou a agregar leitura, sonhos, experiências, convívio, poesia e arte. Em seguida, adentrarei aos cenários dos encontros com Clarice e da descoberta de mundos na relação texto-leitor.

Para iniciar, irei rememorar como se deu a reconstrução do espaço da Sala de Leitura Clarice Lispector a partir dessa nova perspectiva de leitura, enquanto experiência que vai além de uma leitura realizada para conhecer algo. Ler em direção ao desconhecido...

... os leitores que importam são os que não se prendem aos livros, os que não permanecem sempre leitores, os que não sabem deixar de ser discípulos, os que não querem continuar sendo crentes, ao que sabem deixar os livros e continuar sozinhos, os que seguem seu próprio pathos, seu próprio caminho. Só eles possuem a suprema arte da leitura (LARROSA, 2002, p. 25).

3.1 Situando a escola e a sala de leitura Clarice Lispector

Você de repente não estranha de ser você?
(LISPECTOR, 1998, p. 36)

A Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene está localizada na área urbana do município de Cametá (PA), na Avenida Inácio Moura, s/nº. É mantida pelo governo do Estado do Pará e oferece os cursos de Ensino Médio nas modalidades Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A instituição agrega em seu espaço físico jovens de diferentes etnias, classe social, religião e gêneros.

Dentro de uma mesma sala de aula é possível trabalhar tanto com jovens que moram dentro da cidade de Cametá, como pessoas que vêm do interior do próprio município, assim

como jovens de outros estados. Dessa forma, há uma riqueza cultural muito grande. Trocas ricas de conhecimento podem ser feitas nesse contexto.

A escola tem um diferencial, porque busca aproveitar essa multiplicidade cultural e aproximar cada vez mais os alunos uns dos outros. A escola conta, além de um quadro de professores capacitados, com uma equipe pedagógica formada por profissionais que desenvolvem trabalhos pedagógicos que viabilizam a relação aluno-professor, aluno-aluno e aluno-instituição.

Construída em 2006, a escola está dividida em quatro blocos. A estrutura física compreende uma área de 1.112 metros quadrados em um terreno de 4.620 metros quadrados. São seis salas de aula; uma sala de leitura; uma sala de vídeo; um laboratório de biologia e química; um laboratório de informática; um banheiro feminino; um banheiro masculino; quatro banheiros coletivos para funcionários; um banheiro para portadores de deficiência; um depósito adaptado para a sala do grêmio; uma sala de orientação; uma sala de coordenação; uma sala de direção; uma sala dos professores; uma secretaria; uma quadra coberta para a prática de esportes; uma cozinha; um setor de cópias. Atualmente a escola funciona em três turnos – matutino, vespertino e noturno –, possuindo ao todo seis (06) turmas em cada turno, sendo doze (12) do Ensino Médio regular e seis (06) turmas de Educação de Jovens e Adultos.

Imagem 8 - Fachada da frente da Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Registro em fevereiro de 2018.

Dentre todos esses espaços pedagógicos, voltarei meu olhar para a Sala de Leitura “Clarice Lispector”. Este espaço por muito tempo ficou fechado e serviu apenas como depósito de livros didáticos. Só a partir do ano de 2012 passou a ter atividades pontuais de leitura e empréstimos de livros motivados, mencionados anteriormente. Geralmente assistimos salas de leituras nas escolas públicas como locais onde impera o silêncio. Essa visão precisa ser ressignificada.

Quando se pensa em sala de leitura, não mais se deve pressupor a existência de um local cujos sinônimos sejam: culto do livro, como objeto intocável, e a catalogação, voltado a um sistema fechado de consultas.

Com a pesquisa ora proposta, o espaço adquire tal ressignificação, pois a Sala de Leitura tem sua importância na escola, mas não podemos visualizar nesse espaço um depósito de livros ou simplesmente um lugar isolado e sem vida.

Assim, reafirma-se que esta pesquisa de mestrado tem como desafios: **Construir** pontes e experiências de sentidos entre os leitores e o universo literário; **Cartografar** os processos das experiências de leituras literárias nas atividades leitoras dos alunos; **Analisar** as ressonâncias da leitura do texto clariceano às experiências formativas dos estudantes frequentadores da Sala de Leitura Clarice Lispector.

Neste percurso cartográfico, procuramos nos aproximar das vivências dos estudantes, saber o que buscam ao frequentar a sala de leitura e ao escolher uma leitura. O desafio coletivo que empreendemos ao aproximar o pesquisador acadêmico da comunidade escolar foi de encontro à inquietude da literatura, na tentativa de sacudir o leitor do lugar habitual onde se encontrava, geralmente acomodado, buscando potencializar a literatura em seu valor poético e formativo nas interfaces texto-leitor-mundo.

Os alunos entrevistados ressaltaram a importância da Sala de Leitura para a sua vida leitora. A escola, segundo eles, favorecia o gosto pela leitura a partir do momento em que eles têm acesso à leitura de obras literárias por meio de um espaço que propiciava esse contato. Assim nos fala Alfredo:

As escolas pelas quais passei não tinha sala de leitura. Quando eu vim pra cá... como lá em casa não sou apto a ler... eu comecei a participar das leituras aqui. Eu acho que todos os livros que eu já li eu encontro aqui. Eu li um livro aqui que fala sobre a escravidão. Eu gostei muito. Conta a história de um menino que queria trabalhar e foi parar numa fazenda e virou escravo... foi um livro que eu me aprofundei (pausa) sei lá... Pensei como hoje ainda temos notícias de crianças que são escravizadas... era uma história, mas acontece na vida real. E foi aqui nesse lugar que passei a gostar de lê.

Pensar na escravidão negra por meio da literatura, pausar e refletir sobre os regimes racistas que fulguram na sociedade contemporânea muitas vezes impunemente. Provocar uma inquietude ao pensamento quando este já se encontra adormecido ou inerte somente foi possível com as atividades instigadoras desenvolvidas durante a pesquisa.

Interessante foi perceber, na fala do aluno, que a Sala de Leitura ressurgiu como um espaço de encontros com os livros, pessoas, cenários, pensamentos motivados pelas horas mágicas vividas numa viagem sem tempo e lugar definidos, de encontros e inquietudes dos leitores consigo e com o outro. Lugar de fascínio no qual o leitor se vê cercado pelas palavras guardadas nos livros e que num gesto de abri-los adentram no mundo da criação.

Imagem 9 - A hora do conto – Leitura do conto Praça Mauá de Clarice Lispector pelo bolsista Ademilton Filocreão.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em outubro de 2017.

Esse processo de formação de leitores deveria ser a principal função das instituições escolares. As escolas de Ensino Médio têm como um dos objetivos principais assegurar o domínio da leitura e da escrita, e é através dessas habilidades que o aluno será capaz de participar do contexto social, segundo seus anseios como pessoa, como profissional e como cidadão. Por isso, a escola precisa possibilitar que os alunos assumam, efetivamente, uma postura reflexiva que lhes permita tomar consciência de sua condição e da condição de sua comunidade em relação ao universo das práticas letradas de nossa sociedade, para nela atuar de forma ativa não só no âmbito pessoal, como também, como protagonista da ação coletiva.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1998), os alunos devem ser capazes de utilizar diferentes fontes de informações e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos. Ou seja, a sala de leitura, ao reunir um vasto acervo literário e informacional torna-se, por excelência, o espaço de descobertas, de busca do conhecimento e de aprendizado constante.

É no dia a dia da sala de aula que a leitura, de fato, se torna um espaço mais efetivo de difusão da cultura. Mas, a escola, na atualidade, está convivendo com um crescente número de analfabetismo funcional e os resultados das avaliações educacionais revelam o baixo desempenho do aluno em relação à compreensão dos textos que lê.

Os processos de leitura e escrita adotados pela escola nas últimas décadas indicam que a formação de leitores e produtores de textos na escola está precisando ser redimensionada, na medida em que não se promovem práticas sociais significativas com a leitura. Uma vez que cada leitor possui uma experiência própria, cotidiana e pessoal, torna a leitura única, incapaz de se repetir, e este é o seu grande encanto.

Na escola, as práticas rotineiras e sem sentido se repetem, ainda são fechadas em suas muralhas, desconhecendo os interesses de seus alunos. Assim, não favorecem o gosto pela leitura, tampouco pela escrita. Ignoram as experiências que os alunos vivem diante da gama de informações que chega até eles por variados meios de comunicação. Ao se fechar às experiências dos alunos, as instituições escolares perdem a oportunidade de potencializar o conhecimento de mundo deles. Enfim, ainda estão presas à sua função instrumental. Estuda-se visando aprovação ao final do ano letivo ou ao sucesso no vestibular.

Dessa forma, o aluno tem que dominar uma gama de informações e conhecimentos diariamente e na maioria das vezes tais informações são esquecidas. “[...]. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece” (LARROSA, 2016, p. 23). A aceleração do dia a dia é um dos obstáculos que impede a construção de experiências. A experiência, por sua vez, é algo interno, e deve ser processada na relação com o exterior, com o viver no mundo.

Com a leitura acontece a mesma coisa. Segundo Larrosa (2015), existe uma compreensão usual da leitura. Assim, se nós compreendemos utilitariamente a leitura por um uso mercadológico dificilmente ela nos afetará como uma experiência. Mas não é essa leitura que queremos. Não é esse o sentido da leitura que buscamos porque essa prática de leitura já existe na escola. Desejamos um leitor que aproxime a literatura de sua vida e pensar na contribuição que essa literatura pode trazer para si e para os outros.

Para muitos leitores iniciantes de Clarice suas obras têm a fama de ser difícil. Seus contos, crônicas e romances os deixam muitas vezes desassossegados diante das inquietudes

de vida que as obras clariceanas despertam. Perturbadoras, suas obras falam sobretudo dos sentimentos escondidos do ser humano. Clarice certa vez declarou “...já vi muita coisa no mundo. Uma delas, e não menos dolorosas, é ter visto bocas se abrirem para dizer ou talvez apenas balbuciar, e simplesmente não conseguirem. Então eu queria às vezes dizer o que elas não puderam falar” (LISPECTOR, 2004, p. 189). Assim, Clarice divide com seus leitores reflexões, dores, alegrias, esperanças e angústias, sentimentos que nem sempre se consegue nomear.

É como se ela desnudasse o leitor e retirasse do seu rosto o véu e descobrisse pequenos segredos da vida dele. Ela constrói uma ponte com o leitor e o faz atravessá-la e mergulhar no mundo do desconhecido, do improvável, da dor, das sensações, dos questionamentos.

...um dia desses, ao ouvir um “seja você mesma”, de repente senti-me entre perplexa e desamparada. É que também de repente me vieram então perguntas terríveis: quem sou eu? Como sou? O que ser? Quem sou realmente? E eu sou? Mas eram perguntas maiores do que eu (LISPECTOR, 1999h, p. 32).

No que diz respeito aos leitores que frequentavam a Sala de Leitura Clarice Lispector essas sensações da ficção clariceana afloraram a cada leitura de suas obras. Eles perceberam que o mundo não era feito apenas de coisas que se viam nele. Mas havia outras possibilidades de se olhar o mundo e a si mesmo. Quando lido o conto, *Mas vai chover*, que retratava o relacionamento entre um jovem e uma senhora idosa, os alunos se indignaram com a atitude do rapaz por explorar a idosa, mas também discutiram sobre o preconceito quanto de trata de diferenças de idade nos relacionamentos. Assim, diziam:

Vanessa: “... engraçado... quando a mulher é mais velha todo mundo aponta o dedo..., mas quando é o homem... aí pode... conheço professora muito homem que só explora a mulher... quando quer dinheiro agrada..., mas depois ...hum... some... igual aí no conto... ela não deu mais dinheiro pra ele e ele foi embora...”

Paula: “Mas foi ela que se ofereceu pra ele...ele nem queria... sempre tem mulher assim... oferecida.”

Carla: “Mas só porque é velha não pode ser feliz? Ele não prestava... tinha uma boa vida”.

João: “Nem todo homem é assim... tem homem que gosta de mulher mais velha...e nem é rica... na minha família o meu primo casou com uma mulher mais velha e ela é muito bacana... o que tem é muito preconceito”.

Carla: Fiquei com raiva do final do conto... queira poder entrar na estória que dava outro final... Ah! Se eu fosse a Clarice Lispector... jogava ele pela janela.”

Ressalta-se que tais comentários acerca do conto, *Mas vai chover* foram suscitados a partir da dinâmica “Roda de conversa”, momento no qual os alunos expressaram suas opiniões sobre a sexualidade na velhice vivenciada através de um caso amoroso de uma mulher idosa com um homem mais jovem, o preconceito nas relações entre pessoas mais velhas, a exploração por parte do homem, abandono, solidão e a submissão da mulher.

Mais uma dinâmica na experiência leitora que traz à tona a articulação entre a realidade e a “ficção” clariceana. A turma ficou dividida: uns defendiam a liberdade nos relacionamentos independente de idade, classe social; outros a questão de estar juntos por interesses financeiros. A literatura, através das obras clariceanas, propiciou espaços de diálogos e debates sobre temas sociais que muitas vezes a escola se recusa a tratar. As vozes dos alunos ecoavam. E afluíra a sensação de pertencimento àquele espaço de leitores.

Imagem 10 -Narração da obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, pela bolsista Cleane Baía.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em agosto de 2016.

As experiências de leituras literárias aconteceram gradativamente no ambiente da Sala de Leitura, pois as obras clariceanas falam de aprendizados partilhados pelos seres humanos nos mais distintos espaços e dos mais variados sentimentos como: a inveja, o ciúme, a traição,

o amor. Clarice Lispector possibilita conhecer e compartilhar das diferentes dimensões da vida humana. De tal modo que confere aos seus leitores a possibilidade de enxergar a realidade de maneira ampliada, para além de seu restrito convívio social. Pois a literatura é um processo contínuo de descobertas e o leitor se deleita ao se deparar diante de algo que lhe pareça instigante, diferente, que o faça refletir e se encontrar consigo mesmo.

Notamos que a experiência de leitura pode proporcionar uma transformação do indivíduo quiçá da sociedade, pois as tramas literárias estão de algum modo ligadas a alguma coisa que se torna significativa para o indivíduo, elas podem esbarrar em seus mundos objetivos e subjetivos.

De modo geral, na escola e fora dela, a experiência enquanto aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca, tem sido algo cada vez mais raro em nosso tempo. Inserida em nossa sociedade, dialogando com a cultura e forjando sua própria cultura escolar, podemos afirmar que, frequentemente, as instituições educativas comungam desta urgência de informações, da necessidade de produtividade, do imperativo de formar indivíduos bem-sucedidos social, cultural e economicamente.

O tempo, que é tão caro na escola, fica totalmente preenchido por mais tarefas, testes, saberes os mais variados possíveis, espremidos numa grade de horários que não abre espaço para a contemplação, ou para que o aluno possa ser tocado por aquilo que lhe acontece. Nesse sentido, o sujeito da escola não é o sujeito da experiência, mas o sujeito que precisa ser ativo, produtivo, ou numa expressão um pouco mais “pesada”, tarefeiro.

Especificamente no que diz respeito à Sala de Leitura Clarice Lispector da Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene, procuramos estar atentos para questões como a acessibilidade, a organização, a diversidade de acervo, a estética e, principalmente, a necessidade de interação, uma vez que compreendemos que este espaço deve ser provocativo, convidativo, aconchegante, voltados a oferecer, de forma surpreendente, o desabrochar das leituras literárias nos leitores frequentadores daquele espaço, pois, são jovens que trazem consigo registros de experiências nem sempre bem-sucedidas neste universo, deparando-se com um desafio maior de conquistá-los, instigando-os para novas experiências de leituras, diferentes do tradicional, do costumeiro. Assim, nos relata o professor responsável pela Sala de Leitura no turno da manhã:

Professor: *a leitura é importante para a vida cidadã do aluno. Ela é a formação de tudo o que ele é. De tudo o que ele vai pensar. Ela vai nortear a vida dele. Da leitura não apenas do livro, mais da leitura, como dizia Paulo Freire a leitura do mundo precede a leitura da palavra. E esse espaço que a gente tem aqui na Sala de Leitura Simão Jatene ele é um espaço bom. Os livros não são colocados enfileirados são colocados com a capa para frente por que.... é como se comparado aquela criança que precisa comer vitamina e a mãe faz piruetas pra ver se a criança come. Assim é o livro na sala de Leitura...o aluno vem...abre a porta devagar... deixo eles a vontade. Aí ele passa os olhos nas prateleiras... ele vai olhando (ênfatiza a palavra) e pela capa do livro ele acaba levando emprestado ou senta pra ler. Quanto a Clarice eu considero assim... são três escritoras que eu gosto muito e que eu sempre indico pros alunos que são: Cecília, Clarice e.....hum ...esqueci a outra... depois eu lembro. Clarice é uma escritora que trabalha com a imprecisão. Quanto a escola hoje... a direção não dá muita importância para este espaço... somos nós (aponta para mim) que compramos a maioria dos materiais pra cá e realizamos pequenos projetos para aumentar o acervo.*

A ideia inferida pelo comentário do professor é a de favorecer aos leitores um ambiente de leitura onde possam expor seus desejos, suas visões de mundo, suas curiosidades; surpreender-se com suas próprias descobertas, com novos saberes e fantasias; convidá-los a pensar, a repensar, a questionar e, principalmente, a expressar suas artes e inventividades poéticas, de modo que tais experiências modifiquem sua relação consigo e com o outro no mundo. É tarefa da escola, de maneira geral, repensar a compreensão da leitura para além de um processo pontual para fins didáticos e promover ambientes de fruição da leitura nos seus diversos espaços. Mas como a escola poderá promover tais ambientações sem contar com o devido apoio e infraestrutura das entidades governamentais que muitas vezes não manifestam sensibilidade e apoio à realização de atividades e eventos voltados para uma formação estética dos estudantes?

Acreditamos que tudo isso contribui para incentivá-los e deixar que se empolguem com os sentidos das descobertas que começam a fazer. Que se encantem com e pelos livros para transformar o desgostar de ler em uma ação apaixonante, em que haja singularidade e diferença no encontro poético das experiências literárias, como comenta a professora de Língua Portuguesa da instituição sobre a importância da leitura literária e da presença de Clarice Lispector no ambiente escolar:

A Sala de Leitura é essencial para o aluno e com incentivo eles passam a conviver com obras literárias que a princípio eles rejeitam por que acreditam que é uma leitura difícil para compreender. Porém ao dinamizar ações na Sala de Leitura da escola conseguimos reverter tal visão e os próprios alunos passam a ler tais obras. Quando se fala em dinamizar ações significa que essas obras são apresentadas de formas diferentes e muitas são teatralizadas o que contribui para o real aprendizado deles.... A escola deve contribuir incentivando o aluno a ler e para isso é importante os professores motivarem os alunos em diferentes disciplinas e o espaço de leitura deve ser prazeroso para despertar a curiosidade de ler. Quanto a Clarice... foi uma grande escritora e a sua escrita toca o ser humano de diferentes

maneiras. Seus contos nos fazem refletir sobre quem somos e isso ajuda a despertar em nossos alunos o desejo de ler suas obras.

Nota-se que a Sala de Leitura não pode ser apenas um lugar de tarefas de leituras pontuais; cabe a ela o empenho de co-mover as experiências mais pessoais do leitor no resgate do texto e da palavra do outro. Possibilitar ao leitor ouvir e ser ouvido de modo a compreender que suas experiências ao serem partilhadas superem seus limites individualistas e alcance uma dimensão que transite entre o singular (que escapa ao óbvio) e o plural (por dialogar com a diversidade).

3.2 Os passos da pesquisa na escola

*Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca:
a palavra pescando o que não é palavra.
(LISPECTOR, 2004, p. 28)*

O segundo semestre de 2016 havia começado. No retorno das férias geralmente os alunos chegam cheios de novidades. Em, aproximadamente, oito meses não nos encontrávamos. Planejava como retornar à escola e encontrar os alunos, confesso que fiquei nervosa, pois retornaria como pesquisadora e não como a profissional que atua na Sala de Leitura. Mas, estava muito empolgada. Organizei meus materiais (notebook, alguns livros e revistas) sem falar que levei o kit de limpeza (pano de chão, água sanitária, desinfetante e flanelas). Tinha certeza que precisaria, pois, a Sala de Leitura ficou fechada no período das férias.

Tudo pronto. Acordei cedo. Fiz as ações de praxe e às 7h10min liguei a motocicleta e parti para o meu destino. O horário de entrada pela manhã é às 7h15min. Quando cheguei à escola havia poucos alunos e professores. Cumprimentei a todos e dirigi-me à Sala de Leitura Clarice Lispector. Como pensei, ela precisaria de uma boa limpeza, mas estava sozinha. Entrei em contato com a minha fiel “escudeira Keke”, como carinhosamente é chamada uma amiga que sempre me ajuda com a limpeza deste local. Combinamos que seria mais viável realizarmos tal tarefa pela tarde. O que foi prontamente aceito.

Aos poucos os alunos foram chegando. Entravam. Cumprimentavam-me. Perguntavam se eu estava doente, pois não me viam na escola. Sentavam. Uns escolhiam alguns livros outros apenas conversavam animadamente sobre as férias. Assim, durante o período da manhã as visitas à Sala de Leitura foram acontecendo timidamente. De quando em

quando alguém entrava para solicitar um livro emprestado. Ou para ligar ou atender o celular. Ou ainda para apenas sentar e aproveitar o frio que saía do ar condicionado. Às 11 horas voltei para casa. Enquanto pilotava, minha cabeça fervilhava de indagações sobre como iria colocar em prática a pesquisa. Não me dava conta de que a pesquisa já caminhava.

O retorno à escola aconteceu por volta das 14h. Como combinado, minha amiga foi me ajudar na limpeza. Para minha surpresa os alunos me acolheram de forma muito calorosa. Diziam estar com saudades das nossas conversas. Confesso que fiquei muito feliz. Então começamos a faxina. Sabia que seria uma semana muito cansativa. Como de fato foi. Exatos cinco dias para deixarmos a Sala de Leitura habitável para os alunos. Mas não significa que os alunos deixaram de ir até lá. Muito pelo contrário, a limpeza e organização aconteciam paralela aos empréstimos e leituras de obras literárias.

Organizei um cronograma de idas à escola, pois funciona nos três turnos e precisava dedicar horários para estudo. Assim, durante o mês de agosto, fui gradativamente me aproximando dos alunos. As conversas sempre informais, os empréstimos de livros, uma visita vez por outra.

Nas semanas que se seguiram fui às salas de aula para conversar com eles a respeito da pesquisa de mestrado e dizer que Sala de Leitura estava aguardando a visita deles, pois esta não poderia ser apenas um lugar de passagem, de retirada e devolução de livros. “Não se trocam somente livros na sala: devem-se trocar, principalmente, experiências leitoras!”, enfatizava. Pois a Sala de Leitura poderia e deveria se tornar o melhor ponto de encontro dos jovens da escola. Ela deveria ser vista e vivida como um lugar alegre, de receptividade e acolhimento, que tinha a marca dos jovens leitores e que seria o centro irradiador de leitura da escola! Então, como desabrochar nos leitores frequentadores da Sala de Leitura o gosto por textos literários? Este era o desafio a que me propunha.

A experiência da leitura de textos literários enriquece o imaginário dos leitores, fazendo-os refletir sobre a sua realidade através do espaço da criação e da sensibilidade. Nesse sentido, conduz o leitor a inferir novos significados à sua existência a partir das experiências literárias.

Pensando em uma maneira de aproximar os alunos das obras da escritora Clarice Lispector, planejamos algumas ações na Sala de Leitura da escola, pois não era possível destacar a possibilidade de um estranhamento que os educandos enfrentariam ao se depararem com as obras de Clarice Lispector.

Assim sendo, seria necessário tracejar um plano, “preparar o terreno” para a entrada efetiva de Clarice na escola e na Sala de Leitura, uma apresentação sensível e delicada, como os próprios gestos da escritora.

E o espaço da Sala de Leitura aos poucos foi se reconfigurando e se abrindo para a poética do texto literário em uma relação de proximidade com os jovens leitores e as obras clariceanas. Ressalto que apesar de a Sala de Leitura da escola ser “batizada” com o nome de Lispector, quase nada de sua obra encontramos naquele espaço.

Conforme as ações definidas pela parceria construída entre a escola e a Universidade, através do projeto de pesquisa “Uma educação no *dorso do tigre*: literatura e experiências formativas”, coordenado pela orientadora e professora Gilcilene Dias da Costa, em colaboração com o Programa PIBIC/UFGA e as bolsistas Cleane Baia e Fabíola Igreja, participamos, no mês de setembro, de uma reunião com a professora a respeito de como faríamos a apresentação de Clarice Lispector aos alunos da escola. Após essa reunião, precisamente no dia 13 de setembro de 2016, a equipe iniciou o trabalho de planejamento das estratégias e ações que pudessem ser implementadas na Sala de Leitura.

Durante o mês de agosto, fomos gradativamente nos aproximando dos alunos. As conversas sempre informais, os empréstimos de livros. Em um primeiro momento, observamos que, por ser uma escritora considerada por muitos “hermética”, há por naturalidade um mito que provoca todo um distanciamento do jovem leitor da curiosidade e interesse pela literatura clariceana. Por outro lado, era comum ouvirmos os alunos citando alguma frase da escritora como: “Civilizar minha vida é expulsar-me de mim”. Ou “Gostar de estar vivo dói”. Ou ainda “Milagre é o ponto vivo do viver”. O fácil acesso a fragmentos isolados e descontextualizados tornava-se lugar comum, um fazer literário que, logo, deixava de ser objeto de atenção em sala de aula. E através das redes sociais os alunos tinham contato com Clarice. Embora, às vezes de forma distorcida seus textos e suas citações tornaram-se presentes no mundo do jovem-leitor.

Para a quebra destas visões paradigmáticas, as ações para apresentação da autora Clarice Lispector e de suas obras na Sala de Leitura foram realizadas a partir das estratégias expostas a seguir. Transformamos primeiramente a Sala de Leitura em um ambiente acolhedor.

Assim, organizamos:

Às quintas-feiras tínhamos o Cine a Hora de Clarice com apresentação de curtas, filmes e documentários sobre a autora Clarice Lispector e suas obras; e durante a semana faríamos os empréstimos de livros das obras da autora e de outros autores.

Também foi pensado em uma edição do Jornal Simão News com o Especial Clarice Lispector. Além disso, a pintura na parede na área externa da Sala de Leitura; o Café Literário que teria como convidado um escritor cametaense; O Cantinho da Leitura: Exposição das Obras de Clarice Lispector e de outros autores; Declamação de poesias de Clarice Lispector; Roda de conversa sobre a experiência de leitura e a importância do espaço para tal fim; Apresentação de Peça Teatral das obras adaptadas Felicidade Clandestina e A Hora da Estrela; Leitura de trecho da obra Perto do Coração Selvagem; Mural de Clarice; Dinâmica de perguntas e respostas sobre as obras de Clarice Lispector; Contação de história e leitura de Contos Clariceanos.

Todas essas ações teriam culminância na semana da Feira Pedagógica da Escola Simão Jatene.

Ressalto que no decorrer do semestre foram adquiridas cerca de 30 obras literárias da escritora Clarice Lispector para serem emprestadas aos alunos que se interessassem pela leitura depois de conhecer a autora, pois os poucos livros da autora que compreendem parte do acervo da escola haviam desaparecido.

Conforme a apresentação dos documentários e curtas sobre a escritora no Cine Clarice iam acontecendo na Sala de Leitura, disponibilizei as obras da autora para a exposição. Assim, os alunos começaram a se interessar pela leitura e os empréstimos dos livros fluíram normalmente. Como constata a aluna Paula:

Meu contato com ela (Clarice) era mais por meio da internet... tem muito blog que fala dela... que comenta obras dela e eu sempre me interessava... mas com essas ações aqui fiquei mais interessada... eu gostei...emprestei o livro Via crúcis do corpo...tinha uma história ... sobre um homem que tinha duas mulheres e além disso tinha uma amante... Agora ela (refere-se a Clarice) faz parte daqui...é muito bom.

Clarice toca nas angústias e feridas da alma humana. De um modo ou de outro, leva a refletir sobre o que somos e nos tornamos, para além do certo e do errado, sem que respostas sejam dadas ao caminhar.

Acredito que as leituras têm de fazer parte de nossas vidas, assim como da vida de professores e alunos da escola, ganhando um sentido de formação, pois o encontro com a literatura por vezes inventa e reinventa a própria vida, por vezes convida a pensar e a repensá-la, e isso é possível por meio de uma relação de encontro entre texto-leitor.

Compreendemos que a Sala de Leitura é o local por excelência para incentivar a leitura, a ponto de torná-la uma atividade espontânea e prazerosa. De fato, para muitos jovens que estudam em escola pública, a sala de leitura configura-se como a única via de acesso aos

livros que não são didáticos. Neste sentido, a leitura se realiza e assume diversos propósitos: para instruir, obter informações, seguir instruções, por prazer, para comunicar um texto a um auditório, revisar um escrito próprio, etc. Todas essas estratégias são constitutivas para a formação de um bom leitor; portanto, devem estar na pauta das atividades de leitura oferecidas na Sala de Leitura.

A leitura é o lugar da criação, do novo da participação, da experiência do sujeito, do brincar, do encantamento, de viver sentimentos contraditórios e deveria fazer parte de toda a comunidade escolar. Por mais que o senso comum afirme que os jovens não gostem de ler, sabemos que isso não é verdade! O que os jovens não gostam é de não ter a chance de escolher aquilo que querem ler.

O objetivo da sala de leitura, nesse contexto, é ampliar e qualificar as oportunidades de leitura dos jovens, estando atenta ao imenso potencial de convívio e de troca de experiências que move o jovem para aprender, especialmente porque a escola é composta, em sua maioria, por adolescentes que estão em intensas transformações, tanto no seu corpo quanto na sua maneira de pensar e de se posicionar na vida.

É durante a adolescência que o jovem ‘renasce’ para a leitura e constrói sua experiência como leitor protagonista: descobrindo suas preferências de leitura, dedicando seu tempo para ler com prazer sobre assuntos que despertam suas paixões, e aproveitando oportunidades variadas para aprender a usar a leitura para ser, conviver, conhecer e fazer.

Para o jovem, tornar-se um leitor é uma grande descoberta, um tesouro a ser descoberto e compartilhado por toda a vida. Proust (2011, p. 39) ressalta que “Na medida em que a leitura é para nós a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar, seu papel na nossa vida é salutar”. Reside, pois, a ideia de que é necessário fazer da sala de leitura um ambiente democrático, em que o jovem possa ter vez e voz. Assim nos fala a aluna Joana:

É nesse espaço que me sinto realizada... eu gosto muito de ler... leio de tudo, e quando venho aqui a gente pode se expressar professora... eu gosto das ações que são feitas aqui...porque a gente se sente sem pressão...não sou obrigada a ler...tipo assim... leio o que eu quero...tenho liberdade...é isso... a leitura é vida... quando leio descubro um novo mundo...

Então, entende-se a leitura literária na escola como um exercício de liberdade. Ler com fruição, com paixão. Ir além da competência leitora, vista em si mesma. Ao escolher as obras de Clarice Lispector para serem lidas no espaço da Sala de Leitura para os jovens leitores, reporto-me a Larrosa (2015, p. 140; 143; 145) e à amizade da leitura:

O professor seleciona um texto para lição e, ao abri-lo, o remete. Como um presente, como uma carta. [...], Mas a remessa do professor não significa dar a ler o que se deve ler, mas sim “dar a ler o que se deve: ler”.

Ler não é o instrumento ou o acesso à homogeneidade do saber, mas o movimento da pluralidade do aprender.

A amizade da leitura não está em olhar um para o outro, mas em olhar todos na mesma direção. E em ver coisas diferentes. A liberdade da leitura está em ver o que não foi visto nem previsto. E em dizê-lo.

Larrosa (2015) e a realidade percebida e vivenciada nos condicionam ao desejo de compartilhar no ambiente escolar afetos literários, experiências de prazer e encantamento por intermédio das obras clariceanas e dos demais autores que na Sala de leitura habitam, pois ao ler Clarice de forma menos racional permite ao leitor olhar a vida de maneira mais delicada, por ângulos que muitas vezes se quer pensa em ver.

Embora o mundo, em tantos momentos, seja hostil, Clarice ajuda o leitor a refletir sobre aquilo que é leve na vida, como bem enfatiza Leonardo:

Bom...tudo o que tem a ver com Clarice Lispector... eu acho que não tem uma coisa que não nos toque... por que ela fala da vida e ela também fala do dia a dia. Depois que apresentei a peça Felicidade Clandestina muita coisa mudou... eu não gostava de entrar aqui..., aí de repente eu tava representando... eu sou tímido, mas perdi a vergonha... me senti feliz... ninguém riu de mim... agora venho sempre emprestar livros aqui.

Imagem 11 - Apresentação da peça teatral *Felicidade clandestina* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em setembro de 2016.

O experienciar Clarice é um transmutar de personalidades de si mesmo, como bem inferem as considerações do aluno Leonardo. Somente quando nos sentimos pertencentes a um espaço é que nos apropriamos dele. Sentir-se próximo ao livro, tocá-lo, pertencê-lo ainda que provisoriamente, viver a clandestina felicidade desse encontro. Foi assim que os alunos que participaram da apresentação teatral da obra *Felicidade Clandestina* se sentiram pertencentes ao universo clariceano. A identificação deles com as personagens possibilitou novas experiências, pois a cada ensaio as emoções a floravam e novas sensações surgiam. A timidez, presente em muitos deles, cedia espaço ao desafio de representar. Durante a apresentação muitos alunos perceberam sentimentos de inveja e raiva por parte da filha do dono da livraria. Outros perceberam que de certa forma ela sentia-se rejeitada talvez por isso fosse maliciosa.

Qual escola não deseja ter seus jovens visitando e usufruindo as obras na sala de leitura? A sala de leitura é um espaço singular na escola, ela pode influenciar decisivamente a maneira como a comunidade escolar vê, sente, pensa, decide e age em relação à leitura/juventude. É de responsabilidade dos profissionais da sala de leitura promover o acesso e ampliação leitora, o aprimoramento dos estudos e o desenvolvimento de atividades que fortaleçam o convívio dos alunos com leitores, histórias, livros e outros suportes textuais.

Pensando em uma maneira de aproximar os alunos das obras da escritora Clarice Lispector, propomos a realização dessas ações na Sala de Leitura da escola.

Em um mundo permeado pela ditadura da utilidade, a literatura, ou parte dela, representa um oásis que escapa a um fim preciso, a uma intencionalidade objetiva. Os textos de ficção lidam com uma intencionalidade difusa, capaz de carregar um sentido cujo único fim é o prazer. Um prazer de ordem intelectual, mas também, e principalmente, de ordem espiritual ou metafísica, um prazer sem utilidade imediata.

A Sala de Leitura pode ser o espaço onde as crianças e os adolescentes experimentam o prazer particular e insubstituível da leitura sem um fim imediato. O acesso, através dos livros, ao conhecimento humano, assim como ao conhecimento simbólico, só será pleno quando a eles se somar “o prazer da leitura”, como nos lembra Roland Barthes (2008).

Imagem 12 - Semana clariceana – apresentação teatral e performances clariceanas.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A imagem acima reforça a ideia de que durante a Semana Clariceana os encontros dos alunos com as obras de Clarice na Sala de Leitura intensificaram-se. O entra e sai. Os sorrisos. As falas simultâneas faziam do ambiente um lugar de liberdade onde os jovens puderam expressar seus sentimentos através da arte do representar, do compartilhar e partilhar. Ansiosos esperavam as cortinas se abrirem e *Macabea* e *Olímpico* aparecerem para os fazerem sonhar.

É fundamental desenvolver no ambiente escolar experiências leitoras que possam inserir os jovens no mundo da literatura. Dessa forma, alimentar a imaginação dos alunos e compartilhar com eles leituras literárias, oferecendo-lhes experiências de fruição para que descubram os encantos da literatura como expressão de arte que os permitam vivenciar as muitas facetas da subjetividade, das individualidades, possibilitando a troca, o prazer individual e coletivo.

3.3 Clarice... Primeiro encontro...

Você que me lê que me ajude a nascer!
(LISPECTOR, 1999c, p. 17)

Ler Clarice é “tirar os pés da terra” como destaca Affonso Romano de Sant’Anna em seu livro, em parceria com Marina Colasanti, “Com Clarice” (2013). Afirmam que ela (Clarice) tem a capacidade e sensibilidade de mergulhar no vazio, na morte da vida e, de repente ressuscita, vive, entra em êxtase com a beleza do viver.

É bem verdade que Clarice eleva o leitor, o faz sentir ínfimo e potente, o lança no escuro, no vazio. O leitor nasce e renasce e alterado pelo encontro com Clarice já não é mais o mesmo. O leitor se entrega em meditação à aventura de ler. Clarice, faz com que pensemos em nossa existência, em nosso modo de olhar o mundo. Observe o relato da aluna Carla,

Quando li o conto Feliz aniversário eu me identifiquei...me emocionei... depois foi dramatizado aqui (refere-se à Sala de Leitura). Ele me remeteu... assim... uma vez eu li ou assisti... não lembro... um texto do Padre Fábio de Melo exatamente da utilidade de nós seres humanos e... quando eu li esse conto de Clarice eu me lembrei desse texto do padre. Quando nós somos jovens nós somos úteis e ele fala no poema dele que é na velhice que a gente descobre se as pessoas nos amam. Quando ficamos velhos a gente se torna inútil...entendeu? A gente não tem mais utilidade. E é por isso que as pessoas desprezam os idosos por que não têm mais utilidade. E o conto fala dessas relações familiares, do abandono dos idosos. Achei interessante como ela (Clarice) entra no mundo da gente... quando eu tava lendo e como se eu tivesse vendo a cena... senti até o cheiro do mofo... da água de colônia...ela consegue nos levar pra aquele mundo e diz...isso aqui...acontece... me lembrei muito da minha vó, por parte de pai, ela tem cinco filhos (quatro homens e uma mulher) ela mora sozinha em Benevides⁹ e quando ela vem pra cá (Cametá) ela fala, fala, fala... ela quer que alguém dê atenção pra ela, mas eles desprezam ela...sabe? Mas quando querem dinheiro emprestado correm pra ela.

Clarice por vezes toca de leve o mundo, em outras o arrebatada; e ao leitor, cabe, talvez, buscar nesse mundo – e nas coisas e nas pessoas – seguir seus caminhos. Conduzindo-os pelas mãos e através dos olhos desabrochar para o que é essencial na vida; uma vez que a experiência da leitura clariceana transforma a estrutura do que somos e nos faz compreender, às vezes de maneira delicada ou abrupta, nossas percepções em relação a existência (nossa, das pessoas, das coisas), enfim, ela modifica o nosso modo de estar e andar no mundo.

Clarice nos obriga a ver. Em *Feliz aniversário* – conto referido acima na fala da aluna Carla – Clarice nos obriga a ver o desprezo, a inutilidade da vida dos idosos que clamam por direitos e atenção, a amargar a hipocrisia pactuada de vidas que se cruzam o tempo todo,

⁹Município brasileiro do Estado do Pará, situado na Região Metropolitana de Belém.

embora em cenários diferentes. De fato, amamos? cuidamos? que sentidos e sentimentos cultivamos nas tramas do nosso viver?

Pelas mãos de Clarice o Leitor é convidado a lançar-se em uma travessia, sente-se desamparado e em cada página ele encontra um lugar de inquietude, pois a experiência do encontro com textos literários promove no leitor um efeito de embaraço e desnorreamento durante a leitura. Uma vez que a escrita clariceana é singular, implica na sua percepção do mundo, da realidade da vida fazendo com que o leitor seja sacudido do seu lugar de conforto, seus textos possibilitam ao leitor perceber-se num processo constante de pensar e repensar a vida e a existência no mundo. Seguindo as pistas de Rosenbaum (2002, p. 217), percebemos que:

Clarice não representa a chamada ‘realidade’, adornada em linguagem literária, mas busca, pela palavra escrita, ser ‘vida’ no sentido mais fundo. E para isso pode, muitas vezes, tomar caminhos opostos ao senso comum, na contramão do que percebemos como verdade no nosso mais prosaico cotidiano. É, portanto, como desvio e estranhamento que recebemos seus textos e neles, paradoxalmente, reconhecemos a vida que somos e até então não sabíamos.

No conto “*Felicidade Clandestina*”, Lispector expõe, através da personagem protagonista, o livro como objeto de desejo, elucidando essa sensação no trecho: “Na ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia, continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia” (LISPECTOR, 1999a, p. 9).

O conto *Felicidade Clandestina* foi a primeira obra de Clarice selecionada para ser lida na Sala de Leitura por ela tematizar a leitura, o que permitiu conversar sobre a relação do jovem-leitor com o livro. Também porque as personagens são adolescentes o que possibilita uma identificação dos jovens leitores com a obra. Ao ser exibido aos alunos o conto *Felicidade clandestina* através do curta-metragem e depois a leitura do mesmo foi possível despertar neles o interesse e o estranhamento pela leitura clariceana, pois a narradora rememora suas lembranças de infância, seu jeito de ser, de andar, suas esperanças.

Apresentar Clarice aos alunos foi um desafio, pois foram inúmeras as declarações de que ler as obras dela era difícil, mas trazer aos jovens uma obra que ao mesmo tempo é provocante e arrebatadora, significou promover encontros literários e assim permitir deixar que as palavras fluíssem livremente. E a escolha de um texto de Clarice possibilitava o leitor sair de estado de inércia, provocando-o a reflexão sobre sua subjetividade.

Por se tratar de um enredo simples em que uma menina, amante da leitura, deseja muito ler o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, os alunos foram convidados

para participarem da apresentação da obra, em forma teatral. Assim, todos se sentiram parte de Clarice, como frisa a aluna Lúcia:

Antes eu achava ela muito difícil ...tive dificuldade de ler aquele livro que a senhora me emprestou... continuo achando (risos), mas quando assisti aqui os documentários e participei da peça parece que minha mente clareou... eu me vi na menina que gosta de ler.... era como se eu fosse ela.

No primeiro contato com a leitura do conto *Felicidade clandestina* os alunos sentiram-se incomodados com a atitude da filha do dono da livraria. Suas fisionomias denotavam interesse pela leitura. Estavam todos silenciosos esperando o desfecho da história. Talvez se perguntando: Como alguém pode amar tanto os livros? Mas nada diziam, apenas escutavam. Ao término da leitura alguém disse: “Essa menina gostava de fazer os outros sofrerem”. Uma aluna comenta: “Queria gostar de ler como ela”. A identificação com os personagens foram acontecendo naturalmente.

Durante a conversa muitos pontos foram comentados, como por exemplo, o tipo físico-social-econômico das personagens (uma era gorda, baixa, rica e a outra alta, magra, pobre) na percepção deles. Uma das discussões surgidas no momento da roda de conversa refere-se aos estereótipos de beleza que a todo momento é imposto ao jovem. No conto isso fica bem visível quando a narradora enfatiza o físico da antagonista: “ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme...” (LISPECTOR, 1999a, p. 9). Enquanto Cecília era bonitinha, esguia, altinha. Esse fato chamou a atenção dos alunos ao assistirem o curta metragem com a adaptação da obra. Dizia um deles: “Uma é gorda... a outra é magra... por isso que essa (referindo-se a antagonista) é péssima...não quer emprestar o livro”. Essa dinâmica experiência possibilitou-nos o diálogo com temáticas sobre o bullying, exclusão, inveja.

Após a leitura e o momento da roda de conversa exibiu para eles o curta-metragem *Felicidade clandestina*, pois seria uma forma deles se familiarizarem com as personagens. Foi um momento de descontração e de deleite pois os alunos se encantaram pelo conto, fator que facilitou os ensaios para a apresentação da peça teatral.

Durante os ensaios os alunos comentavam o quanto a maldade humana está presente em nosso meio (fazendo referência à filha do dono da livraria). Também diziam uns “eu já tinha desistido de ir pegar o livro...”, outros retrucavam “eu queria gostar de ler como ela... ela é insistente...”. Assim, a cada novo ensaio os alunos descobriam algo novo e todos se preocupavam em como seria a recepção dos colegas no dia da apresentação. Quando o grande

dia chegou a emoção e o nervosismo tomou conta deles. Desistência e persistência. Lançar-se ao mundo da leitura, tornar-se leitor implica vivenciar recusas e descobertas.

A Sala de Leitura estava lotada. Quando a cortina se abriu o que se viu ali foram jovens leitores mergulhados na obra de Clarice. Onde cada detalhe era motivo de orgulho, de êxtase. Ao final da apresentação comentavam “Pronto...conseguimos. Não é tão difícil...”.

Cabe aqui dizer o quanto foi importante proporcionar ao jovem leitor uma “felicidade clandestina” na qual ele foi capaz de encontrar uma margem de alegria a cada encontro marcado. Uma experiência singular de leitura.

Imagem 13 - À esquerda, os estudantes encenam a peça baseada no conto *Felicidade Clandestina* e à direita alunas encenando a peça teatral *A hora da estrela*.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Imagem registrada em dezembro de 2016.

Como percebemos nos relatos, as dificuldades no processo de compreensão da escrita clariceana são inevitáveis. Assim como no espaço escolar, o encontro com o livro literário também é marcado por muitas dificuldades, e não está restrito apenas ao aluno leitor ou ao professor. Espaços atrativos, dentro da escola, sejam eles uma sala, um cantinho, uma mesa de e para leitura, faltam e são necessários para que estudantes e professores possam construir seus gostos literários, delinear seus acervos de leituras, mergulhar e compartilhar experiência literária. Em geral os alunos leem resumos, esquemas de leituras de obras clássicas visando ao vestibular ou a conteúdos disciplinares, enquanto a leitura como fruição vai perdendo espaço na formação escolar.

Após as ações realizadas na Sala de Leitura Clarice Lispector resolvemos realizar um “bate papo” com os alunos que estiveram presentes e os que participaram das atividades propostas para que percebêssemos suas primeiras impressões de Clarice. Quando perguntados se já tinham ouvido falar ou se conheciam algumas obras de Clarice eles responderam:

Paula: *Ouvi falar de Clarice Lispector através de uma prima minha. Ela lê bastante Clarice... aí ela me falou... Depois eu vi aqui na Sala de Leitura o projeto... eu vim participar para conhecer melhor ela...*

João: *Já li... sempre cai nas provas de português ... a professora sempre põe um texto....*

Carla: *Eu não tinha ouvido falar muita coisa dela. Eu...eu... tinha lido alguns textos dela... tem alguns que chamam muita atenção. Eles são ... sei lá... eles tocam a gente... é bem profundo.*

Como observado, os alunos frequentadores da Sala de Leitura Clarice Lispector pouco ou quase nada conheciam de Clarice e de suas obras. Na escola a autora era trabalhada apenas de forma pontual nas avaliações. Por meio dessas ações, instigamos a escola a reformular seus conceitos em relação à leitura, porque o desejo de formar leitores competentes faz com que os professores lancem aos alunos uma variedade de textos que, às vezes, são incompreendidos pelos mesmos.

Segundo Larrosa (2002), “sabe-se que a arte da leitura é rara nesta época de trabalho e de precipitação, na qual temos que acabar tudo rapidamente”. Desse modo, a escola que não cria oportunidades para mergulhar o aluno no mundo da leitura gera limitações em sua formação.

Desse modo, com as estratégias desenvolvidas nesta pesquisa buscamos pensar a leitura literária na escola como uma dimensão que propiciasse ao jovem leitor sonhar ou sair de uma situação de controle racional, sem receio de se perder e permitisse o deslocamento, a liberdade, o exercício da curiosidade e do espírito aventureiro.

Larrosa (2016) ressalta que, em geral, lemos com alguma finalidade usual. Seja para adquirirmos conhecimentos, para termos acesso ao saber escolar, realizarmos uma prova, um concurso ou outra coisa qualquer. Essa fruição da leitura não se tem porque a velocidade do tempo é tão voraz que não nos permite a se importar com o outro.

Fazemos o uso prático dessa leitura para o convívio social, a erudição. Por outro lado, esse encontro com a leitura fica prejudicado por várias situações como, por exemplo, o excesso de informação. “[...] a informação não é experiência. [...] experiência é que é necessário separá-la da informação. [...] O saber de experiência é que é necessário separá-lo

de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade” (LARROSA, 2016, p. 21-22).

Assim, a informação é da ordem objetiva. Não é o que propriamente nos forma como uma experiência. Pois podemos ler muito, termos conhecimentos de muitas coisas, mas o que extraímos disso? Que experiências construímos com essas leituras que temos em excesso? O que fica para a nossa constituição profissional, emocional, cultural, pessoal, social? Qual a inter-relação que fazemos com todo o nosso aprendizado?

Compreende-se que a literatura tem sido pedagogizada por muitos professores, pois, ao inseri-la na escola, ela está marcada para fins avaliativos e a atividade de leitura não acontece como fruição, isto é, os textos lidos na escola não penetram, não transbordam no imaginário do leitor e não os ajudam na sua transformação.

Larrosa (2015, p. 20) afirma que “a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é sujeito informado que, além disso, opina. Depois da informação, vem a opinião”, uma ânsia por ter de falar mesmo sem o conhecimento, amparada na necessidade de opinar sobre tudo.

O autor aborda, ainda, outro aspecto: a experiência vem empobrecendo por vários fatores, como por exemplo, a falta de tempo. Nós não temos tempo para nos dedicarmos a uma leitura e possamos, por meio dela, extrair um aprendizado, uma experiência, uma transformação.

Diante de tal situação questionamos: Em que medida a leitura de textos literários interage com as demandas de leitura dos estudantes da escola? A sala de leitura deveria constituir um espaço de despertar o prazer da leitura nos jovens leitores. Quanto à leitura de textos literários, apenas fragmentos de textos são inseridos nas avaliações de língua portuguesa e literatura na escola.

Larrosa (2016, p. 18) adverte a respeito do sentido usual atribuído à atividade da leitura ao considerar que todo dia lemos, às vezes falamos de nossas leituras e das leituras dos outros, todos nós sabemos ler e, às vezes, ensinamos a outros a ler, habitualmente usamos com plena normalidade e competência a palavra ler, mas talvez ainda não sabemos o que é ler e como tem lugar a leitura.

Quando questionados se após as ações realizadas na Sala de Leitura houve interesse dos alunos em ler obras de Clarice, responderam:

Mônica: *Tive.. Quando a professora mostrou a obra pra gente fiquei curiosa. Até cheguei a pesquisar no you tube. Me chamou atenção a obra a Hora da Estrela. Ela tava tentando relatar a história dela na obra.*

Carla: *Quando a senhora veio com o projeto de Clarice... aí, nós começamos a ler o livro dela.*

Luís: *A partir de uma renovação que teve aqui né (mostrando para a Sala de Leitura) e desse corredor que vocês estavam preparando... aí se aprofundou mais.*

Podemos observar que o interesse dos alunos por Clarice Lispector só foi possível devido às atividades realizadas na Sala de Leitura. Essas constatações nos permitem pensar sobre a melhor maneira de despertar no aluno que frequenta a Sala de Leitura Clarice Lispector o encanto pela leitura literária a partir dos encontros com a leitura clariceana.

Imagem 14 - Alunas solicitando emprestados as obras de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Registro setembro de 2017.

Ao serem indagados sobre como a leitura literária poderá transformar seu olhar sobre o mundo e a maneira de relacionar-se consigo e com as pessoas, obteve-se a seguinte resposta:

Mônica: *Todo o livro tem uma essência. Quando li o livro *Ágape* do Padre Marcelo Rossi, eu li aquele livro (respira fundo) mas é um livro tão bom que eu sinto que eu mudei quando li aquele livro. Desde o começo que eu li... sei lá. Ele trouxe (pausa) é um livro religioso me trouxe tantas coisas boas. No tempo que li aquele livro, assim faz um mês atrás... parece que me limpou, me renovou por dentro. Sabe me deu uma visão totalmente (ênfatisa a palavra) diferente de outras coisas. Abriu minha mente. Aquilo que tava que eu sabia... não sabia me libertar espiritualmente daquilo e me trouxe muitas coisas boas.*

Carla: *Quando leio... tipo assim...eu crio um mundo pra mim. Eu vivo aquele mundo. Muitas vezes eu vivo aquela personagem que (pausa) eu não posso viver na*

vida real. Eu incorporo aquele personagem. Eu saio para esse mundo que é real...então é muito importante pra mim...Tipo Clarice eu me identifico com ela... ela criava um mundo. Ela gostava muito de ler (pausa) ela escrevia a vida dela. Quando ela (apontando para mim) nos convidou pra fazer as coisas aqui (refere-se as ações realizada na Sala de Leitura), ela me deu um texto de Clarice e eu gostei muito desse texto falava era...onde coloquei o papel... Aí eu emprestei o livro dela. E quando eu comecei a ler esse livro dela tipo eu falei assim (risos). Ah! Onde ela tava? Que eu não sabia. Eu gostei totalmente. Aquele livro falava de romance... falava de uma jovem...era A Maçã no escuro eu gostei muito...não sei...por causa que tinha mais ou menos a ver comigo, sei lá. Eu me identifiquei.

Observa-se que a leitura literária abre para o leitor uma porta secreta para a sua interioridade que nem se quer ele pensa em ter. E ao penetrar nessas zonas desconhecidas de si mesmo, vê-se exposto alguns aspectos da personalidade dele que antes estava escondido, submerso e ao emergir o leitor é sobressaltado por um “eu’ desconhecido”. Pois a Literatura ensina a liberdade, a alteridade, possibilita a troca de experiências. Renova o olhar do leitor sobre o cotidiano. Experimenta novos caminhos e se abre para múltiplas leituras. De acordo com Larrosa (2015, p. 126):

A função da literatura consiste em violentar e questionar a linguagem trivial e fossilizada, violentando e questionando, ao mesmo tempo, as convenções que nos dão o mundo como algo já pensado e já dito, como algo evidente, como algo que se nos impõe sem reflexão.

Em relação à presença de Clarice Lispector na Sala de Leitura o jovem leitor depara-se com uma autora que tem a capacidade de revelar a face oculta da realidade, fazendo-os ver além da superfície, enxergar o avesso das coisas. “Ah! Onde ela tava? Que eu não sabia”. Clarice estava lá na Sala de Leitura sem ser vista, sem ser notada. Aos poucos ela desabrochou naquele espaço. Deixou de ser uma estrangeira, passou a pertencer àquele lugar, como ela mesma afirma:

[...] eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa. [...] sou feliz de pertencer à literatura brasileira por motivos que nada têm a ver com a literatura, pois nem ao menos sou uma literata ou uma intelectual. Feliz apenas por “fazer parte (LISPECTOR, 1999, p. 111).

Clarice, ao pertencer à literatura, permitiu ao leitor encontrar-se com sua experiência pessoal de colocar-se no mundo e dá significado à sua existência. Na Sala de Leitura, Clarice não só pertence a alguém, mas a toda comunidade escolar. Suas obras tornam-se vivas à medida que o leitor se enreda em suas palavras e conhece seus personagens. Uma vez que a literatura clariceana tem a capacidade de revelar ao leitor a face oculta da realidade e o faz sair dos seus esconderijos secretos para enxergar o avesso das coisas.

Ao lerem o conto *Feliz aniversário*, os alunos rememoraram vivências e percepções. A obra os deixou mais sensíveis aos acontecimentos que ocorrem no entorno deles, como relata a aluna Ana: “*Depois da leitura do conto professora... passei a visitar mais a minha avó... é muito triste um idoso não ter com quem conversar*”.

Que forças são capazes de nos mobilizar em direção ao outro? A literatura nos impulsiona para a vida. Nos impede de sermos passivos diante das mazelas humanas. De alguma forma nos solta das amarras invisíveis da vida e faz-nos agir. Assim, a leitura literária, em seu modo singular de acolhimento do texto, torna-se destino ao longo da experiência, porque tanto a obra quanto o leitor se assumem aquilo que são através dela.

Em qualquer suporte, ela resiste a todas as transformações do mundo moderno e influi nas opções de vida do leitor. Uma vez que descobre o caminho dos segredos da leitura sabe que nunca ficará igual depois de uma nova leitura e de outras leituras; e esta, por sua vez, arrasta, ao desmembramento entre magia e vida. É a leitura literária que alimenta a imaginação, a fantasia e cria condições necessárias para pensar um projeto de vida com mais conhecimento sobre o mundo, sobre as coisas e sobre si mesmo.

Perguntados sobre o gosto pela leitura, os alunos responderam que gostam de ler, justificando que é interessante, que aprendem mais e outros colocam até as opções de leitura de sua preferência.

Mônica: *Assuntos voltados assim... pra sociedade... tipo... suposições... o que acontece da gente tá lendo muitas coisas sei lá que não fazem parte da realidade... eu peguei aqui um livro pra mim ler voltado pra propaganda (...)*

Luís: *Bom. Eu leio livros variados, né, desde comédia, romance e assim vai.*

Carla: *Eu sou acostumado a ler mais romance, é o que tenho mais em casa.*

Joana: *Gosto de ler poesias, livros em quadrinhos.*

Pedro: *Eu leio um pouco de tudo. Li a obra *O quarto fechado*¹⁰ é interessante... é uma obra aqui do Pará. Muito interessante porque eu conheci um pouco aqui do Pará... eu moro aqui, mas tem coisa que não conheço. Lá (no livro) mostra uma cultura interessante daqui de Cametá... cultura dessas ilhas pequenas né... dos ribeirinhos e tudo mais...*

Proporcionar ao aluno a literatura como dimensão estética e formativa é imprescindível por parte da escola e do ambiente social em que vive, para que este construa o gosto pela leitura, que consiga ler por gosto e não por obrigação. Isto certamente remete à busca por outras concepções de leitura e literatura na formação do leitor. Assim, é tarefa

¹⁰ A obra referenciada pelo estudante é do escritor cametaense Arodinei Gaia de Sousa. “O mistério do quarto fechado” reflete sobre nossas crenças e o imaginário que povoa a mente das pessoas, as quais vivem em lugarejos do interior ainda não invadido totalmente pela modernidade através das tecnologias. Temáticas como a morte e o espírito são alguns dos fenômenos enfatizados no livro.

desafiadora para o professor, sobretudo em se tratando de Clarice, considerada pelos alunos de difícil compreensão.

Assim, nos relata Nayara, aluna da escola: *“Li a obra a Hora da Estrela...a maneira como ela escreve é diferente... muitas palavras eu não consegui entender. Uma linguagem difícil”*. Diferente da aluna Carla que ao ler uma obra de Clarice relata:

Quando li o livro de Clarice (não lembra o nome) me deparei com a palavra voluptuosidade e me perguntei ‘o que é isso?’ aí eu fui... pesquisei no dicionário e é ‘grande prazer’ achei interessante... voltei pro livro e segui a leitura.

Compreende-se que ao ler pela primeira vez Clarice o leitor muitas vezes não é arrebatado por sua escrita. Em se tratando da obra *A hora da estrela* pode ser que a grandeza da personagem Macabéa, um ser estranho e insignificante, não tenha tocado a leitora. Mas se a ela for dado uma segunda chance de ser lida com mais calma, aos poucos o leitor vai se conectando ao seu mundo. E uma vez fígado por suas obras este não tem mais saída, se entrega ao universo clariceano, como enfatizado no trecho de Luiz:

Quando participei da apresentação da obra A Hora da estrela foi uma sensação nova. Nós não tivemos contato com as obras de Clarice até começar o projeto aqui. O personagem que representei, o Olímpico, era um homem egoísta, interesseiro. Tive pena da Macabea... porque era muito boba... era fácil de ser enganada...depois de apresentar emprestei o livro... é difícil de ler, mas eu li até o final...os curtas e a apresentação aqui me facilitou a leitura...quando eu li só lembrava da gente aqui... Clarice Lispector fala da vida, do cotidiano.

Encontrar Clarice é uma questão de sentir, entrar em contato. Ao proporcionar o contato do jovem leitor com as obras de Clarice através das ações realizadas na Sala de Leitura foi bastante significativo no decorrer do processo da pesquisa. Quanto a esse contato de sentir mais de perto a potência e subjetividade da escrita de Clarice a aluna Maysa que representou Macabéa comenta:

Olha... ela era muito simples... ingênua...uma pessoa qualquer sem perspectiva de vida... quando fiz o papel dela na peça (referindo-se a Macabea) me senti um pouco ela...sou do interior... ela era nordestina... quando vim pra cidade senti muito medo...não sabia como era a vida aqui... agora não...aprendi, mas Macabea parece que a vida pra ela não tem sentido...me fez pensar muito sobre o que é a vida e o que é a morte. Ele (olímpico) fazia ela se sentir pior quando diz ‘Macabéa você é que nem cabelo na sopa não dá nem vontade de comer’... me senti mal quando ouvi isso... estranho. Penso que Clarice nos mostrou que a gente pode olhar pra uma coisa simples, mas o outro pode olhar diferente.

Ao representarem a obra de Clarice os jovens leitores ganharam vida e deram vida aos que os assistiam. A eles foram proporcionadas emoções, sensibilidades, reflexões de quem somos, mudança de atitudes, pois ela toca na dimensão de viver com o outro. E assim, buscar sempre pensar sobre as relações que construímos com os outros, por que é nesse cotidiano do viver que poderemos ser modificados ou não.

Imagem 15 - Participação dos alunos na Peça teatral agora da estrela (Olímpico e Macabea).



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Imagem registrada em dezembro de 2016.

Ressalta-se que a leitura empurra o leitor para a vida e o leva para dentro do mundo que o interessa viver. Lembra o que afirmara Freire (1995) ao afirmar que ler é uma forma de estar no mundo. Para o autor, o momento da leitura é intenso e, quando vivido em plenitude, propicia ao leitor uma experiência enriquecedora do entrelaçamento entre leitura e vida, da qual não há como não sair modificado.

A leitura extrapola, então, a simples decodificação de sinais, amplia-se no entrelaçamento dos significados, na construção de novos sentidos, na compreensão maior do homem, da vida, do mundo.

Relembrando Proust (2011), o escritor frisa a importância do ato de ler, relatando sua história com os livros e sua busca de conhecimentos e sentidos através da leitura.

De manhã, voltando do parque, quando todos “tinham ido fazer um passeio”, eu me metia na sala de jantar, onde, até a distante hora do almoço, ninguém, senão a velha Fêlicie, relativamente silenciosa, entraria, e onde não teria como companheiros de leitura mais que os pratos coloridos pendendo nas paredes, o calendário cuja folha

da véspera havia sido há pouco arrancada, o pêndulo e o fogo que falam sem pudor que se lhes responda, e cujos suaves propósitos vazios de sentido não substituem – como as palavras dos homens – o sentido das palavras que leem (PROUST, 2011, p. 10).

Assim como Proust (2011), acredito que cada um tem um livro preferido. Aquele que marcou a nossa infância, adolescência ou que alguém leu para nós, enfim, aquele que nos fez e nos faz sentir diante do contexto um verdadeiro personagem. Experimentar o outro de todos os mundos e agir no mundo, eis o que a arte nos proporciona. Proust (2011) descreve a emoção sentida pelo leitor ao mesmo tempo que se localiza em determinado compartimento de sua casa sempre mostrando a leitura como forma de viajar a lugares e adquirir novas experiências. Lugares onde tudo é criação e a linguagem de vida é o oposto da dele, pois para ele a temporalidade circula pelos meandros da memória e recria um outro tempo: o tempo da leitura, o hoje, o agora. Mas não se trata de um tempo universal, mas sim o pessoal, o de suas lembranças. E a linguagem exalta a imaginação do leitor e o faz mergulhar no não-eu, no seu inconsciente. Assim, relata Joana:

Eu gosto muito de ler...de viajar...a leitura proporciona isso (fala emocionada) né? Viajar na nossa imaginação... quando eu estou no tédio...eu leio...leio muito...sempre encontro um lugar em casa pra ler... agora comecei a ler a Bíblia... eu resolvi ler sem compromisso... como se fosse um livro comum. Li despreziosamente... ela é uma leitura que transforma a gente... nesse curto período...sabe professora (pausa) foi uma experiência incrível com a leitura quando se ler sem preconceito, sem obrigação. Sabe tu te envolve com aquela história...a Bíblia te puxa, te proporciona uma viagem na existência humana. Quando eu leio, não leio só um livro, sabe? Hum...aqui 9 horas eu tô lendo um livro... depois vou ler outro na página que parei e vou lendo... leio dois, três livros ao mesmo tempo... o livro me prende... Tem livros que nos envolve quando fala das relações humanas.

A leitura nos prende tanto quanto as pessoas próximas a quem dizemos amar, e que, vivendo muito tempo com elas talvez não as conhecemos tanto quanto certos personagens de determinados livros, no qual podemos adentrar em seu mundo, sentir seu gosto, prazer, alegria e tristeza e criar laços de amizade.

[...] Sem dúvida, a amizade, a amizade que diz respeito aos indivíduos, é uma coisa frívola, e a leitura é uma amizade. Mas ao menos é uma amizade sincera, e o fato de dirigir-se a um morto, a um ausente, lhe dá qualquer coisa de desinteressada, quase tocante (PROUST, 2011, p. 47).

Para Proust (2011) a leitura é considerada um exercício individual, amizade, distração, viagem, estímulo, enfim, uma forma de despertar o imaginário, suprimir a fadiga. Segundo Costa (2016, p. 120), “entre memórias de infância e deslocamentos literários, Proust não

cessou em afirmar o papel valorativo, curativo e terapêutico que a leitura desempenha na vida de alguém, ‘um milagre profundo de uma comunicação no seio da solidão’”.

Então, a leitura possui um desabrochar. Liberta. Acalanta. Evoca emoções. Possui a capacidade de cruzar mares, saltar montanhas, atravessar desertos intocáveis. Lugares jamais visitados. Sendo assim, a presença da literatura no ambiente escolar é uma experiência singular, pois são raras as entradas de outras artes na escola. E sendo arte o sentimento do leitor deverá ser tocado sem pre (conceito) estabelecido, conforme ressaltado no comentário da aluna Joyce:

A leitura expressa meu sentimento. Eu gosto de ler poemas... porque tem palavras bonitas... interessante... Tô lendo agora A filha do escritor, tô gostando muito... pra mim a leitura é um momento feliz... que eu tô no meio de uma coisa e aprendo outras... sei lá. Eu leio o meu mundo e outros mundos... a leitura me afeta. Tenho desejo de ler mais (suspira profundo) ... a leitura me ajuda refletir como sou. No livro que tô lendo a filha do escritor falando... dizendo algumas palavras tava... era eu vivendo (...). Eu venho muitas vezes aqui (referindo-se à Sala de Leitura) empresto qualquer tipo de livro... já emprestei muitos livros e cada livro que leio eu sou uma outra pessoa... a senhora entende?

Como não entender o leitor que está sedento por novas descobertas através da leitura literária? Que busca na literatura o desconhecido, o novo, o já vivido para ser revivido e rememorado, o repouso das agressões cotidianas? A cada nova leitura o leitor se revigora e por meio da literatura sonha. E se não sonha é difícil pensar no amanhã, pensar no mundo e traçar um projeto de vida. A literatura propicia às pessoas um novo olhar sobre o mundo.

A leitura que lemos na infância, por exemplo, nos deixa marcas, cheiros, imagens e essas imagens sempre são benéficas no sentido de despertar em nós todos os tipos de sensações. Proust, ainda menciona que quando embevecidos na leitura de um livro preferido, desprezamos “a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou a mudar de lugar” (PROUST, 2011, p. 9).

3.4 A semana clariceana

*Cada minuto que vem é um milagre que não se repete.
(LISPECTOR, 1999f, p. 22)*

A literatura, ao mesmo tempo em que nos indaga sobre quem somos, sobre o mundo em que vivemos, sobre os mistérios da vida, nos leva a refletir que cada leitura literária não é a mesma para o leitor. Milagre que se realiza nesse processo de experiência literária, que

renova e que se renova, sem repetir-se, num processo rizomático de interpretações múltiplas sobre a vida e sobre a realidade.

É o encontro com o texto literário que nos desconcerta, desestabiliza, nos coloca diante da difícil e perigosa experiência de viver. A cada nova leitura somos afetados de maneiras diferentes. E o leitor que estiver disposto a se entregar à leitura mergulhará em sensações que os levará a viver instantes de puro existir.

Como teríamos na escola a Feira Pedagógica, uma oportunidade de socialização dos trabalhos desenvolvidos com os alunos a serem expostos para toda a comunidade escolar, juntamente com Cleane e Fabíola¹¹ pensamos em organizar a Semana Clariceana, cujo objetivo seria colocar em prática as ações objetivando trazer as obras Clarice e de outros autores literários para mais perto da Comunidade Escolar.

O evento pedagógico aconteceu no dia 01 de dezembro de 2016, mas a preparação das ações foi organizada durante o mês de novembro. Cada professor da instituição era responsável por uma turma (chamado de “amigo da turma”), e os alunos foram inseridos nos trabalhos extraescolares a serem apresentados no dia do evento.

A ideia seria que a Sala de Leitura também participasse da Feira Pedagógica da escola, para que todos os que viessem visitar a escola neste dia experimentassem um desabrochar poético da leitura naquele espaço. Mais uma vez nos reunimos para definirmos como e por onde começar, pois as ações já haviam sido definidas anteriormente.

Então, ficou planejada a criação de um folder para a divulgação do evento, que teria como tema: “O habitar poético da leitura: experiências de leituras literárias na “Sala de Leitura Clarice Lispector”, assim como organizar com os alunos a pintura na parede externa da sala, convidar um autor cametaense para participar do Café Literário, organizar o Cantinho da Leitura Clariceana, ensaiar com os alunos as peças teatrais adaptadas das obras *Felicidade Clandestina* e *A Hora da Estrela*, organizar e publicar no Jornal Escolar “Simão News” uma matéria especial sobre Clarice Lispector, orientar os alunos para a leitura de textos de Clarice, enfim, prosseguir no caminhar da pesquisa, uma vez que cartografar é acompanhar processos e precisava pensar em como materializar tais ações. Dividimos as tarefas.

Fiquei responsável pela pintura nas paredes. Mal podia conter as ideias na mente. Eram muitas. Como e o que seria pintado? O primeiro passo foi captar o olhar de Clarice por meio da pintura. Aguçar nos alunos a curiosidade sobre a autora e também trazê-los para o

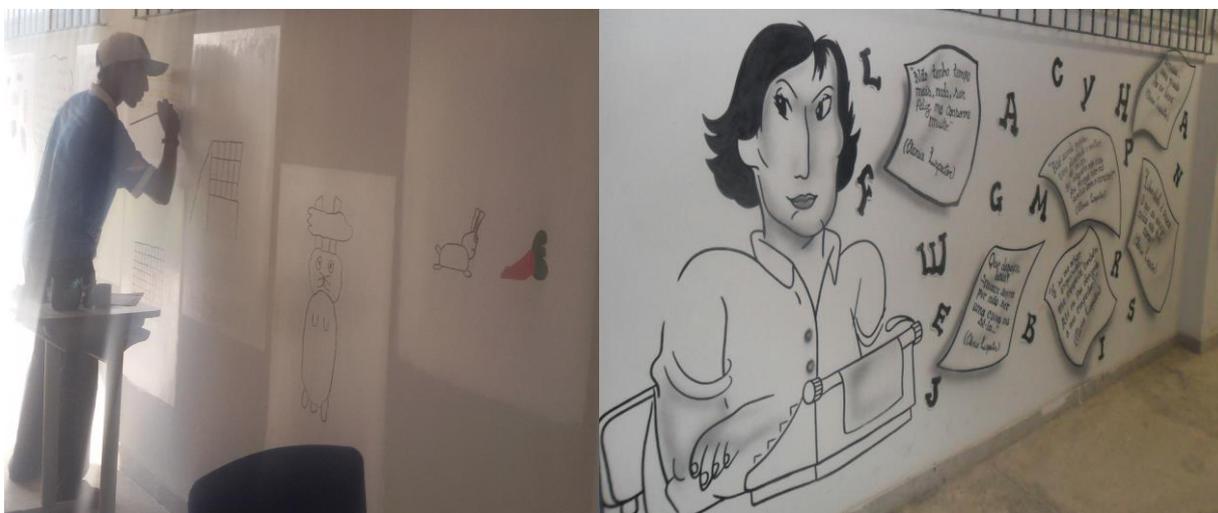
¹¹Fabíola Igreja e Cleane Baia bolsistas do PIBIC que integram Projeto de Pesquisa: “Uma Educação no dorso do tigre: Literatura e Experiências Formativas”, coordenado pela professora-orientadora Gilcilene Dias da Costa, Faculdade de Linguagem, Campus Universitário do Tocantins/Cametá/UFPA.

desabrochar da poesia. Lembrei-me, então, que para a revitalização da Sala de Leitura no ano de 2012 contei com a participação dos alunos para realizarem a pintura. Só que agora tinha outro desafio, pois não estava ligada a eles como professora de sala de aula.

Então o que fazer? Foi uma noite de sono perdido. E o desespero permeado pela minha ansiedade fez-se lembrar do meu ex-aluno Sílvio, com habilidades de pintura. Ele havia orientado os colegas aquele ano. Ele é um rapaz muito talentoso na arte de pintar. Logo que o dia amanheceu liguei para ele e disse que precisava falar com ele o mais rápido possível. Combinamos de nos falarmos na escola no horário tarde. Ele chegou no horário.

Assim que veio ao meu encontro abriu um sorriso largo como se já soubesse meus pensamentos. Expus para ele minhas ideias de como poderia ser realizada as pinturas e esperei dele algumas orientações. Assim, fomos alinhavando como seria a pintura. Ele, como sempre muito atento e paciente comigo. Pensamos, então, em convidar os alunos para participarem de uma oficina de pintura, ele seria o monitor. Achei interessante a ideia. Pedi a ele que me fizesse um orçamento do material que seria usado nos desenhos e na pintura, assim como, o valor do trabalho. Combinamos nos encontrar no final de semana. Repassei a sugestão para a Cleane e Fabíola e ambas concordaram.

Imagem 16 - Oficina de pintura da área externa da Sala de Leitura Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro setembro de 2016.

No dia seguinte, conversei com a direção da escola na pessoa da sra. Rita de Cássia e solicitei a ela a autorização para realizar a pintura no lado externo da Sala de leitura. Autorização concedida. Rumei às salas de aula para convidar os alunos para a Oficina de Pintura.

De sala em sala expliquei o objetivo da oficina e se caso alguém tivesse interesse em participar era só me procurar. O convite foi feito nos turnos da manhã e tarde. Enquanto isso às quintas-feiras acontecia o Cine Clarice, sempre lotado. Eram momentos muito especiais. A sala se enchia de gargalhadas, curiosidades, alguém citava uma frase de autora e sempre um aluno solicitava empréstimo de um livro da autora.

Imagem 17 - Cine Clarice – Alunos assistindo o curta metragem *A hora de estrela*.



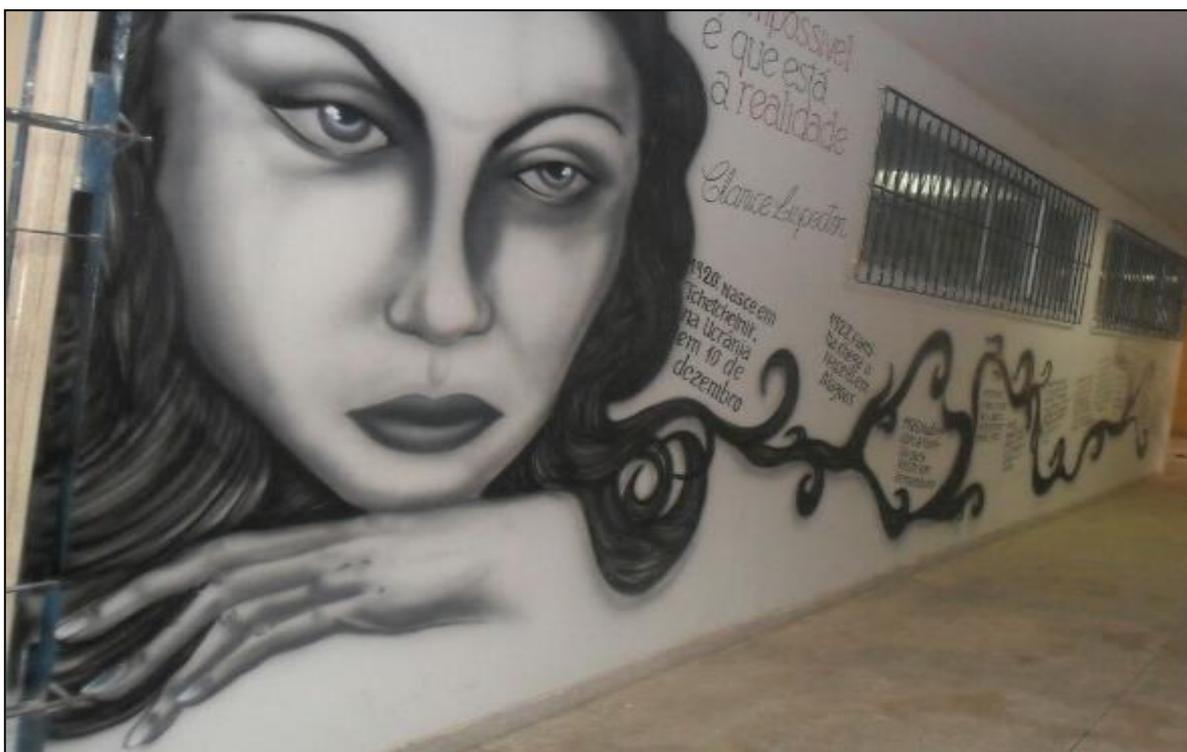
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em novembro de 2016.

Voltando às ações da pintura, todos os materiais solicitados foram adquiridos. Reunimo-nos para decidir como estariam dispostos os desenhos nas paredes que iriam desde a linha de tempo sobre a Clarice, suas obras, frases, caricaturas, até uma de suas histórias infantis. Chegamos a um consenso e as divisões das paredes foram definidas. Todos esses momentos e movimentos ocorreram durante o mês de setembro. Planejamos começar a pintura na primeira semana de outubro para aproveitarmos a semana dos Jogos Estudantis, período em que os alunos participam das atividades físicas na escola como também de atividades culturais.

Algo me preocupava: os alunos não se inscreveram para a oficina. Decidi investigar o motivo. Eles estavam no período de avaliações, organizando os jogos, os alunos da manhã não poderiam vir à tarde, os da noite trabalham durante o dia, e assim por diante. Fiquei muito triste por não poder contar com a participação deles. Mesmo assim, o Sílvio começou os

trabalhos (lixar as paredes, passar massa e fazer o fundo branco, pois decidimos fazer os desenhos nas cores preta). Os desenhos começaram a tomar formas e o corredor de acesso à Sala de Leitura, vida. Foram quase dois meses nesse trabalho, pois no meio do caminho sempre havia algum feriado. Quase no final da pintura o aluno Anderson se disponibilizou em ajudar Sílvio. O que foi de grande valor. O que me chamava a atenção durante a realização da pintura dos desenhos, principalmente das caricaturas de Clarice, era o encantamento dos alunos pelo olhar da autora. Exclamara um aluno: “Que olhar misterioso!”.

Imagem 18 - Autorretrato de Clarice Lispector pintado pelo aluno Sílvio na área externa da Sala de Leitura.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em setembro de 2016.

Clarice é mistério. Introspecção. Solidão necessária. É vida. Ao leitor cabe a coragem de mergulhar em suas obras ou como ela mesma menciona: “Renda-se como me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento”. Assim declara o bolsista Ademilton¹², “A Clarice ela desperta assim... ela nos passa muito ar de mistério. Então... o mistério desperta a curiosidade. Ela provoca a gente.”

¹² Ademilton Filocreão, bolsista do PIBIC que integram Projeto de Pesquisa: “Uma Educação no dorso do tigre: Literatura e Experiências Formativas”, coordenado pela professora-orientadora Gilcilene Dias da Costa, Faculdade de Linguagem, Campus Universitário do Tocantins/Cametá/UFPA.

Enquanto arrolava a pintura, organizávamos outras tarefas, pois a Semana Clariceana¹³ teria início no dia 01 de dezembro e se estenderia aos dias 05, 06 e 07 do mesmo mês. Tínhamos muito trabalho pela frente. Assim, todos estávamos envolvidos. Uma das nossas preocupações era fazer com que os alunos participassem da peça teatral *A Hora da Estrela* e *Felicidade Clandestina*, assim como leitura de textos de Clarice, pois todos estavam envolvidos na Feira Pedagógica. Então solicitei a ajuda da professora de Língua Portuguesa, Inês dos Praseres, para que ela incentivasse os alunos a participarem do teatro e dos recitais de textos clariceanos. O que ela fez com muito carinho.

Assim, alguns alunos da turma do 3º ano do ensino médio do turno vespertino foram até à Sala de Leitura interessados em participarem da peça teatral *A Hora da Estrela*. Também se interessaram por participar deste momento os alunos da turma do 1º ano do mesmo período, que apresentaram a peça adaptada *Felicidade Clandestina* e a leitura de textos clariceanos. Como os alunos estavam ocupados com os trabalhos que iriam apresentar na Feira Pedagógica, entregamos a eles os textos adaptados das obras, assistimos a curta metragens para que eles se familiarizassem com os personagens, assim como a alguns vídeos de declamações de textos de Clarice. Organizamos os ensaios que aconteciam na Sala de Leitura, nos intervalos das aulas.

Os alunos estavam empolgados. Cada um escolhera seu papel na peça. Ficamos à disposição deles, pois poderiam ensaiar quando terminasse o evento da escola, isto é, depois do dia primeiro de dezembro. Confesso que me invadia um desespero, mas confiávamos neles, contando com o apoio e acompanhamento das colegas bolsistas do projeto.

No final de novembro retornei à escola. O folder com a programação estava impresso e foi entregue à direção da escola para o convite às outras instituições. O escritor Haroldo Barros confirmou presença no Café Literário. Os livros para serem expostos no Cantinho da Leitura estavam catalogados. Começamos a limpeza e a arrumação do espaço. Foram três dias de muito trabalho. A escola estava alvoroçada. Era um entra e sai de gente. Eram vozes se sobrepondo a outras. A animação tomou conta de todos.

Dia 01 de dezembro. Tudo pronto. A escola estava preparada para receber os visitantes. A abertura da Feira Pedagógica estava marcada para às 8h. Chegamos cedo. Cleane fez o suco e eu providenciei o café da manhã (pão, leite, pastéis, frutas, água, biscoito). Às

¹³ Evento organizado na Sala de Leitura Clarice Lispector com o objetivo de promover o encontro dos alunos da Escola estadual de Ensino Médio com as obras clariceanas por meio de leituras, releituras, documentários, entrevistas, curtas-metragens, peças teatrais, artes visuais, contação de histórias e performances.

8h30min nosso convidado chegou. Ficou à vontade para organizar os materiais que havia trazido (livros, revistas, filmes).

Os alunos, aos poucos, se dirigiram para a Sala de Leitura. O professor e escritor Haroldo Barros¹⁴ falou sobre a importância do incentivo da leitura. Contou sobre sua trajetória como escritor e roteirista. Interagiu com os alunos sorteando alguns de seus livros. E fez também doações de outros para a Sala de Leitura. O professor permaneceu conosco até às 10h, conforme o combinado. Depois, tomamos café e, agradecidos, nos despedimos.

Imagem 19 - Café literário com o professor e escritor cametaense Haroldo Barros.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em dezembro de 2016.

Ao convidarmos um escritor cametaense para interagir com os alunos causou-lhe surpresa e admiração, pois quase nada sabem sobre nossos escritores. Foi um momento de troca de experiências. Os alunos puderam fazer perguntas sobre o ato de escrever e também tiveram a oportunidade de entrar em contato com algumas obras do professor/escritor.

Na área externa da sala, criamos o Cantinho da Leitura. Neste ambiente os alunos poderiam sentar e escolher um livro para ler, visualizar ou simplesmente bater “um papo”. A sala permaneceu aberta para visitas e leitura até às 12h, quando encerramos nossas atividades.

¹⁴ Escritor cametaense. Escreveu mais de 10 obras, onde trata das temáticas de Movimento sindical, História do Brasil, Encantamentos da Amazônia, Pará e etc...

Imagem 20 - Roda de conversa sobre experiências literárias com Prof^a Dr^a. Gilcilene Dias da Costa (UFPA).



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em dezembro de 2017.

Naquele dia, a segunda parte do evento começou às 16 h. Além das exposições dos livros, organizamos o Cine Clarice com a exibição do curta “Perto do Coração Selvagem”. Os alunos ficavam à vontade para assistir. Foi tudo muito tranquilo.

Na segunda-feira, 05 de dezembro, nossa programação começou pela manhã a partir das 8h com Roda de Conversa sobre experiências de leituras literárias, expressões estéticas e a importância da Sala de Leitura para tal fim, cuja convidada foi a professora Gilcilene Costa.

Na exposição, a professora destacou a relação da literatura com a formação de leitores. Falara também do aspecto poético da literatura para além do atrelamento pedagógico da leitura escolar. Falara de Clarice e seus mistérios, da arte e da poesia nascidas do encontro com a palavra literária, enfatizando: *“Desse tempo vivido, quando vocês saírem desta escola (pois muitos já estão no 3º ano), vão lembrar de momentos em que vocês desfrutaram da literatura na companhia de Clarice Lispector”*, entusiasmava a todos os presentes. Ao falar de Clarice, a professora instigou: *“Clarice traz para nós a palavra existência. Vocês sabem o sentido da palavra existência? Existir no mundo não é só nascer, viver e morrer. Existir é*

criar sentido à própria vida. Cada um vai dando sentido diferente”, ao que todos ficaram pensativos.

Dentre as atividades da Semana Clariceana foi lançado o Jornal Escolar com a edição especial *Clarice Lispector*, o qual contou com a participação e produção de estudantes, professores, pesquisadora e bolsistas do projeto, algo de suma importância para a formação literária no ambiente escolar.

Figura 21 - Divulgação da edição especial Clarice Lispector do Jornal Escolar *Simão News*.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Edição 06/outubro de 2016.

Nos dias 06 e 07 de dezembro foram apresentadas pelos alunos do turno da tarde as peças teatrais *Hora da Estrela* e *Felicidade Clandestina*. Eles também declamaram poesias de Clarice Lispector. Houve contação de histórias (contos de Clarice) e o cantinho da leitura clariceana com exposição de obras literárias de Clarice Lispector e de outros autores.

Nas obras de Lispector o sujeito se reconhece como tal a partir da linguagem que, por sua vez, não o reconhece. Assim, vamos traçando nossos caminhos no delinear desta pesquisa, nos permitindo sermos atravessados pelas múltiplas vozes que ressoam em nossa trajetória,

“pois a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos” (BARROS; KASTRUP, 2012, p. 73).

Assim, desabrochar o leitor para a leitura literária depende não apenas das oportunidades de acesso que se venha a ter aos livros em sua diversidade, mas de como ele, o leitor, se encontrou com os livros.

Às vezes, na rememoração de episódios de leitura, não se consegue lembrar o livro em si, seu conteúdo, seu autor etc., mas de aspectos do ambiente, das pessoas, das circunstâncias em que se lia. Ou seja: do “outro”, da leitura. O desenvolvimento, sensibilidade, a curiosidade e a ousadia, características de quem quer aventurar a promover encontros, desencontros, desabrochares, saberes e novas histórias.

O encontro com a literatura ajuda a amenizar os dramas da vida. Ajuda a pensar. Motiva a um encontro com o leitor. Não pode ser apenas uma porta de acesso ao conhecimento. A Literatura é uma abertura para que possamos nos encontrar conosco e com o outro e tentar saber que as coisas que existem no mundo fazem parte tanto da nossa vida como da vida do outro. Assim vamos vendo as ressonâncias vividas.

A leitura literária desperta a importância da literatura abrindo novos horizontes ao leitor. Além dessa abertura, deve-se levar em conta que o leitor se forma aos poucos e com o tempo. Ninguém vira leitor do dia para outro. Quem lê uma obra literária sente-se próximo a outras pessoas, pois é por meio dela que o ser humano aprende mais sobre si e o mundo ao seu redor.

Ela nos ajuda a melhorar a dor, a melhorar nosso interior, a curar as feridas internas, a esperar por um tempo melhor, a compartilhar experiências e a viver melhor.

A experiência da leitura de textos literários enriquece o imaginário dos leitores, fazendo-os refletir sobre a sua realidade através do espaço da criação e da sensibilidade.

Nesse sentido, conduz o leitor a conferir novos significados à sua existência a partir das experiências literárias. Buscando uma maneira de aproximar os alunos das obras da escritora Clarice Lispector, pensamos nessa criteriosa organização para realizar as ações acima citadas na Sala de Leitura da escola.

Imagem 22 - Hora do conto. Aluno do CIEBT (Centro Integrado de Educação do Baixo Tocantins) lendo o conto *O tempo* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Registro dezembro de 2016.

Em especial, Clarice acreditava que ler era um meio de libertação, o lugar onde a expressão e os sentimentos têm a fluidez. E foi com *Felicidade Clandestina*, *A Hora da Estrela*, documentários, entrevistas, declamações de poesias que se pretendeu inserir o aluno no mundo clariceano quando este foi apresentado à autora em questão. Durante as atividades de *contação*, notamos que o ato de ouvir histórias contadas/lidas por outros aproximava ainda mais o espectador ao texto, com olhos brilhantes e coração pulsante, seguindo os ritmos da leitura, essa é uma relação capaz de estreitar as distâncias advindas das dificuldades da leitura, pois os sentidos estão livres para percorrer a “imaginação criadora”.

Isso supõe que a experiência é adquirida a partir da vivência de algo. Não encontraremos fruição literária apenas na leitura de obras literárias, mas nas experiências de vida compartilhadas. Assim, a Sala de Leitura se fez um ambiente que inquieta, pois é um lugar instigante, um lugar de travessia que oportuniza fantasia, imaginação, recriação do próprio mundo que encanta o leitor, o deleita, é única e singular.

A literatura afeta o leitor, pois ela vai além do racional e se aproxima da zona dos afetos, da subjetividade, é uma expressão artística que emociona, comove muito além do ensinar alguma lição de moral.

4 OUTROS DESABROCHARES... O SEGUNDO ENCONTRO....

Eu antes tinha querido ser os outros, para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros isso era fácil. Minha experiência maior seria ser os outros dos outros. E os outros dos outros era eu.
(LISPECTOR, 1999e, p. 36)

Mais uma vez retornei à Sala de Leitura Clarice Lispector para prosseguir com a pesquisa de Mestrado (PPGEDUC/UFPA). Foi um segundo encontro, mas com público renovado, juntamente comigo participaram das ações planejadas para serem desenvolvidas na sala os bolsistas do PIBIC/UFPA Ademilson Filocreão e Jonatas, ambos integram o Projeto de Pesquisa: “Uma Educação no dorso do tigre: Literatura e Experiências Formativas”, coordenado pela professora-orientadora Gilcilene Dias da Costa, Faculdade de Linguagem, Campus Universitário do Tocantins/Cametá/UFPA.

Nosso primeiro contato aconteceu no final do mês de setembro de 2017 quando a professora Orientadora Gilcilene Costa em reunião nos apresentou e conversou conosco a respeito de como seriam planejadas as ações para aquele espaço.

Depois deste primeiro contato programamos que no dia 25 de setembro nos reuniríamos na Escola Simão Jatene, especificamente na Sala de Leitura Clarice Lispector para planejarmos um cronograma de ações para serem desenvolvida com os leitores que frequentam aquele espaço, pois as pesquisas tanto de mestrado quanto da iniciação científica dos bolsistas acima citados têm por objeto de estudo a experiência de leitura no sentido utilizado por Larrosa (2002), que traz a experiência como algo que marca, que toca. Uma vez que as experiências de leitura podem se constituir nos mais variados contextos, desde que o leitor encontre a leitura adequada, no momento certo (LARROSA, 2015).

Com base nas considerações de Larrosa (2015), que ressalta que a experiência de leitura é uma relação íntima estabelecida entre o texto e a subjetividade de quem se põe à sua escuta, propiciando-lhe a apropriação sem estar preso às amarras de interpretações outras que não vivenciadas por ele, buscaram-se alguns pressupostos para compreender como as experiências de leitura estão diretamente conectadas à subjetividade das experiências do leitor, o que resulta sua singularidade, uma vez que as experiências de leitura podem ocorrer em diferentes contextos, por meio dos mais variados suportes de leitura e assim adquirir experiência a partir da vivência do aprendizado de algo, pois as pessoas em geral leem a partir de diferentes lugares, condições, perspectivas.

Um dos nossos primeiros movimentos na Sala de Leitura foi a reorganização do espaço, pois fiquei afastada de lá por um longo período preparando minha qualificação do Mestrado. Sendo assim, fizemos a limpeza da sala e catalogamos os livros que foram doados pelo escritor Salomão Laredo¹⁵, assim como realizamos as visitas nas salas de aula para conversarmos com os alunos a respeito do movimento que iríamos realizar na Sala de Leitura. Então ficou definido da seguinte maneira:

Inicialmente foram selecionados para as leituras com os alunos os contos de Clarice Lispector – *Uma galinha, Mas se chover, Praça Mauá, A vida íntima de Laura, O Triunfo*, além dos textos: *Se eu fosse eu* e *Sou uma pergunta* - escolha essa que aconteceu por vários motivos como: a relação entre o gênero narrativo e a vivência do aluno; por serem curtos os contos permitem a leitura de um texto completo em cada encontro; por terem uma unidade dramática e por que li em algum lugar “Quer sentir Clarice? Comece pelos contos”. Além dos contos foram exibidos documentários sobre a autora, curtas-metragens de algumas obras, dinâmicas envolvendo aberturas de novelas, apresentação de quadros pintados por Clarice, reescrita de possíveis finais dos contos.

Buscar a clareza demanda um simples gesto de abrir janelas. E nesse escancarar de abrir as janelas da alma e deixar o ar que corre lá for adentrar nos pulmões que a Sala de Leitura Clarice Lispector vai desabrochando para a vida a cada novo reencontro, pois este é um espaço vivo, pulsante, acolhedor, no qual a leitura literária deve fruir tornando-se “País” de descobertas e colheita farta para que o leitor se aventure a ir ao encontro desse inesgotável universo da Literatura.

Especificamente no que diz respeito à Sala de Leitura Clarice Lispector, procurou-se estar atento para questões como acessibilidade, a organização, a diversidade de acervo, a estética e, principalmente, a necessidade de interação. Uma vez que este espaço deve ser provocativo, convidativo, acolhedor, voltado a oferecer, de forma surpreendente, o desabrochar das leituras literárias nos leitores frequentadores daquele espaço, pois são jovens que trazem consigo registros de experiências nem sempre bem-sucedidas neste universo, deparando-nos com um desafio maior de conquistá-los, instigando-os para novas experiências de leituras, diferentes do tradicional, do costumeiro.

A ideia era favorecer aos leitores um ambiente de leitura onde possam expor seus desejos, suas necessidades, suas curiosidades; surpreender-se com suas próprias descobertas,

¹⁵Jornalista, advogado, poeta, contista e romancista brasileiro. Trabalha em prol do livro, leitor e leitura, de instalação de bibliotecas e da democratização do acesso ao livro, tendo inúmeros artigos publicados nessa área.

com novos saberes e fantasias; convidá-los a pensar, a repensar, a questionar e, principalmente, a expressar suas artes e inventividades poéticas, de que modo tais experiências modificariam sua relação consigo e com o outro no mundo.

Encontrei-me desafiada a ir ao encontro do jovem leitor que frequenta a Sala de Leitura Clarice Lispector com um novo planejamento de ações que buscassem potencializar e revigorar neles novas e outras sensações literárias. Acompanhar as experiências de leitura e ter a percepção de como o desabrochar literário acontecia quando se encontravam com Clarice, tudo isso era instigante e a Sala de Leitura seria um espaço escolar imprescindível para a formação do jovem leitor, pois nela seríamos capazes de agregar sonhos, vozes, ressonâncias e experiências leitoras que poderiam ecoar no mundo objetivo e subjetivo do leitor.

Segundo Nunes (1996), a leitura literária, quando obrigatória, pode não ser agradável ao leitor, no entanto, ao se sentir livre seja para discutir sobre o que leu ou para falar sobre aquilo que lhe despertou interesse, a leitura desse gênero pode colaborar para a formação do sujeito.

Relacionar às obras clariceanas, no sentido utilizado por Larrosa, que traz a experiência como algo que marca, que toca e transforma o que somos e o que nos tornamos com as experiências leitoras dos alunos foi um dos objetivos a ser alcançado por esta pesquisa “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (LARROSA, 2016, p.26).

A literatura clariceana permite ao leitor sair de si mesmo, de ser outro e sentir o que o outro sente. Estar no lugar do outro ou por uma experiência de prazer, aventura ou para viver algo mais profundo em busca de si mesmo. Clarice traz o confronto de um sujeito no mundo de uma forma sempre imprevista, inadvertida. Ela é uma escritora do incômodo. Buscou através de suas obras uma busca de si mesma; que envolvia uma compreensão do mundo e do ser humano.

Possibilitar o encontro dos jovens leitores com as obras de Clarice Lispector e projetá-los para além do que foi narrado foi um dos objetivos das ações que aconteceram na Sala de leitura Clarice Lispector. Escolheu-se o conto, um gênero que, por suas características estruturais como concisão, condensação, tensão alcançariam o leitor. Especificamente, nos contos clariceanos, há a possibilidade de uma influência que possam causar na vida do leitor.

Imagem 23 - Leitura da obra *O Mistério do coelho pensante* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro novembro de 2016.

Esse encontro do leitor com a potência das obras de Clarice demanda provocar a paixão pela palavra literária, assim como, que ele possa sofrer uma experiência de subjetivação a partir das ações realizadas na Sala de leitura. A perspectiva é que a partir das leituras de contos naquele espaço o leitor consiga despertar interesse para textos mais extensos e densos.

Esse segundo encontro de Clarice com os jovens leitores foi desenvolvido na Sala de Leitura Clarice Lispector no período dos meses de setembro a dezembro do ano de 2017, como forma de promover o encontro do leitor com os contos de Clarice. Foram desenvolvidas algumas estratégias específicas como por exemplo: A Hora do conto (segundas-feiras), Roda de conversa (terças-feiras), Cine Literário (quintas-feiras). As leituras e os empréstimos de obras literárias aconteciam normalmente. Sendo assim, realizaram-se as visitas nas salas de aula para conversar com os alunos a respeito do planejamento das ações para serem desenvolvidas naquele espaço e que o mesmo estava aberto para acolhê-los. Fato este que os deixou muito felizes, pois há tempo a sala estava fechada por falta de servidores para trabalhar ali, especificamente no turno da tarde. Foi usada como metodologia para essas ações a leitura efetiva das obras seguida de discussão.

Depois da reorganização da Sala de Leitura com novas estantes e de catalogar as obras literárias doadas pelo escritor Salomão Laredo, tarefa que durou uma semana, as ações foram se delineando.

Então, no dia 16 de outubro (segunda-feira) do ano em curso aconteceu a “Hora do conto”. O primeiro conto a ser lido *Praça Mauá*, de Clarice Lispector. No dia 19 de outubro (quinta-feira) o Cine Literário apresentou o documentário sobre Manoel de Barros “Só 10% é mentira”. Depois do contato com o documentário a respeito do autor, foram lidos poemas de Manoel e realizada a oficina de origami, em seguida foi solicitado aos alunos que dessem novas funções para determinados objetos que estavam naquele espaço: impressora, vasos, mesas, cadeiras, datashow.

Imagem 24 - Cine Literário: Alunos à esquerda assistindo ao documentário *Só 10% é mentira* e, à direita participando da oficina de origami.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Registro em novembro de 2017.

A linguagem poética de Manoel de Barros causou à princípio uma certa estranheza aos alunos não tanto pela temática, pois o poeta fala da simplicidade, da humanização das coisas, mas pela forma inusitada de como re(configura) o mundo. Com a exibição do documentário os alunos se identificaram com algumas passagens, com por exemplo, no momento em que um menino ao tomar banho num rio apoia-se em uma boia feita de câmara de trator. Essa simplicidade retratada no documentário conectou os alunos à poesia de Manoel, o que foi aprofundada na oficina de origami que teve com objetivo juntar um criar e recriar de novas formas de objetos para materializar o que Manoel de Barros destacava em suas poesias “[É preciso] desinventar objetos”.

No dia 23 de outubro (segunda-feira) os alunos assistiram ao Documentário de Clarice (entrevista). Por ter um ar misterioso Clarice causava curiosidade e suscitava questionamentos do tipo “*Ela era sempre daquele jeito triste, fechada, solitária?*”

Sentiram-se incomodados com a entrevista, pois Clarice não se revela. Ela fisga o leitor e nos faz sentir a vida pulsando e nos desperta do automatismo cotidiano e faz-nos descobrir com espanto, nossa vida interior. Foi assim que os alunos se sentiram ao ouvir o texto “Se eu fosse eu? a leitura causou-lhes um certo constrangimento e silêncio de quem está refletindo sobre as próprias atitudes na vida (fingidas ou não), degustando cada palavra. Nos dias 25 e 26 de outubro os alunos participaram da “Contação de história”.

Como envolver os alunos nas performances? Esta era uma pergunta que compartilhava com os bolsistas Ademilton e Jonatas sempre que planejamos alguma ação para ser desenvolvida na Sala de Leitura. E não foi diferente com as poesias de Manoel de Barros¹⁶. Precisávamos preparar o terreno para esse encontro do poeta com o leitor. Assim, através de documentários, recitais de poesias, oficinas de origami começamos a despertar no aluno o desejo de participar da *Performance poética Manuel de Barros*. O convite foi lançado e de repente nos vimos com um grupo de alunos que dispostos a enfrentar seus temores de falar em público e timidez aceitaram embarcar conosco nesta aventura.

Durante os ensaios percebíamos o quanto os alunos dedicavam-se para compreender a essência da poética de Manoel Barros e nem se davam conta que também suas essências estavam ganhando vida. Posturas, imitação de voz, gestos corporais estavam se conectando. Vidas desabrochavam pelo fazer poético-artístico.

¹⁶Manoel Wenceslau Leite de Barros (Cuiabá, 19 de dezembro de 1916 — Campo Grande, 13 de novembro de 2014). É o mais aclamado poeta brasileiro da contemporaneidade nos meios literários.

Imagem 25 - Performance poética de escritos de Manoel de Barros.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em dezembro de 2017

No dia da apresentação da performance todos estavam orgulhosos por terem conseguido vencer suas dificuldades como ressaltou um aluno: *“Nossa turma nunca participava de nada aqui na escola... tô feliz... tava com medo, mas passou”*. O jovem quer apenas uma oportunidade para mostrar seu talento. A escola precisa abrir as portas para o fazer artístico-literário.

Assim, os contos, crônicas clariceanas e as poesias de Manoel de Barros foram ganhando vida ao serem lidos para e pelos alunos que frequentam aquele espaço que muitas vezes serve como refúgio para entretenimento e local de múltiplas manifestações culturais. As obras literárias são um portal para o mundo e o leitor experimenta novos sentimentos ao caminhar por mundos distintos do tempo e espaço em que vivem.

A literatura transforma o sujeito, pois ao longo da leitura de um livro, entrelaçam-se perguntas e respostas, dúvidas e propostas, inquietações, êxtase, ódio, amor, esses sentimentos foram visíveis nas falas dos alunos após a leitura do conto *Praça Mauá* de Clarice Lispector que aconteceu na Sala de Leitura. O conto versa sobre a vida de uma mulher casada que à noite se prostitue em um cabaré localizado nas proximidades da Praça Mauá. Durante a conversa com o grupo, algumas alunas comentaram:

Mariana: “*Conheço muitas meninas que são de família e que se vendem...hum...às vezes as mães sabem... elas querem luxar... por isso fazem isso..., mas tem muito preconceito...a sociedade não perdoa esse tipo de gente...*”

Paula: “*Que gente.... isso é preconceito...cada um vive como quer...né*”

Joana: “*Como nessa história aí...professora... ela não tinha precisão de se prostituir..., mas ela queria...muito triste... o marido dela era cego...fingia que não via...*”

Mariana: “*Ela tinha uma empregada que sabia e fazia chantagem com ela... tem meninas que não precisam disso..., mas gostam, fazer o quê...?*”

Na escola são poucas as oportunidades que os jovens têm para dialogar sobre sexualidade, preconceitos, bullying ou outros temas que eles vivenciam. Com as leituras dos contos realizadas na Sala de Leitura os jovens tiveram a possibilidade de externar suas opiniões e posições diante de temas polêmicos como esses, os quais sofrem certo apagamento nos contextos escolares.

Especificamente tratando do conto *Praça Mauá* que tematiza a rivalidade entre uma mulher e um homossexual e a questão da prostituição os jovens sentiram-se à vontade para comentar a respeito dos perfis “enganadores” dos personagens: Luísa, uma dona de casa, que transformava-se em Carla, dançarina de cabaré, os jovens, de alguma maneira, conheciam alguém com essa dupla identidade; assim como, o personagem Celsinho, que era de família nobre, mas assumira-se como Moleirão, um travesti que trabalhava no cabaré.

Como observa-se nos diálogos acima os alunos a questão do feminismo, da liberdade de escolhas e do papel da mulher na sociedade, uma vez que Luísa não desempenhava tarefas do lar, mas realizava-se sendo prostituta, enquanto Celsinho desempenhava tarefas domésticas com êxito. Mesmo com essas inversões de papéis fica evidente no conto o quando a mulher tem que batalhar para ser aceita na sociedade. O preconceito não ocorre só por parte dos homens, como fica claro nos comentários das alunas. Ainda hoje, há compreensão que ser mulher é desempenhar o papel de mãe e dona de casa.

Como vemos, a literatura promove uma conexão entre nós mesmos e o mundo que nos cerca. Nos humaniza e por ser uma arte nos afeta adequadamente em vez de apenas nos distrair da nossa própria vida. O conto *Praça Mauá* ressignifica o machismo autoritário e às ideologias que transferem as mulheres para uma situação de inferioridade. Clarice não confronta mulheres vs homens, ela visa conscientizá-las de sua condição dentro da sociedade para, assim, alcançarem a unidade com o masculino. Desse modo, o texto clariceano mexe com as sensações e emoções do leitor.

Nas leituras dos contos lidos na Sala de Leitura Clarice Lispector buscamos propor aos leitores o estímulo à escuta, à imaginação, às sensações, emoções e ao diálogo a partir do que foi lido. Como ressalta Manguel (1997, p. 43):

O leitor, ao entrar em contato com o livro, estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando aos sons que estão lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua.

Os leitores frequentadores da Sala de Leitura foram inseridos neste contexto, pois seus contatos com as obras literárias, fossem as de Lispector como dos demais autores que habitaram aquele espaço, partiam quase sempre do olhar e do tato.

O jovem-leitor lê o livro pela capa. Ele precisa manusear, desfolhar, despetalar cada página à procura daquilo que desperte nele sensações, emoções.

Para desabrochar a sensibilidade dos leitores foram traçados planos de ação que iam desde a contação de histórias à dramatização de peças teatrais a partir das leituras das obras de Clarice Lispector.

Compreende-se que essas estratégias propiciaram a exposição de temas que despertaram neles o prazer, o inusitado, o drama existencial que afeta qualquer ser humano. A leitura literária ao ser vivida imaginariamente no ato de representar, ler ou ouvir possibilitava aos alunos sentir a realidade de maneira inusitada, aflorar neles ou em nós aquilo que de belo temos e não sabemos, ou somente intuímos, e aquilo que perdemos.

Imagem 26 - Apresentação da performance do conto *Feliz aniversário* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro dezembro de 2017.

Afetar e ser afetado... Ser tocado, mexido, deslocado de determinado lugar foi o que aconteceu com os alunos que participaram da performance adaptada do conto *Feliz aniversário* o qual descreve a festa de 89 anos de Dona Anita a matriarca de uma família. A idosa é descrita sendo alta, magra. O tempo todo permanece sentada. Durante a festa os convidados se mostram falsos uns com os outros, o que não agrada a Dona Anita. A matriarca silencia. Mas de repente se levanta e despeja sobre os presentes todos os sentimentos que estavam presos dentro dela. Depois do ocorrido os filhos simplesmente levantam-se e vão embora, mas sem antes dizer: “Até o ano que vem”. Assim, Dona Anita termina sozinha pensando: “Será que haverá jantar?”.

Imagem 27 - Aluna atuando como Dona Anita na performance do conto *Feliz Aniversário* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Registro dezembro de 2017.

O conto retrata a superficialidade fraternal, as rixas familiares e a maldade subtendida na forma da velhice e da vida. Após assistirem o curta metragem e de terem lido a obra foi solicitado a eles a possibilidade de participarem da performance, proposta aceita com muito carinho pois eles viram na história muito de seus familiares, vizinhos, amigos.

Desde os ensaios eram notadas as indignações, os incômodos e as inquietações dos alunos ao representarem. Relata-se que a aluna que iria fazer o papel da idosa na performance foi substituída, pois se sentia desconfortável para representar. Ao ser questionado do porquê, respondeu: “*Já passei por isso em minha família... é muito triste... não consigo*”. A vida então foi se descortinando e a potencialidade da escrita clariceana se aflora. Clarice arrebatada do leitor seus mais profundos sentimentos. Aqueles que estão adormecidos e que se prefere esquecer.

Imagem 28 - Ensaio para apresentação da performance do conto *Feliz aniversário* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro novembro de 2017.

No relato dos alunos após apresentarem a performance do conto *Feliz Aniversário* registramos esta experiência de leitura que os afeta e os faz repensar a vida e seus relacionamentos familiares.

Ana: *Quando representei a peça...lembrei da minha vizinha... sabe professora ela ficou cega. Fez a cirurgia, mas não adiantou. (respira fundo) ela fica sentada na frente da casa... os filhos esquecem ela lá. Ninguém liga pra ela... tenho pena...eles só querem o dinheiro dela.*

Carla: *Sabe... quem cuida da minha avó é a minha irmã. Nenhum dos filhos quis cuidar dela. Ela vive cheirosa...limpinha. Minha mãe é mais doente do que ela. Mas tenho um tio que quando ela recebe ainda tira dinheiro dela... não ajuda e ainda pega o dinheiro (ar de indignação) ...acho errado. Minha irmã fica aborrecida. Os outros só vão lá de vez em quando.*

Paula: *No lado de casa mora um senhor... tá pra morrer. Não anda...teve aquela doença ...como é o nome? Hum... derrame. Ele fica todo sujo. Eles brigam porque ninguém quer ficar com ele..., mas da aposentadoria eles querem...agora ele grita de dor...escutamos em casa os gritos...eu choro...queria poder fazer alguma coisa. Quando participei aqui na Sala de Leitura da dramatização era como se eu visse o meu vizinho...muito triste. Parece que não vão ficar velhos...*

A leitura literária possibilita o desabrochar de sensações e sentidos. Ou ainda na perspectiva de Larrosa (2002), uma *experiência* e, como tal, produtora de metamorfoses que permitem aos leitores outras formas de habitar o texto, diferentes formas de olhá-lo, de se

fazer e refazer a partir da experiência da leitura, ou seja, o leitor atribui sentido à leitura realizada fazendo-os, como ressalta Gil Neto (1992) ao enfatizar que, ao término deles (os livros), ao invés do questionário ou da ficha anexada à obra, conversar. Deixar a leitura ser motivo de reflexão conjunta. Levantar curiosidades, propagandear o livro, contar descobertas, falar das impressões, do ocorrido entre as palavras. Assim, a subjetividade leitora é vivenciada por meio da literatura. O leitor projeta nos textos literários seus anseios, desejos, medos e emoções.

A indignação dos alunos diante do comportamento dos personagens do conto *Feliz aniversário* demonstrou que o texto literário realçou uma experiência de como cuidar do outro. São jovens sensíveis, que conseguiram vivenciar uma experiência de leitura.

Na reflexão dos leitores das obras clariceanas estes destacaram um movimento vivo de dor, de alegria, de vivências pessoais que os remetiam a uma busca de entendimento de si, dos limites, das possibilidades de ser/viver a existência tão marcada e associada às questões de finitude, morte, dependência, menosprezo, ridicularização de atitudes e comportamentos. Pois ao ouvirem e lerem as obras de Clarice os leitores encontraram-se em movimento de sair de si e ir ao encontro do outro. A se colocar no lugar do outro não por piedade, mas por sentir a dor do outro, por perceber nos outros sentimentos e angústias que na maioria das vezes os deixam insensíveis diante dos dramas do mundo. Como se observa na fala de Joana a respeito do conto *Feliz aniversário*:

Esse conto pode retratar ainda mais o desamor que existe entre as famílias...desde antigamente e hoje esse desamor é cada vez mais frequente...é doloroso... sabe a gente vê casos...meu Deus dói...machuca o coração só de pensar que tem tanto idoso sofrendo por aí...igual como Clarice escreveu. Tenho meu avô... eu gosto muito dele (emocionada)... tá doido...é como o pai que não tive e eu cuido dele...eu tenho muito amor por ele.

Há, portanto, um desejo de compartilhar afetos literários, experiências e encantamento a partir de cada leitura. Foram escolhidas obras que procuravam despertar no leitor o desejo de falar “sobre”, dizer aos outros como Clarice o que os tocava, comovia e os punham em movimento. Como observa a aluna que narrou o conto *Feliz aniversário*:

Quando fui ler o conto pra narrar fiquei pensando sobre o tratamento que é dado aos idosos...a gente vê muitos casos de idosos na mesma situação da dona Anita (personagem do conto). Os pais passam a vida inteira cuidando dos filhos. Não que eles pensem ‘Ah! Eu vou cuidar deles pra eles cuidarem de mim’. Isso na cabeça deles não é desse jeito...tipo assim... eu sou mãe e vou cuidar do meu filho por que ele é meu e se eu não cuidar quem vai cuidar?... aí quando a pessoa fica idosa que ela precisa de cuidado, precisa de atenção os filhos, na maioria das vezes não tão

nem aí... tem sempre uma desculpa. O que eu narrei acontece em muitas famílias... na minha é assim... esse conto me fez refletir... Clarice me fez repensar em muitas coisas.

Todos esses depoimentos indicam que através dos textos literários é possível uma reflexão do leitor diante das situações que ocorrem no mundo.

Larrosa (2015) destaca que a experiência de leitura ajuda na transformação do indivíduo, que não acontecerá somente por meio da palavra escrita, mas também do posicionamento do leitor perante a vida. Compreende-se que a leitura clariceana provoca no leitor a sensibilidade para tratar das coisas cotidianas, ressonâncias poéticas, desejos arrebatadores, sonhos, dissabores. Ao ler uma obra literária o leitor pode inferir impressões e sentidos advindos de sua experiência de vida, pois imagens são projetadas na mente dele e sobressaltadas em suas retinas, sons que evocam memórias vividas. Ele vai se reconfigurando a cada nova leitura.

Ao falar dessas experiências de leitura literária e diálogo com os alunos, reporto a Monteiro Lobato na obra *As Reinações de Narizinho* (1931), em que afirma ser preciso que se abram os livros, para que as personagens – e também os poemas – “fujam” de dentro deles e façam parte de cotidiano escolar, por meio do ludismo, que é um objetivo da arte em geral e da literatura em particular.

O leitor quando em contato com as obras literárias encontra-se em movimento. A leitura escapa do controle e vai aguçando sentidos, suspiros, desejos, mudanças, reflexões. Segundo Barthes (2008, p. 105), “quando há fantasia, nos imaginamos fabricando esse objeto, programando fases da sua fabricação, como um artesão”.

Foi assim com as leituras das obras clariceanas na Sala de Leitura, a cada leitura de contos e crônicas lidos para e pelos alunos uma nova janela se abria para a vida e o desabrochar para as coisas da vida acontecia acompanhada de sorrisos, choros, surpresas, indignações. Clarice deixa de ser apenas uma desconhecida que habitava aquele espaço e passa a ser alguém a quem o leitor pode confiar os seus segredos, angústias, uma companhia na viagem pelo mundo lado a lado com o leitor.

Ao assistirem e/ou dramatizarem as obras literárias os jovens manifestaram seus sentimentos, suas sensações, suas impressões diante de histórias que os afetam de alguma maneira. A leitura dos contos clariceanos propiciou a eles um contato com as idas e vindas da vida, com as angústias, desprezos, abandonos, preconceitos, pois aí reside a grandeza das obras de Clarice: ela é múltipla e abre caminhos para o diálogo do leitor consigo mesmo.

Clarice suscita dúvidas, debates, inquietações. Faz o leitor desabrochar para a vida e repensar como está seu relacionamento na família, na escola, com os amigos e com os outros que o cerca. Seus contos deixaram vestígios nos jovens que por ela foram fígados.

4.1 De conto em conto... Clarice caminha...

Quando comecei a escrever, o que desejava eu atingir.
(LISPECTOR, 2004, p. 26)

Ao tratar das ações que foram planejadas para serem realizadas na Sala de Leitura ressalta-se que a leitura interativa nos possibilitou um maior contato com os leitores, pois ao lerem os contos clariceanos os leitores interagem e as suas falas emergiam de forma espontânea. Inicialmente, explicou-se para os alunos o porquê das escolhas de contos de Clarice e o que era um conto (por serem curtos e de uma narrativa menos densa os contos clariceanos foram mais compreendidos pelos jovens leitores) para em seguida começarmos a ação que foi denominada a “A Hora do Conto” que acontecia todas às segundas-feiras.

Assim, o primeiro conto de Clarice escolhido para este momento foi *Praça Mauá*, que relata a história de Luísa: uma mulher casada que durante a noite trabalha como dançarina em um cabaré e assume o “nome de guerra” Carla. Joaquim, o marido de Luísa, trabalha o dia inteiro como carpinteiro. De noite, quando ele chega, Luísa sai para o cabaré que fica na Praça Mauá. Luísa tem num travesti seu melhor amigo e confidente. Seu nome é Celsinho, “um homem que não era homem” como diz o narrador.

A leitura foi realizada pausadamente... de quando em quando ouvia-se um suspiro profundo. O silêncio tomava conta do lugar. Os semblantes dos alunos mudavam de acordo com o caminhar da leitura. Às vezes a leitura era interrompida para se ouvir algum comentário “*O marido dela não desconfiava? Muito sem noção...*” ou outro “*Ah! Se ela fosse minha mulher...*”, para em seguida continuar a leitura. Percebia-se no olhar, no rosto de cada aluno ali presente seus anseios, medos, suas discordâncias com o que ouviam. Ao final da leitura ficamos apreensivos e na expectativa de como eles iriam expor suas opiniões, tensão que aos poucos foi se acalmando, pois tranquilamente a conversa fluía de maneira natural. Assim a conversa transcorreu em torno das atitudes da personagem Carla/Luísa, pois os alunos questionavam a vida dupla da mulher e a falsidade de Celsinho, o travesti.

É importante registrar que entre os alunos havia uma discordância acerca da atitude da personagem quanto a se prostituir. Ao ser lançada a pergunta: Ela precisava se prostituir? “*Eu*

acho que sim... o marido era carpinteiro...”, fala esta que foi questionada “Só porque ele era carpinteiro não precisava se prostituir... eu não concordo. Se todo mundo que é pobre fizer programa?”, retrucou outra aluna.

Depois da leitura do conto foi o momento da roda de conversa partindo da seguinte pergunta: O que é ser mulher ‘de verdade’? Uma vez que o conto toca nesta questão no seguinte diálogo entre Celsinho e Carla:

[...]

Celsinho pulou:

– Mas você não é mulher de verdade!

– Eu? como é que não sou? espantou-se a moça que nesta noite estava vestida de preto, um vestido longo e de mangas compridas, parecia uma freira. Fazia isso de propósito para excitar os homens que queriam mulher pura.

– Você, vociferou Celsinho, não é mulher coisa nenhuma! Nem ao menos sabe estalar um ovo! E eu sei! eu sei! eu sei!

Carla virou Luísa. Branca, perplexa. Tinha sido atingida na sua feminilidade mais íntima. Perplexa, olhando para Celsinho que estava com cara de megera. Carla não disse uma palavra. Ergueu-se, esmagou o cigarro no cinzeiro e, sem explicar a ninguém, largando a festa no seu auge, foi embora [...]

(LISPECTOR, 1999g, p. 576-577)

Foram várias as respostas obtidas com a pergunta: “*É ser independente ou fazer o que quiser ou não deixar o homem mandar nela*”. Um aluno citou que “*Ninguém nasce mulher, torna-se*”. Teria lido ou ouvido falar de Feminismo? As alunas, assim como os alunos defenderam seus pontos de vista. Edilse salienta:

Eu acho que não mudou muito esse conceito de mulher de verdade na nossa sociedade... tem características que vem de muito tempo atrás (ela estala os dedos indicando passagem do tempo) que eles atribuíram essa qualidade... a mulher tem que fazer de tudo na casa, entendeu? Eu acho... até hoje impera esse conceito da mulher de verdade apesar de ter modernizado algumas coisas.

Ao tocarmos no assunto sobre Feminismo, Edivane relata:

Eu não concordo... Essa questão de que as mulheres falam de igualdade. Ah! Igualdade? Isso não prevalece. Não tem como ser igual. Não concordo com muitas coisas que as feministas pregam. Concordo sim que as mulheres são vítimas de discriminação. Tem que ter direitos, mas a questão do feminismo muitas coisas eu não concordo (nesse momento alguns alunos a aplaudiram).

Comentário este que dividiu opiniões entre as alunas, principalmente porque veio de uma mulher, então, se discutiu a respeito dessa divisão de gênero em sociedade. Vocês são feministas? Questionou-se. A aluna Dalila responde:

Não me identifico com o movimento feminista. Nós mulheres já conquistamos muitos direitos, mas não há igualdade, pois, a mulher é naturalmente diferente do homem e não foi o homem que colocou ali essa diferença... a diferença é biológica.

As alunas, principalmente, não se identificaram com a divisão injusta de tarefas domésticas em relação aos irmãos delas. Não aceitam que mulher só tem que ficar na cozinha. Lembraram do machismo na época de seus pais e avós, comentou uma aluna: “*Ainda hoje é assim, em casa o meu pai manda; e minha mãe obedece. Fico muito chateada.*” O que muitos concordaram, o que gerou um certo burburinho. Uma aluna que está na segunda gravidez disse: “*Minha filha me pediu um carrinho para brincar, eu comprei, mas foi um carro rosa.*” Todos sorriram. Alguém disse: “*Mas é assim... a sociedade impõe que menino veste azul e menina rosa. Um absurdo.*” Todos esses sentidos a respeito da experiência da leitura literária desabrocham na Sala de Leitura Clarice Lispector a partir do diálogo em meio a uma leitura/escuta interativa. Pode-se afirmar que as práticas de leitura literária instigam o leitor a perceber que a Literatura toca na vida e seus sentidos.

Assim fluíram as subjetividades leitoras. Como se nota os jovens leitores opinam a respeito das atitudes e comportamentos dos personagens e fazem também uma conexão com o mundo que os cerca. Há uma variação de sentimentos expressos em suas falas como: raiva, indignação, pena, decepção, aceitação, indiferença. Assim afere:

A literatura que tem o poder de mudar não é aquela que se dirige diretamente ao leitor, dizendo-lhe como ele tem de ver o mundo e o que deverá fazer [...] nem a que lhe dita como deve interpretar-se a si mesmo [...], mas, tampouco, é a que renuncia ao mundo e a vida dos homens e se dobra sobre si mesma. (LARROSA, 2015, p.126)

.....
 [...] A literatura que muda o leitor, tal como a entende Handke, é aquela que afugenta a “linguagem do tipo tu-já-sabes-o-que-queiro-dizer” e, ao afugentá-la, desrealiza também o mundo do tipo todos-já-sabemos-como-são-as-coisas. (LARROSA, 2015, p.127)

Outro grupo de alunos discutiram sobre o caráter da personagem Luíza/Carla que se prostituía por capricho. Comentavam: “*ela não tinha necessidade de ser prostituta... o marido*

era trabalhador” ou “*Conheço muitas meninas que se prostituem só por prazer*”. Questionam o comportamento de Celsinho (travesti que trabalhava com Carla no cabaré) amigo de Luíza/Carla, segundo eles era invejoso: “*O Celsinho no início parecia amigo dela, mas no final ele começou a mostrar que ele era. Ele tinha inveja dela. Ficou com raiva porque foi rejeitado*”. Os alunos também perceberam que Celsinho tinha uma condição social estável e que deixou tudo para ser travesti.

Os contos clariceanos começam e terminam de maneira crua, expondo a realidade externa. Fato que desconstrói a noção de que Clarice é sempre delicada e sentimental como observa o aluno João:

Clarice deu poucas entrevistas... e quando tu lê ou escuta uma obra dela...hum...é tu falar com ela, sentir ela. Quer conhecer ela? É só ler a obra dela.... cada obra dela ela estabelece um diálogo com a gente... eu já assisti várias entrevistas dela e ela mesma diz que nem ela se conhece, mas através da obra dela a gente vai conversando com ela...vai conhecendo ela...com ela temos um bate-papo...um debate... e é assim que me senti quando li o livro dela... mexeu comigo...é isso.!

Quando perguntados sobre o que era um travesti, relacionando com o personagem Celsinho do conto, os alunos apontaram para o colega homossexual, diziam: “*pergunta pra ele...*” (este abaixou a cabeça constrangido) como se obrigatoriamente pela opção sexual dele precisasse saber a resposta ou se expor. Nesse momento abriu-se a discussão a respeito do preconceito de gênero, da violência contra homossexual, travesti, lésbicas, enfim, ao serem confrontados a respeito disso perceberam que era um estereótipo, uma forma de preconceito em relação ao colega. Alguns comentários surgiram e um aluno ressaltou: “*Somos muito preconceituosos... aqui mesmo dentro da escola ficamos caçoando do colega... isso não é legal...tem que respeitar o outro*”.

Para discorrer a respeito das diferenças de classe, preconceito, homofobia, prostituição e expandir a significação do conto de Clarice os alunos assistiram algumas aberturas de novelas como: *A Regra do Jogo* (em um tabuleiro de xadrez as peças disputam entre si e nem sempre estão do mesmo lado). Assim como no conto Carla disputou com Celsinho o mesmo homem e como consequência “as peças se destruíram e mudaram de lado”. *Cobras e Lagartos*, novela que traz como tema a desigualdade social, disputa de classes, o consumismo, o preconceito. *Verdades Secretas*, minissérie que tem como pano de fundo a luxúria. Comentaram: “*Na abertura percebemos as modelos bonitas e solitárias. Um ambiente triste. Sem vida*”. Uma aluna reflete: “*São como Carla que se prostituía para*

sustentar o luxo”. Todos esses sentidos de leitura desabrocharam a partir do diálogo em meio a uma leitura/escuta interativa às subjetividades leitoras. Assim como a apresentação da performance da turma da professora Sidionei Pessoa, baseada na música de Chico Buarque “Geni e Zepelim”.

Imagem 29 - Performance da turma MITR01 sobre preconceito e gênero baseada na obra de Chico Buarque *Geni e Zepelim*.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em dezembro de 2017.

Como se pode notar a partir dos comentários, os jovens leitores opinam sobre as atitudes e os comportamentos dos personagens e fazem referências ao vivido, sejam as suas ou a de alguém. Depreende-se uma variação de sentimentos da parte dele com a história como: piedade, raiva, decepção, medo, aceitação, indiferença. A partir dessas falas os leitores foram percebendo o entrecruzamento de discursos, apontando a emergência de algumas temáticas no âmbito escolar, como por exemplo, o da diferença de gênero vista de forma preconceituosa por muitos alunos. Pois é possível associar a leitura literária à escola como observa Cruvinel (2008, p. 126):

[...] A atividade de leitura deve se colocar como uma provocação, para que o leitor, diante do texto, ou seja, dos conflitos, das personagens, de suas experiências, de seu universo, de tudo o que lhe revela sua humanidade, possa se colocar frente a si mesmo, na medida em que se depara com a vida do outro, ou que se sente tocado pela subjetividade alheia [...].

As sensações de inquietudes também ocorreram quando no próximo encontro foi lido o conto clariceano, *Masvai chover* que narra a história de Dona Maria Angélica, uma senhora

viúva que conhece um rapaz jovem, entregador, forte e bonito, e se encanta com ele. O convida para entrar e se envolve com ele. O rapaz, porém, não se interessa por ela, mas pelo seu dinheiro. Ao final, ela se vê sem condições de continuar mantendo-o e é abandonada.

O relacionamento entre uma mulher mais velha com um jovem reflete um preconceito de gênero, como afirma uma aluna: *“Quando o homem é mais velho do que a mulher ninguém repara, mas o contrário, todos apontam o dedo”*. A maioria dos alunos desaprovam o relacionamento, acham estranho e feio. Uma aluna rebate: *“igual quando a mulher trai... todos acusam ela, mas o homem pode trair, muito injusto”*. Outra diz: *“Mas na maioria das vezes nós mulheres somos preconceituosas entre nós. Nós mesmos criticamos”*.

No transcorrer da leitura ouvia-se os burburinhos dos alunos pelo fato de perceberem que ocorre uma relação sexual entre os dois personagens do conto no seguinte trecho:

[...] O que se passou em seguida foi horrível. Não é necessário saber. Maria Angélica – oh, meu Deus, tenha piedade de mim, me perdoe por ter que escrever isto! – Maria Angélica dava gritinhos na hora do amor. E Alexandre tendo que suportar com nojo, com revolta [...]. (LISPECTOR, 2016, p. 587)

Comentou a aluna *“essa mulher é tarada...partiu pra cima do cara... ele nem queria”*. Outros comentavam: *“Mas bem que ele gostou do presente que ela deu pra ele”* (referem-se ao carro que ele ganhou de presente.). A cada pausa dada na leitura notava-se os conflitos de opiniões que se formavam entre os alunos e as desigualdades de gênero. Os textos clariceanos projetam no leitor o desejo de neles encontrar ressonâncias para seus próprios questionamentos, pois Clarice de algum modo provoca o leitor.

Saliente-se que os alunos ficaram indignados com o final do conto. Pois o final foi imprevisível, assim como Clarice. Então foi solicitado que eles dissessem qual final dariam para o conto. As respostas foram: *“Eu quebrava a cara dele”* ou *“Jogava ele pela janela do apartamento”* ou *“Ela tinha que tomar uma atitude. Ele explorou ela”*. Alguns ficaram com tanta raiva que queria *“entrar dentro da história”* e manipular de outro jeito a situação *“Querida que Clarice me permitisse entrar na história pra eu mudar esse final. Ele (o personagem) merecia ser castigado”*, opinou uma aluna. Esse comentário surgiu por que Clarice termina o conto com a mulher, depois de ser humilhada pelo rapaz, da seguinte maneira:

[...] O rapaz enfureceu-se:
- Sua velha desgraçada! sua porca, sua vagabunda! Sem um bilhão não me presto mais

para as suas sem-vergonhices!

E, num ímpeto de ódio, saiu batendo a porta de casa.

Maria Angélica ficou ali de pé. Doía-lhe o corpo todo.

Depois foi devagar sentar-se no sofá da sala. Parecia uma ferida de guerra. Mas não havia Cruz Vermelha que a socorresse. Estava quieta, muda. Sem palavra nenhuma a dizer.

- Parece – pensou – parece que vai chover.

(LISPECTOR, 2016, p. 590)

Alguns se identificaram com o caráter passional e impulsivo da personagem. Outros acharam que o rapaz não foi castigado. Mas a aluna Carla retrucou “*Ele não ficou sem castigo. Clarice deu um castigo pra ele...ele...ele ficou...ficou...vocês sabem...* (ela assobiou e fez um gesto com o polegar de forma negativa. A turma entendeu e sorriu) ... *assim...*”. A aluna se referia a esse trecho do conto: “[...] transformou-se num rebelado para o resto da vida. Tinha a impressão de que nunca mais ia poder dormir com uma mulher. O que aconteceria mesmo: aos vinte e sete anos ficou impotente [...]”. São especulações e predições que marcam o envolvimento provocado pelo desfecho do conto.

Ao lermos o conto *Uma galinha*, buscou-se levar os alunos a pensar sobre ser “além de uma galinha” e se propôs uma dinâmica sobre a criação. O conto narra a história de uma galinha que se encontra em perigo, pois seus donos queriam matá-la. Durante a perseguição ela assustada acabou botando um ovo, fato que a salvou momentaneamente da morte. Os alunos foram questionados: Pararam para pensar? Se colocaram no lugar da galinha? Se fossem com vocês? O que fariam? O silêncio tomou conta do espaço. E de repente o aluno responde: “*Eu ia fugir. A galinha só foi poupada porque ela botou um ovo...sorte dela*”. A partir do conto os alunos refletiram que podem ser muito além do que acreditam. O bolsista Ademilson destacava,

Clarice traz na figura de uma galinha questões sobre a nossa existência. Quantas vezes vocês foram subjugados na vida. Já olharam pra vocês e não deram nada. Pensaram que não ... ‘dariam um caldo’... gritou uma aluna (todos riram). Mas poderemos surpreender o outro... ir além do que imaginamos.

Sugerimos aos alunos que reescrevessem um final para o conto. Então formou-se cinco grupos e a cada grupo foram distribuídos papel e caneta e a partir da seguinte frase “Era uma galinha de domingo...”, eles prosseguiriam com a história. E cada grupo apresentaria apenas um final, assim todos os alunos do grupo participariam. O que chamou atenção foi que

os alunos escreveram finais para o conto de acordo com a realidade deles como destaca a equipe número três:

ERA UMA GALINHA DE DOMINGO (comando da dinâmica) ... que se envolveu com drogas. Era uma linda galinha forte e gorda... começou a usar haxixe, cheirar pina...se casou com um galo traficante. Tiveram dois filhos que tinham o sonho de ser jogador. Ela foi pra igreja Universal... virou irmã e seus filhos foram bons pais e o pai deles foi preso.

Notou-se a subjetividade da literatura nas ações realizadas na Sala de Leitura Clarice Lispector. Consolidando-se sobre o sensível, o social, o estético, o ético, vozes foram se juntando a outras vozes, que muitas vezes são caladas e não se fazem presentes na escola, para ecoarem em todos os cantos do ambiente escolar.

Imagem 30 - Dinâmica de reescrita do conto *Uma galinha* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Registro novembro de 2017

Todos sentiram dó da galinha. Eles pensaram a respeito de ir muito além do que se é, do que dizem que se é. Questionava um aluno: “*Se pouparam a galinha por causa do ovo. Por que então comem o ovo? Que também é uma vida?*”.

O conto os questionou sobre o papel deles no mundo: Para que eu sirvo? Eu posso fazer o que eu quero? Ou o que as pessoas querem que eu faça? Foi questionado, também, a

condição da mulher na sociedade, presa aos conceitos morais, em busca de independência. “*O mundo ainda é muito machista...*” citou uma aluna. “*Clarice é a representação da mulher à frente do seu tempo*”.

O texto literário possibilita uma diversidade de leituras, encontros e experiências. Observa-se a formação do leitor que explora a força das palavras, as representações presentes nos textos – o visível e o não tão visível – pois as forças das vozes presentes nos textos literários, especificamente nos de Clarice, traduzem outras experiências, outras formas de compreensão do mundo. Portanto, elas desempenham um importante papel na formação humana do leitor, uma vez que Clarice nos instiga a ver. Não permite o olhar de relance. Ela é capaz de nos fazer sentir compaixão até por uma desesperada galinha que vai morrer no dia de domingo. Somos humanizados por Clarice? Somos uma pergunta?

4.2 Um retorno... Um plano... Um reencontro...

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer porque no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.
(LISPECTOR, 1999c, p. 10)

É importante registrar como as ações foram desenvolvidas destacando as experiências literárias dos alunos e o sentido da leitura, pois “[...] o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido”. (LARROSA, 2015, p. 28).

Dentre esses momentos de leitura e ensaios das obras de Clarice para serem dramatizadas destaco a leitura do trecho adaptado da obra *O Triunfo*, de Clarice no qual ocorria um diálogo entre o relacionamento abusivo de um homem e uma mulher.

Quando solicitado ao casal de alunos para que realizassem uma performance a partir do texto lido no momento do ensaio a aluna tomada de enorme emoção começou a chorar e num impulso levanta-se e diz: “Não quero ouvir essas coisas”, referindo-se ao trecho do texto que narra a fala de um homem ao se dirigir a uma mulher de maneira desprezível.

Imagem 31 - Ensaio da performance *O Triunfo* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Registro em outubro de 2017.

Eis o trecho adaptado:

Você não é capaz de fazer isso! Você é abominável! Você me acorrenta, eu sou acorrentando a ti. Eu não tenho mais como fazer as coisas! Você me prende! Me segura! Obsessiva! Esse teu carinho guarda pra ti! Ou dá pra quem não tem o que fazer! Eu te odeio. Eu te abomino! Você tem noção do que é isso? Não consigo mais viver perto de você! Não consigo mais respirar ao seu lado! Ridícula! Você é vazia! Eu quero crescer e você só me deixa pra baixo! Você não serve pra ficar do meu lado! Uma pessoa que só chora! Você é uma imprestável! Nasceu assim e vai morrer assim! Não olha pra mim! Já falei não olha pra mim! Você acha mesmo que eu gostava de você? Claro que não. Você não passa de uma idiota. (LISPECTOR, *O triunfo*)

Nesse momento todos os alunos presentes na Sala de Leitura ficaram tomados de emoções. O ambiente ficou pesado as lágrimas escorriam em seu rosto. No meu íntimo perguntei-me, como Clarice pode fazer isso conosco? Quem é essa mulher que nos toma de sobressalto? E agora o que dizer? Meu impulso foi de abraçar aquela moça tão frágil em seus sentimentos. E foi o que fiz. Dei-lhe um longo e afetuoso abraço. E nada mais. O ensaio daquela tarde não foi o mesmo. Outras alunas foram convidadas para substituí-la, mas ninguém quis. Deixei-a à vontade. Dei um tempo no ensaio. Depois de recomposta ela me diz “*Eu vou fazer a performance, professora. Eu preciso*”. E assim a cada ensaio a emoção dela era visível. Em outro momento sentamos para conversar sobre o porquê da emoção ao escutar o trecho do conto, ela relata:

Eu não sei... eu nunca tinha...é... me posto no lugar de uma pessoa que vivência isso.... Eu nunca...sei lá... tinha ouvido aquelas coisas de uma pessoa. Eu já tinha presenciado...assim... mas é totalmente diferente. Parece...sei lá...que teu mundo desaba (fica em silêncio) é horrível (emocionada abaixa a cabeça) na verdade é horrível... você se sente...como se não fosse nada, humilhada...é uma sensação (respira profundamente) terrível... é que na peça eu já senti isso... então eu não imagino como é que as pessoas na vida real... né... suportam. Eu não imagino como é que uma mulher deve se sentir... deve ser constrangedor.

Clarice força o leitor a olhar o que é a vida em família, no casal; o que é o processo de desenvolvimento da criança, do jovem; o que é a violência (seja física ou psicológica) presenciada e vivida nas relações sociais e familiares. Ela revela ao leitor como armamos a vida para nos proteger das coisas que nos cercam vivendo na superficialidade das coisas. Assim trocamos o prazer, a felicidade pela segurança. Ao perceber a realidade social sendo retratada através da literatura o jovem passa a ter uma maior compreensão do seu entorno, pois o texto literário não mostra um novo saber, mas permite um novo olhar sobre a realidade.

Ao conversar com o aluno Milton a respeito de como se sentiu nos ensaios, ele frisa: “*Não entendo como um homem pode falar tudo isso pra uma mulher... me senti mal. Preferi não participar*”. Nesse momento os outros alunos também opinaram. Assim, seguem os diálogos:

Paula: “*Mas professora tem homem que fala... se sente exaltado ao humilhar a mulher que às vezes não tem como se defender...Ah! ela é inferior... vou humilhar ela*”.

Joana: “*Percebemos no trecho a violência, professora, não a física, mas a verbal...ele coloca nela um sentimento de culpa...*”

Carla: “*Trabalhei na casa de um casal ...eu morava lá...ele humilhava ela e chegava a bater nela na frente das crianças...igual o conto... ele falava pra ela não olhar pra ele. Chegou ao ponto de espancar ela e ela foi pra UTI... revoltante*”.

Lúcia: “*Às vezes a desculpa da mulher é falar que precisa do homem pra ajudar a criar os filhos. Mas não é ...já se acostumou com aquela situação ... se sujeita a tudo pelos filhos*”.

Mexer com os sentimentos dos jovens implicou a inserção de elementos que provocassem neles deslocamentos, como por exemplo, fazê-los sentir, refletir e discutir a violência contra a mulher, a submissão da mulher diante de relacionamentos doentios e que em nome do ‘amor’ se sujeitam a todos o tipo de violência desde a física até a psicológica. Notamos a necessidade de intervir nessas situações de violência contra a mulher que tocam o

conto, pois tratam das vidas e condições de mulheres que diariamente são violentadas e mortas por qualquer motivo.

Outra possibilidade de aproximar *literatura e arte* foi por meio das pinturas de quadros produzidos por Clarice. O objetivo desta dinâmica consistia em traçar com os alunos um paralelo entre os contos lidos e as imagens reproduzidas na tela do datashow. Entraram em contato com algumas pinturas clariceanas sem saber o nome delas. Segundo alguns autores, Clarice pintava quadros como forma de complementação da sua prática de escrever. Conforme afirma a própria autora:

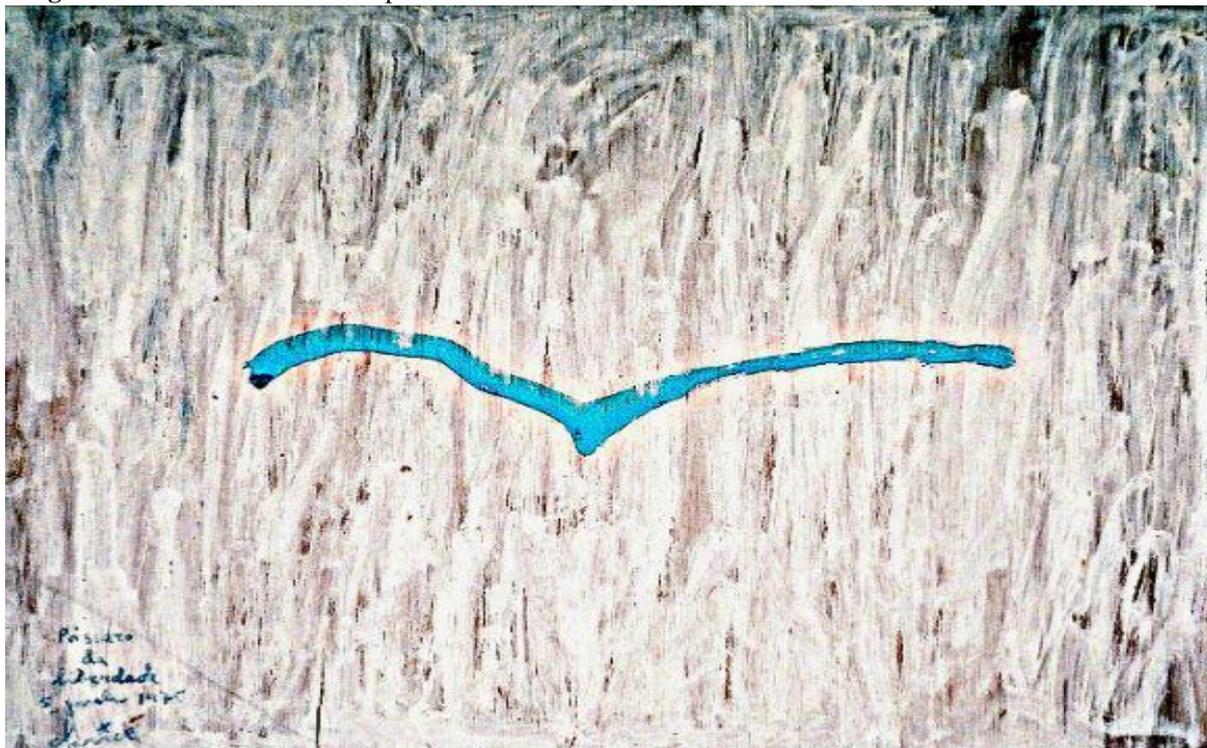
Há muita coisa a dizer que não sei como dizer. Faltam as palavras. Mas recuso-me a inventar novas: As que existem já devem dizer o que se consegue dizer e o que é proibido. E o que é proibido eu adivinho. Se houver forças. Atrás do pensamento não há palavra, é-se. Minha pintura não tem palavras: fica atrás do pensamento. Nesse terreno do é-se sou puro êxtase cristalino. É-se. Sou-me. Tu te és. (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Essa relação entre arte literária e a arte de pintar procurou abrir caminhos para novos sentidos de reestruturação do modo de ler o texto literário.

Diante da pintura *O Pássaro da Liberdade*, ressaltaram que os traços eram grosseiros e diferentes e assim comentaram: “*Uma criança poderia ter pintado isso*”. Lembraram que desenhavam “urubus” na infância. Associaram a pintura à liberdade. Um aluno pergunta: “*O que é liberdade?*” Houve uma resposta: “*A liberdade depende da sociedade*”. E “*a liberdade não é reta, pois existem vários caminhos e obstáculos*”.

Assim fomos descortinando através da arte de Clarice esse mundo do leitor. Muitos não ousaram falar. Apenas ouviam as respostas dos colegas. Mas era possível perceber em seus rostos a profundidade daquela pergunta: O que é ser livre? Como podem ser livres num mundo cercado por tantas regras? A escola que poderia proporcionar a liberdade de se expressar os molda sem dó nem piedade. Os quais ousaram opinar sonham com a liberdade de poderem fazer o que quiserem, sem limites. Outros associaram a liberdade a questão financeira.

Imagem 32 - Pintura de Clarice Lispector: *O Pássaro da Liberdade*.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=pinturas+de+clarice&ie>.

Com relação à pintura *O medo* há vários relatos como: um animal, uma gema de ovo, uma alma presa em um útero. Ficaram assustados no primeiro momento. Perguntados se o a pintura fosse um sentimento, qual seria? “*Pavor, tristeza*”, bradavam. Reconheceram-se no sentimento medo por causa da prova do ENEM. Diziam uns: “*Não passar no vestibular*”, ou “*a redação*”. Muitas questões suscitam medo nos jovens como: a morte, a separação, a violência, o futuro incerto e, principalmente, o medo de fracassar diante da família. Ao serem questionados sobre o que mais temem muitos responderam que é o medo da solidão. Lembrei-me do aumento de suicídio entre jovens que vem ocorrendo no município de Cametá, então aproveitei o momento para conversarmos a respeito desse assunto.

Imagem 33 - Pintura de Clarice Lispector *O Medo*.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=pinturas+de+clarice&ie>

Sobre a obra *Luz e escuridão*. Ao serem perguntados sobre o que seria a pintura, as respostas foram as seguintes: velas, flor, incêndio, velório. “Ah! Professora muito estranha essa pintura”. Então o bolsista Ademilton explicou que se tratava da obra *Luz e escuridão* pintada por Clarice. Então, ele perguntou aos alunos: “Somos luz ou escuridão?” Os alunos entreolharam-se como querendo encontrar no colega ao lado uma resposta para algo tão pessoal. O silêncio dominou o ambiente. De repente uma aluna solicitou: “*Vamos dizer então uma qualidade e um defeito que temos em nós?*”. Todos concordaram. Percebeu-se a dificuldade deles e dos pesquisadores também, pois solicitaram que participássemos da dinâmica.

Quanto é difícil falarmos de nós mesmos, talvez por isso os alunos solicitavam ajuda ao colega do lado. “*Qual meu defeito?*” perguntou a aluna à colega. “*É ser trouxa*”, respondeu. Nesse momento todos concordaram, inclusive a aluna. Ela refletiu e diz “*verdade eu sou trouxa...acredito muito nas pessoas*”. Assim, mas uma vez Clarice nos indaga: *Escuridão e luz fazem parte de nós?*

Depois foi traçado um diálogo no intuito de se refletir que temos muitas qualidades e que nossas capacidades não poderão ser medidas por atos isolados, aparência ou por nossa maneira de encararmos a vida. Foi citada a frase em que a própria Clarice fala: “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”. Assim, discutiu-se que cortar o próprio defeito é muito perigoso, pois não se sabe qual defeito fará falta para esse edifício que nos sustenta uma vez que faz parte de todos nós. E viver é um exercício perigoso. Perceberam que a diferença faz parte de nossa vida e que as pessoas são únicas e não poderemos encaixá-las em um modelo pronto. Clarice não se retirou do desafio de viver no perigo pela palavra literária. E joga o leitor num abismo e ele fica lá sem saber como sair de uma situação perigosa e solitária. Por meio da leitura literária constrói-se vínculos, amizades, afetos.

Imagem34 - Pintura de Clarice Lispector *Luz e escuridão*.



Fonte: <https://www.google.com/search?q=pinturas+de+clarice&ie>

Depois foi traçado um diálogo no intuito de se refletir que não somos só defeitos. Foi citada a frase em que a própria Clarice fala: “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”. Assim, discutiu-se que cortar o próprio defeito é muito perigoso, pois não se sabe qual defeito fará falta para esse edifício que nos sustenta uma vez que faz parte de todos nós. E viver é um exercício perigoso. Perceberam que a diferença faz parte de nossa vida e que as pessoas são únicas e não poderemos encaixá-las em um modelo pronto. Clarice não se retirou do desafio de viver no perigo pela palavra literária. E joga o leitor num abismo e ele fica lá sem saber como sair

de uma situação perigosa e solitária. Por meio da leitura literária constrói-se vínculos, amizades, afetos.

Salienta-se que as metodologias aplicadas para desenvolver as ações na Sala de Leitura surtiram efeitos mais que produtivos. Ora as discussões afluíam e se acaloravam ora os alunos esperavam intervenções dos mediadores. Desde o primeiro contato com os textos clariceanos notou-se a curiosidade e o interesse dos alunos em participarem dos eventos programados para aquele espaço.

Nas reuniões para decidirmos como seriam organizadas as apresentações muitas opiniões surgiam por parte dos alunos desde as escolhas de quem iria representar os personagens até a montagem dos cenários. Sendo assim, os personagens foram definidos de acordo com o perfil de cada aluno. Eles ficaram livres para escolher o papel que melhor se adaptasse com a personalidade deles, mesmos os quais não participariam das apresentações de forma direta se envolveram na organização do cenário e de toda a logística.

4.3 A semana literária

Tudo acaba, mas o que te escrevo continua.
(*LISPECTOR, 1999c, p. 12*)

Foram várias e longas tardes debruçadas sobre o planejamento detalhando as ações para serem desenvolvidas na Sala de Leitura Clarice Lispector. As escolhas dos contos para serem lidos foram pensadas e discutidas, visando suscitar diálogos e debates entre os alunos e que as inquietações deles fossem percebidas nas suas falas, pois o pesquisador precisa ser sensível aos movimentos, às linhas de forças que emergem do território que está habitando e tentar compreender o que “a princípio parece confuso e obscuro” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 142).

Tinha-se consciência de que optar por esta ou aquela ação seria bastante trabalhosa, pois o objetivo não era apenas ler para/com os alunos, mas pensar na possibilidade de representar em forma de teatro alguma obra de Clarice. Por isso cada passo dado era fundamental no que diz respeito à atenção e a sensibilidade do pesquisador durante as observações de campo, uma vez que no decorrer do caminho suas rotas, por não serem lineares, precisam de atenção e da intervenção dele.

Conforme afere Barros e Kastrup (2015, p. 59):

(...) o caminho da pesquisa cartográfica é constituído de passos que se sucedem sem parar. Como o próprio ato de caminhar, onde um passo segue o outro num movimento contínuo, cada momento da pesquisa traz consigo o anterior e se prolonga nos momentos seguintes.

Dessa forma cada ensaio, cada obra lida, cada imagem, documentário exibido, cada ação desenvolvida dentro da Sala de Leitura foram se consolidando com o caminhar da pesquisa uma vez que para a cartografia não se tem dados selecionados desde o início do processo, por isso, “não há coleta de dados, mas, desde o início, uma produção dos dados da pesquisa” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 33).

Nos movimentos do planejamento foram definidas as seguintes obras para serem apresentadas na Semana Literária que aconteceria no período de 11 a 13 de dezembro de 2017: O conto *Feliz aniversário*, a obra infantil *A vida íntima de Laura*, *Sou uma pergunta* e *O Triunfo*. Destaca-se que durante os ensaios da peça teatral *A vida íntima de Laura* os alunos solicitaram que apresentariam apenas para as crianças, pois argumentaram que por se tratar de uma obra infantil nada mais justo do que ser assistida pelos pequenos. Então ficou combinado que a direção da Escola Estadual de Ensino Médio Simão Jatene enviaria um ofício para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Nazaré Peres com a finalidade de convidar os alunos do terceiro ano fundamental para participarem da Semana Literária. Convite que foi aceito com muito gosto pela direção da escola da rede municipal de ensino. A apresentação da obra infantil aconteceria no dia 13 de dezembro de 2017, no turno da tarde.

Quando comunicados que iriam apresentar para as crianças do ensino fundamental menor, os alunos ficaram muito entusiasmados e se empenharam para que tudo ocorresse da melhor forma possível. A cada ensaio eram pensados todos os detalhes como: roupas, máscaras, cenários, cortinas tudo o que seria necessário para a apresentação. Ouvia-se na Sala de Leitura as gargalhas cada vez que imitavam as galinhas. No dia 13 de dezembro, pela manhã, a equipe que ficou responsável para organizar a Sala de Leitura chegou cheia de caixotes que serviriam de ninhos para as galinhas, cortinas, folhas secas, bolas de isopores, enfim tudo o que seria necessário para a montagem do cenário.

Imagem 35 - Alunos montando o cenário para apresentação teatral da obra *A vida íntima de Laura* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em dezembro de 2017

Tudo ocorreu tranquilamente, duas horas depois o cenário estava montado. Tudo muito caprichado. A apresentação só ocorreria à tarde. Então, às 13h30 chegamos. Os alunos começaram a se produzir para a apresentação. Meia hora depois todos já estavam devidamente caracterizados de acordo com os personagens eu iriam representar. Faltava apenas chegar as crianças. Às horas passaram. Fomos verificar o porquê do atraso, pois até pela manhã tudo estava acertado. A diretora havia me confirmado a vinda das crianças. O lanche foi providenciado. Os alunos estavam empolgados.

Imagem 36 - Ensaio dos alunos para a apresentação da peça *A vida íntima de Laura* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro novembro de 2107.

O leitor ao se conectar com o mundo literário socializa saberes, sensações e passa a viver num mundo diverso do seu. Tem no livro seu confidente e companheiro, como enfatiza a aluna Laura.

Gosto muito de ler..., mas não gosto de me sentir presa... sabe... hum... como se eu fosse obrigada a ler... quando pego um livro pra ler não gosto nem que fale comigo...esse espaço aqui me faz bem... eu venho aqui... busco o livro... levo pra casa, leio e pronto... quando a história é legal eu sempre comento com minhas amigas e elas acabam vindo emprestar também.

Quando questionada sobre como a leitura a ajuda ver o mundo ela ressalta,

Sabe, professora toda vez que leio é... (pensando) é... como posso dizer... eu me sinto parte do livro, da história... eu sou ou a mocinha ou a vilã (risos) da história... é como se... assim... se o livro termina sinto saudades...outro dia eu chorei quando um livro que li acabou... minha mãe pensava que tava chorando por causa de namorado... mas não era...ela não entendeu... era um livro que falava sobre como a vida, sobre a gente e o quanto somos ruins... eu me vi ali...(pausa).

A magia da leitura arrebatava. Contudo, o inesperado aconteceu... as crianças não viriam mais... simplesmente a direção da escola municipal despachou em cima da hora. E agora? Como avisar aos alunos? Qual seria as reações deles? Reação nada agradável. Causou desconforto e gerou conflitos entre eles e a equipe de organização do evento: “*Vamos desistir*”, diziam uns. “*Não vou apresentar pra adultos... a senhora falou que era pra*

criança...”, disse a aluna que representaria Laura, a personagem principal. Os alunos haviam se preparado para apresentar a peça teatral aos pequenos e de repente a sala estaria cheia dos colegas das outras turmas, pois estes estavam ansiosos para vê-los em cena, não sei se por curiosidade ou por querer afrontá-los. E agora? Depois de muito diálogo e da intermediação professora de Língua Portuguesa eles decidiram que iriam apresentar. O entusiasmo e a euforia de antes não se fazia mais presente.

Imagem 37 - Alunos aguardando as apresentações das obras de Clarice Lispector e Manoel de Barros.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em dezembro de 2017.

A turma ficou desmotivada e a apresentação não foi como eles desejavam. Estavam tristes, chateados. Era compreensível. São esses momentos que rompem com aquilo que é predeterminação de algo que fazem pensar diferente. De repente o planejamento das ações e o desenvolvimento delas para aquela tarde não saiu como o previsto. Fomos afetados, mas pesquisa-ação tem os imprevistos e precisávamos reorganizar os planos pois “como cartógrafos, nos aproximamos do campo como estrangeiros visitantes de um território que não habitamos. O território vai sendo explorado por olhares, escutas, pela sensibilidade aos odores, gostos e ritmos” (BARROS, KASTRUP, 2015, p. 61).

Assim foi a experiência dessa aprendiz e assim nos fala Clarice “Nada planejo no meu trabalho intuitivo de viver: trabalho com o indireto, o informal e o imprevisto” (LISPECTOR, 1998, p. 27).

Imagem 38 - Apresentação teatral da obra *A vida íntima de Laura* de Clarice Lispector.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em dezembro de 2016.

Depois das apresentações, duas por sinal, fui conversar com eles. Pedi desculpas. Expliquei que os imprevistos acontecem e que todos gostaram da encenação. Uma aluna me disse: “Ah! Professora ia ser mais bonito se fossem as crianças que tivessem assistido... fiquei com muita vergonha...”. A outra completou: “Eles... (referindo-se aos colegas das outras turmas) vão depois querer encarnar na gente... vai ter confusão”. Expliquei que a professora de Língua portuguesa havia conversado com os alunos e eles disseram que só queriam assistir à peça. Disse-lhes também que não poderíamos excluí-los. Com muito diálogo os acalmei. Procurei entendê-los. Por serem jovens, se expor para outro jovem causa certo constrangimento.

No período dos ensaios todos os alunos se envolveram, mesmo os que não iriam encenar fizeram questão de participar da logística e de assistirem aos ensaios. No dia da

apresentação todos estavam nervosos, mas seus semblantes denotavam orgulho de participarem de algo tão grandioso para a vida deles.

Foram colocadas em cenas diferentes representações que mexem, tocam e movimentam os leitores. A vivência do leitor passa por um processo de construção. E são muitas as vozes presentes nos enunciados ao se chocar com determinada realidade. Vozes da mulher, do homossexual, da prostituta, do jovem, da idosa, da mãe, da filha, da neta estabelecendo-se num vigoroso campo discursivo. Assim como em todos os momentos a leitura do texto de Clarice *Sou uma pergunta* causou questionamentos quanto ao fato de se estar no mundo. E de muitas de nossas indagações ficam sem respostas. A aluna Carla acrescenta: “*Clarice fala como usamos máscaras... quem eu sou?... Clarice nos indaga... né... muito difícil de responder. Às vezes nós agimos de acordo com cada situação... e às vezes a gente nem sabe quem somos. Já tive vontade de gritar... Chega! Já até fiz isso...*”.

As ressonâncias das vivências múltiplas dos alunos a partir das ações realizadas na Sala de Leitura Clarice Lispector ecoaram por todo o ambiente escolar este foi sacudido e desabrochou para a emergência de se discutir na escola questões que se referem à ideologia de gênero, preconceito, bullying, entre outros temas.

Os textos de Clarice não afetaram apenas os alunos que se fizeram presentes na Sala de Leitura, mas a todos que se envolveram no caminhar da pesquisa, pois a singularidade de Clarice e de sua literatura as estruturas do que somos, como afirma o bolsista Ademilson:

Já tinha tido contado com Clarice antes de participar das ações na Sala de Leitura... quando leio vou até o fundo de mim. Ela me deixa pesado. Entrar em contato com Clarice mexe com a gente. Eu vi Clarice nos alunos, a cartografia me permitiu isso. Eu saio desses momentos transformado. Clarice foi além do que aprendi na sala de aula. Eu senti raiva, dor quando substitui o aluno que desistiu de participar do diálogo do conto O Triunfo... eu tive que me despir e jogar nela (aluna/personagem) ...como se fosse um abjeto... tocou em mim e nos alunos.

A palavra literária pronunciada, lida, representada chega até os ouvidos do leitor e cria imagens, cenários, uma certa ambiência onde ela irá fazer sentido. A potência da escrita clariceana ressoa na vida do leitor, pois ela retira os véus dos olhos deles. E cada um olha o que é a vida em família, a vida em casal, a violência que tem nas relações. É isso, não se lê Clarice impunemente.

Imagem 39 - Performance dos alunos da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Entrevistando Clarice.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora. Registro em outubro de 2017.

Clarice também foi apresentada aos leitores através da performance “Entrevistando Clarice” realizada pelos alunos do curso de Licenciatura (UFPA). O objetivo era fazer a conexão dela com o leitor. Notou-se o desconforto no leitor. “*Quando senti ela falar (refere-se a aluna que representou Clarice), me senti estranho. Fiquei incomodado*”. Outro aluno comenta: “*Quando a gente assiste os documentários ela parece triste. Parece que eu tava vendo ela aí (refere-se à performance). Ela era assim ou só quando tava... assim... isolada? Será que todos os escritores são assim? Tristes, fechados, solitários?*”.

O texto literário toca a sensibilidade do leitor, pois a ficção chega a impressionar o leitor mais que a própria realidade, uma vez que esta se apoia na palavra, que é traduzida e visualizada pela imaginação do leitor. Identificando-se com os personagens, o leitor mobiliza seu lado emocional e entrega-se por completo à trama, fato observado quando lidos contos de Clarice aos alunos.

Segundo a diretora da escola ao dialogar com os alunos presentes na Sala de Leitura:

Trazer os contos de Clarice para a Sala de leitura é emocionante, pois fala de nossa realidade...importante quando observamos esta cena (refere-se a apresentação da performance de Feliz aniversário) e ver a importância de cuidar. O quanto isso se tornou frágil entre nós. Nós não cuidamos mais dos outros... e o outro está dentro de casa. Nós queremos dá tanta importância... cuidar tanto e nos fazer próximo do outro que está fora de casa que aqueles que mais necessitam de nossa presença, do

nosso carinho, do nosso abraço. Clarice retrata a banalização da família. Como a família está ficando desgastada ao longo desse nosso tempo [...] discutir em forma de arte é maravilhoso porque nós estamos nos engrandecendo, nos apaixonando pelas leituras de Clarice. A Sala de Leitura só tem a ganhar... a escola na figura de vocês só tem a ganhar com ações desse tipo. Vamos fazer da leitura algo mais pra nossa vida... pois ela enriquece nossa cultura, nossa vida, nossa alma. O que n'ós vivenciamos aqui na Sala de Leitura através de todas as ações aqui realizadas com Clarice trouxe essa possibilidade da gente enriquecer a nossa alma... para refletirmos, para sermos pessoas melhores, pessoas do bem.

Clarice conduz o leitor a refletir sobre suas relações familiares, sociais e a reaver conceitos e valores, pois o modo de fazer literatura em Clarice está na perplexidade de existir. Questiono: Mas como existir diante do outro que não conheço? O outro é imprevisível. Somos imprevisíveis. O desafio dessas ações realizadas na Sala de Leitura Clarice Lispector consiste em deixar que a leitura literária ressoe em cada leitor, conduzindo-o a uma nova relação com o tempo estipulado para a formação do leitor que não seja apenas um tempo demandado, pontual para um dado evento da escola (como acontece na maioria das vezes), mas um tempo interno, singular, vivido de cada leitor com sua trajetória em construção, como ressaltou a Professora Gilcilene ao participar da roda de conversa com os alunos na Sala de Leitura Clarice Lispector:

Ninguém lê Clarice do mesmo modo. Cada um vai ler por um estranhamento ou por se sentir próximo e por algum aspecto o leitor vai se conectar em algum ponto ou recusar determinados elementos dependendo das motivações, das inquietações que essa leitura venha a provocar no estado de espírito ou de condição existencial em um determinado momento. Ler Clarice é sempre uma nova descoberta e apresentar Clarice aqui pra vocês é um desafio por não se tratar necessariamente de uma exigência, de um método na escola que prescreva um caminho por onde vocês tenham que ler acertadamente os enunciados que ela levanta, mas que possam fruir a literatura mais livremente, como uma leitura estética, fruidora que vocês possam realmente refletir, realizar suas conexões com a vida.

Apresentar Clarice Lispector na Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene é desafiador, pois mesmo já existindo uma Sala de Leitura com o nome dela não era povoada poeticamente. Era apenas um espaço para uma leitura esporádica, uma consulta, um passatempo, não desabrochava para a Literatura. Mas ao apresentar Clarice aos alunos através de documentários, curtas metragem, leituras de obras, apresentações teatrais, ensaios, performances que aquele espaço foi povoado como espírito literário. Pois, trazer Clarice por ela mesma é aproximar a Literatura com o ambiente escolar, assim as ações realizadas na Sala de Leitura, ao mesmo tempo como pesquisa, desenvolveram atividades de ensino, de reflexão, de uma produção de subjetividades que busquem um encontro da escritora com o leitor, da

obra com a descoberta do mundo que às vezes passa pelo despertar subjetivo, conectado ao mundo vivido pelo leitor.

Ao término de todas as ações realizadas na Sala de Leitura Clarice Lispector percebi que o jovem leitor se interessa pelos textos literários. Também me questioneei: Como Clarice fisgou os leitores frequentadores daquele espaço? Compreendi que o poder de sedução de Clarice segura o leitor e este, mesmo sem se dar conta, e com toda inexperiência mergulha nas palavras dela e constitui-se como sujeito leitor.

5 PALAVRAS (SEM) FINAIS

Nestas palavras (sem) finais previsíveis e na companhia de Clarice noto que a literatura é algo capaz de abrir horizontes outros para o existir, provoca e alivia as dores do mundo, sobretudo numa sociedade, quase sempre injusta como a nossa, que necessita ser permanentemente questionada.

Alguém já disse que a palavra é a pá que lavra o destino de cada um. E o que é um destino sem palavras? Um chão estéril no qual quase nada brota. É necessário irrigar o chão da formação dos nossos alunos com leituras literárias para que nele brote sujeitos sensíveis a reinventar suas histórias, amenizar suas dores e criar outros modos de existir no mundo, pois os livros podem nos servir de amparo nas horas mais tristes, assim como poderá nos abrir as janelas nunca vistas para outros mundos.

Às vezes, a leitura é um caminho que nos leva a ter consciência da nossa condição no mundo, dos infortúnios da vida. Em especial, as obras clariceanas abrem veredas que possibilitam o (re) encontro do leitor com o seu próprio mundo, sendo desafiado a pensar, a criar e reinventar as relações consigo e com o outro.

Compreender a leitura literária na escola básica como uma experiência que possa permitir aos alunos outras formas de vivenciar o texto, outros olhares, a possibilidade de se fazer e refazer a partir da experiência da leitura, de refletir sobre si e sobre os que os cercam é de suma importância para os jovens, especialmente quando se trata da autora Clarice Lispector, que muitas vezes causa sensações incompreensíveis ou desconfortáveis diante da densidade de sua escrita. Assim, foi pensando na importância da leitura de obras literárias em ambientes escolares, para além de sua função instrumental preparatória para avaliações que foram realizadas atividades poéticas e artísticas na Sala de Leitura Clarice Lispector, apoiadas no conceito de experiência e sentido.

Ressalta-se que a Sala de Leitura Clarice Lispector, a princípio, foi criada apenas para a prática usual da leitura, mas se compreende que a partir da pesquisa de mestrado e suas formas coletivas de intervenção, ela foi reinventada e ressignificada por meio de experiências literárias e artísticas que gradativamente foram tecendo conexões entre a palavra literária e a vida em seus múltiplos sentidos.

Assim, a Sala de Leitura foi desabrochando poeticamente numa relação de proximidade e trocas intersubjetivas entre os jovens leitores e as obras de Clarice. A cada movimento, percebia a leitura de Clarice se conectando às vivências dos leitores, despertando sensações de inquietudes, questionamentos, indignação, entusiasmos, sentimentos até então

não experimentados no encontro com a leitura. A criatividade afluía e dava vazão à arte do contar, recriar e atuar com a liberdade e leveza que a obra propicia.

A escrita clariceana permite ao leitor uma diversidade de enfoques que perpassam desde a existência humana até sentimentos como ódio, amor, medos ou desejos e por entender-se que as particularidades da escrita de Clarice possibilitam práticas e experiências leitoras e, assim, estimula a participação do leitor no preenchimento de seus hiatos, conduzimo-nos à construção de novos sentidos e significados para a vida.

Sendo assim, as atividades poéticas e artísticas planejadas e realizadas na Sala de Leitura Clarice Lispector, na tentativa de instigar o leitor ao desafio das leituras clariceanas, possibilitou realçar o valor poético e formativo da literatura para a vida escolar e subjetiva desses leitores.

Com Larrosa (2015), pensamos a leitura enquanto relação de produção de sentido, onde mais importante do que o texto é a relação com ele estabelecida. Em se tratando de Clarice Lispector, esta aproxima-se do leitor e compartilha com ele sua ‘imaginação criadora’ e suas vivências, pois Clarice é uma escritora sensível e misteriosa, atenta aos dramas do mundo.

Das obras de Clarice lidas para/com os alunos que frequentaram o espaço da Sala de Leitura algumas foram adaptadas para serem dramatizadas pelos alunos, *Felicidade Clandestina*, *A Hora da Estrela*, *Feliz aniversário*, *Sou uma pergunta*, *A vida íntima de Laura*, *O Triunfo*, o que possibilitou ao leitor se posicionar e refletir sobre o comportamento humano, demonstrado nesta pesquisa por meio de múltiplas facetas da subjetividade leitora.

Constatou-se também que a profundidade do texto clariceano foi instigante para o jovem leitor. O mito de ser considerada uma escritora difícil de se compreender não se configurou como obstáculo para que os jovens leitores construíssem sentidos aos seus textos.

Esse contato com as obras literárias foi imprescindível para o desabrochar da experiência literária na relação texto-leitor. A leitura de contos revelou que a identificação do jovem leitor com as personagens clariceanas facilitava sua aproximação com a linguagem literária.

Com a Semana Clariceana (realizada no segundo semestre de 2016) e da Semana Literária (no segundo semestre 2017) foi possível interligar experiências de sentidos entre os leitores e o universo literário, pois, ao ler Clarice, o leitor depara-se com o vazio, com o silêncio como um recurso recorrente em seus textos. Em especial, Clarice acreditava que ler era um meio de libertação, o lugar onde a expressão e os sentimentos têm a fluidez.

O desenvolvimento destas atividades de leitura literária no espaço escolar permitiu compreender o principal questionamento da pesquisa: Em que medida a leitura de textos clariceanos interage com as demandas de leitura de estudantes em ambiente escolar? Em que sentido a literatura clariceana provoca um desabrochar poético nos jovens leitores? A experiência de leitura realizada naquele ambiente com os jovens leitores evidenciou que a leitura, quando é mediada por alguém, torna-se mais compreensível e mais prazerosa, visto que não se trata de uma leitura realizada com cunho obrigatório, apenas disciplinar.

A partir das ações (contos, crônicas, novela de Clarice, documentários, entrevistas, performance, apresentações teatrais) realizadas na Sala de Leitura Clarice Lispector foi possível compor e registrar as experiências de leituras literárias dos alunos frequentadores daquele espaço com o intuito de inserir o aluno ao mundo desconhecido de Clarice. Portanto, a leitura e a encenação teatral de obras clariceanas foram importantes estratégias para desfazer a ideia entre os jovens leitores de que Clarice Lispector é “difícil de ler, é “incompreensível”.

Para interagir com a obra, precisa haver entrega do leitor, ser tocado e impulsionado a se apaixonar pelos textos literários e caminhar de mãos dadas com Clarice pelo desconhecido, atribuindo assim, sentido à própria vida ao ler a sua obra, uma vez que muitos de seus textos perpassam pelos dramas cotidianos da existência humana. Assim, as ressonâncias de leitura do texto clariceano às experiências formativas dos leitores frequentadores da Sala de Leitura Clarice Lispector vêm desabrochando gradualmente, pois é necessário um trabalho contínuo a partir de ações na Sala de Leitura e para além dela, como a realizada na Semana Literária da Escola, em que Clarice ganhou vida poética além daquele espaço.

Os textos clariceanos potencializaram interação, provocações, questionamentos principalmente a partir da personagem Macabéa de *A hora da estrela*, Carla de *A Praça Mauá*, Dona Anita de *Feliz Aniversário*, Angélica de *Mas se chover*, Cecília de *Felicidade Clandestina*, Luísa de *O Triunfo*.... Pelo encontro com a leitura, Clarice instigou os leitores a saírem de seus casulos, desestabilizando-os e fazendo-os refletir sobre suas vidas e suas escolhas pessoais.

Desse modo, o desabrochar poético da leitura literária poderá ser uma condição de encontro de leitores que visitam a Sala de Leitura, com a própria Clarice e com tantos outros autores que circulam naquele espaço é promover aos alunos uma experiência de leitura como mudança. E essa experiência da leitura poderá ser favorecida por aquilo que “o texto leva a pensar”, fato esse que foi percebido pelos alunos quando assistiram aos curtas e também quando dramatizaram as obras adaptadas de Clarice. Não aceitaram, por exemplo, a atitude da

filha do dono da livraria em não emprestar o livro para a colega, diziam o quanto ela era egoísta e invejosa.

Assim como outros se indignaram com a atitude de Macabéa diante dos comentários de Olímpico, quando revela: “Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema” (LISPECTOR, 1999, p. 59) e ele com ar de superioridade responde “E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema” (LISPECTOR, 1999, p. 59), a arte não impõe limites ou barreiras para o desejo. A literatura de Clarice instiga o leitor a ousar ir além dos limites previsíveis, projeta-o para além daquilo que foi narrado, pois a leitura não se limita ao que está posto.

As atividades desenvolvidas mobilizaram os alunos a participarem mais efetivamente da Sala de Leitura. Os empréstimos das obras literárias tornaram-se frequentes. O conhecimento a respeito de Clarice passa a fazer parte do aprendizado dos alunos de uma maneira mais fluida. As experiências literárias, por meio das obras de Clarice, de certa forma incomodam, sensibilizam, questionam o leitor, pois a autora arrebatada, fisga o leitor por meio de sensações e sentimentos intensos e desconhecidos.

Promover o encontro de Clarice com os alunos frequentadores da Sala de Leitura Clarice Lispector da Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene foi uma experiência singular, pois compreender a leitura por um viés daquilo que nos toca, nos afeta é vivenciar um encontro conosco e com o outro, é saber que as coisas que existem no mundo fazem parte tanto da nossa vida como da vida do outro, pois é essa sensação de que as coisas são inesgotáveis que Clarice deixa em seus leitores.

Assim, a pesquisa buscou registrar além do que é gravado em áudio, a captação dos gestos, das atitudes, das expressões subjetivas dos participantes da pesquisa e o que relataram e revelaram sobre as experiências de leitura com Clarice. Assim percebemos as ressonâncias da literatura com a vida, pois o que um escritor escreve tem muito a ver com que ele viveu, e o encontro com a literatura ao mesmo tempo afaga e desassossega, instiga a pensar, a criar.

Entendo que as ações propostas nesta pesquisa, para serem realizadas na Sala de Leitura, obtiveram resultados satisfatórios pelo fato de serem selecionados textos que os aproximaram do cotidiano e os possibilitaram a vivenciar, cada um a seu modo, uma experiência de vida, uma vez que Clarice explora os sentimentos humanos com profundidade.

Segundo Moser (2015), organizador de ‘Todos os contos’, livro que reúne a produção ficcional curta da escritora “Clarice aponta a beleza na banalidade da vida”. Ressalta, também, que a obra dela nos enriquece: não por que nos ajuda a fugir da banalidade da vida,

mas porque nos permite ver, dentro dessa própria banalidade, a beleza e a divindade que fica dentro de nós.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- ANDRADE, Fernando Teixeira de. **Tempo de Travessia**. [2012?]. Disponível em: <<https://aulasprofgilberto.blogspot.com/2015/09/tempo-de-travessia-poema-de-fernando.html>>. Acesso em: 21 jan. 2017.
- AUGUSTO, A. pode ler, eu já li e gostei. **Revista escola**, n. 200, mar. 2007. Disponível em <<http://homolog.novaescola.abril.com.br/educacao-infantil>>. Acesso em: 21 jan. 2017.
- BARROS, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BENEVIDES, Regina; PASSOS, Eduardo. A Cartografia como método da pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução J. Guisgurg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir/ Maurice Blanchot**. Tradução Leyla Perrone-Moises. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Tópicos)
- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Básica, 1998.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1985.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**. São Paulo: Ed. Moderna, 1991.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre os livros: a leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSTA, Gilcilene Dias. **No quarto com Proust, Nietzsche e Deleuze**. Notas sobre o desaparecimento do leitor na literatura. In: Colóquio Deleuze - Arte/Resistência, 1, Belém: UFPA, 2015.
- CRUVINEL, Maria de Fátima. A literatura infantil ao alcance da mão. **Revista Solta a voz**. CEPAE/UFPA, Goiânia, v. 19, n. 1, 2008, p. 125-130.
- DE BOTTON, Alain. **Como Proust pode mudar sua vida**. Tradução de Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011. 256 p. 21 cm.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. v.1. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GIL NETO, Antônio. **A produção do texto na escola**. São Paulo. Loyola. 1992.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de babel**. Traduzido por Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 360 p. (Educação: Experiência e Sentido)

_____. **Nietzsche & a Educação**. Traduzido por Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5. ed., 2 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Vanderley Geraldi. 1. ed.; reimpr. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. – (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora**: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro. Rocco. 1999a.

_____. **A hora da estrela**: novela. Rio de Janeiro. Rocco. 1999b.

_____. **A paixão segundo G. H.** : romance. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. **Água viva**: romance. Rio de Janeiro. Rocco, 1999c.

_____. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

_____. **A via crúcis do corpo**. Rio de Janeiro: rocco, 1999g.

_____. **Crônicas para jovens**: de escrita e vida. Organização de Pedro Karp Vasquez. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010. ISBN 978-85-7980-008-5.

_____. **Felicidade Clandestina**: contos. Rio de Janeiro. Rocco. 1999d.

_____. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro. Rocco. 1999e.

_____. **Pequenas descobertas do mundo**: Rio de Janeiro. Rocco. 1999h

_____. **Todos os contos**. Organização de Benjamim Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

_____. **Um sopro de vida**: pulsações. Rio de Janeiro. Rocco. 1999f.

_____. **Uma aprendizagem ou livro dos prazeres**. Rio de Janeiro. Rocco. 1998.

MACHADO, Ana Maria. Sangue nas veias. In: FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-livro, 2012, p.57 - 62.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MOSER, B. **Clarice, uma biografia**. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Quiron, 1973. (Escritores de hoje, 2).

_____. **O dorso do tigre**. São Paulo: Ed. 34, 2009. 288p.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo. **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica, 2010.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. TEDESCO, Sílvia. **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

PROUST, Marcel. **Sobre a Leitura**. Tradução Carlos Vogt – Pontes Editores, Campinas, SP. 5ª Edição – 2011. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

RIBEIRO, João Ubaldo. Um brasileiro em Berlim. **Revista Na ponta do lápis**, São Paulo, v.7, n. 18, p. 22, jun. 2008. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/972/NPL18.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2017.

ROCHA, Ruth. **Pra que serve?**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROSENBAUM, Y. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. **Metamorfoses do mal**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999.

SANT'ANNA, Affonso Romano; COLASANTI, Marina. **Com Clarice**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SANTOS, Roberto Correa dos. **O tempo de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro. Rocco, 2014.

SANTOS, Roberto Correa dos. **As palavras**. Rio de Janeiro. Rocco, 2013.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2003a.

_____. OSWALD, Maria Luiza. **A Experiência da Leitura**. Edições Loyola, São Paulo, 2003b.

APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido- (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- (TCLE)

Estou desenvolvendo a pesquisa de Mestrado, intitulada: O HABITAR POÉTICO DA LEITURA: Experiências de Leituras Literárias na “Sala de Leitura Clarice Lispector, sob orientação Da Professora Doutora Gilcilene Dias da Costa, vinculado/a à/ao PPGEDUC da Universidade Federal do Pará (UFPA). O trabalho tem por objetivo analisar experiências de leitura literária com jovens frequentadores da “Sala de Leitura Clarice Lispector” da Escola Estadual de Ensino Médio Simão Abraão Jatene, ressaltando o valor poético e formativo da literatura clariceana para a vida escolar e intersubjetiva desses leitores.

Este documento procura dar a você informações e pedir sua participação nessa pesquisa. Para participar do estudo é preciso ser entrevistado (a). Para a obtenção de um registro adequado da entrevista poderão ser utilizados gravadores, fotografias ou outros recursos tecnológicos necessários, caso seja de sua autorização. Fica assegurado o seu direito de solicitar quaisquer esclarecimentos sobre esta pesquisa, agora ou mais tarde, podendo inclusive se recusar a participar ou interromper sua participação em qualquer momento. Caso se sinta desconfortável com algum questionamento, pode negar-se a respondê-lo ou fazê-lo noutro momento ou local que preferir.

Sua participação na pesquisa é livre e voluntária em todo o processo. Sempre que considerar oportuno você pode entrar em contato, através do e-mail da pesquisadora gilma_guimaraes@hotmail.com e/ou com a orientadora da dissertação através do e-mail costagilcilene@gmail.com.

As informações prestadas neste estudo serão tratadas com sigilo. Os nomes dos participantes não serão divulgados em nenhuma hipótese em não havendo sua autorização. O relatório final da pesquisa, bem como a socialização dos resultados em revistas científicas, periódicos, congressos ou simpósios apresentarão os dados em seu conjunto de modo que não será possível a identificação dos entrevistados (as), se for o caso.

Li e sou consciente da natureza da pesquisa descrita neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceito participar. Para tanto assino este documento juntamente com a pesquisadora para a confirmação do compromisso assumido por ambas as partes, sendo que cada um/a deles/as ficará com uma cópia.

Cametá, ___ de _____ de _____.

Nome do/a entrevistado/a

Nome do/a pesquisador/a

**APÊNDICE B - Cronograma das ações realizadas na Sala de Leitura
Clarice Lispector nos anos 2016/2017**

AÇÕES	DIA DA SEMANA
✓ RECITAL DE CLARICE LISPECTOR E MANOEL DE BARROS; ✓ HORA DO CONTO; ✓ DINAMICA EXPRESSÃO /CRIAÇÃO LITERÁRIA.	SEGUNDAS-FEIRAS
✓ CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS; ✓ RECITAL;	QUARTAS-FEIRAS
✓ CINE CLARICE (2016) ✓ CINE LITERARIO (2017)	QUINTAS-FEIRAS
✓ RODA DE CONVERSA	SEXTAS-FEIRAS

**PROGRAMAÇÃO DO CINE CLARICE
TODAS AS QUINTAS - FEIRAS – 2016**

DOCUMENTÁRIO /CURTAS	DIA DA SEMANA/MES
✓ A HORA DA ESTRELA	19/08
✓ FELICIDADE CLANDESTINA	26/08
✓ CURTA EU TE AMO	15/09
✓ PANORAMA COM CLARICE LISPECTOR 1	22/09
✓ PANORAMA COM CLARICE LISPECTOR 2	29/09
✓ ENTREVISTA COM CLARICE LISPECTOR 1	20/10
✓ ENTREVISTA COM CLARICE LISPECTOR 2	27/10
✓ CURTA PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM	10/11
✓ PROFISSÃO REPORTER – CLARICE LISPECTOR	17/11

**PROGRAMAÇÃO DO CINE LITERÁRIO
TODAS AS QUINTAS- FEIRAS – 2017**

DOCUMENTÁRIO /CURTAS	DIA DA SEMANA/MES
✓ ENTREVISTA COM CLARICE LISPECTOR	28/09
✓ SÓ 10% É MENTIRA	19/10
✓ MANOEL DE BARROS E A ARTE DE ENCONTRAR POESIA NO SILÊNCIO.	26/10
✓ FELIZ ANIVERSÁRIO	09/11
✓ UMA GALINHA	16/11
✓ O TRIUNFO	23/11
✓ SOU UMA PERGUNTA	30/11

APÊNDICE C - Obras de Clarice que foram compradas

ROMANCES
01. A CIDADE SITIADA (1949)
02. A MAÇA NO ESCURO (1961)
03. A PAIXÃO SEGUNDO G.H. (1964)
04. AGUA VIVA (1973)
05. O LUSTRE (1946)
06. PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM (1943)
07. UM SOPRO DE VIDA – PULSAÇÕES (1978)
08. UMA APRENDIZAGEM OU LIVRO DOS PRAZERES (1969)
NOVELA
09. A HORA DA ESTRELA (1977)
CONTOS
10. A BELA E A FERA (1979)
11. A LEGIÃO ESTRANGEIRA (1964) (2 EXEMPLARES)
12. A VIA CRUCIS DO CORPO (1974)
13. CLARICE NA CABECEIRA (CONTOS)
14. CLARICE NA CABECEIRA (JORNALISMO)
15. CLARICE NA CABECEIRA (ROMANCE)
16. FELICIDADE CLANDESTINA (1971)
17. LAÇOS DE FAMÍLIA (1960)
18. ONDE ESTIVESTES DE NOITE? (1974)
19. TODOS OS CONTOS
20. CLARICE LISPECTOR TODOS OS CONTOS
CRÔNICAS
21. A DESCOBERTA DO MUNDO (1984)
22. DE AMOR E AMIZADE, CRONICAS PARA JOVENS
23. DE ESCRITA DE VIDA, CRÔNICAS PARA JOVENS
24. PARA NÃO ESQUECER (1978)
25. APRENDENDO A VIVER
LITERATURA INFANTIL
26. A MULHER QUE MATOU OS PEIXES (1968)
27. A VÍTIMA ÍNTIMA DE LAURA (1974) O
28. O MISTERIO DO COELHO PENSAnte (1967)
29. QUASE DE VERDADE (1978)
30. AS PALAVRAS DE CLARICE LISPECTOR
31. O TEMPO DE CLARICE LISPECTOR

APÊNDICE D - Obras de Clarice emprestadas 2016 e 2017

Nº	ALUNO	OBRA	TURMA
1.	ADRIETE	A CIDADE SITIADA	M3TR02
2.	ANA PALOMA LEÃO DE SIQUEIRA	CONTO O TRIUNFO	M2TR01
3.	ANDREIA	A BELA E A FERA	M1TR01
4.	ANGELICA GONÇALVES	A MAÇA NO ESCURO	M1TR01
5.	ARLETE LOPES GONZAGA	CRÔNICAS PARA JOVENS DE ESCRITA DE VIDA	M1TR01
6.	CAMILY FURTADO	VIA CRUCIS	M3TR01
7.	CAROLINA DE AQUINO	A PAIXÃO SEGUNDO G.H. A VIA CRUCIS DO CORPO	M2TR01
8.	CAROLINE BRAGA	CLARICE NA CABECEIRA (JORNALISMO)	M1TR01
9.	CASSIANE LOBO	FELICIDADE CLANDESTINA AGUA VIVA	M2TRO1
10.	CLEIA PRESTES COSTAS	A HORA DA ESTRELA A VIA CRUCIS DO CORPO	M2TR01
11.	CRISTIANE GOMES	CONTO MAIS VAI CHOVER	M2TR01
12.	DANIELA	ONDE ESTIVESTES DE NOITE?	M3TR02
13.	DEISIANE	UM SOPRO DE VIDA	M3TR02
14.	EDUARDA MOREIRA	CRÔNICAS PARA JOVENS DE AMOR E AMIZADE O MISTÉRIO DO COELHO PENSAnte	M2TR01
15.	FABIANE PEREIRA	PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM	M2TR01
16.	FABÍOLA ALBUQUERQUE	A MULHER QUE MATOU OS PEIXES	M2MR02
17.	GABRIEL OLAIO	LAÇOS DE FAMILIA	M2TR01
18.	GABRIEL OLAIO	CONTO FELIZ ANIVERSÁRIO	M3TR02
19.	GRABRIELA DUARTE BORGES	A HORA DA ESTRELA	M2TR02
20.	JACIELY LOBATO	PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM	M2TR02
21.	JAMILY ANDRADE	CONTO O PRIMEIRO BEIJO	
22.	JOSIELY PANTOJA	CRONICAS PARA JOVENS DE AMOR E AMIZADE	M2TR02
23.	JULIANA	UMA APRENDIZAGEM OU LIVRO DOS PRAZERES	M3TR02
24.	KARINA GARCIA	O LUSTRE	M3TR01
25.	KELIANE CORREIA SOARES	FELICIDADE CLANDESTINA	M2TR02
26.	LARA FABIAN GUEDES	COMO NASCERAM AS ESTRELAS	M2TR01
27.	MAIRLY	CLARICE NA CABECEIRA	M1TR01

		(ROMANCE)	
28.	MARINA FERREIRA FARIAS	O MISTÉRIO DO COELHO PENSANTE A VIDA INTIMA DE LAURA	M1MRO2
29.	NORMA JULIANA	A DESCOBERTA DO MUNDO	M2TR02
30.	NAIARA QUARESMA	CONTO O OVO E A GALINHA	M3MR01
31.	PÂMELA FURTADO	PARA NÃO ESQUECER	M2TR02
32.	PAMELA HELENA	LAÇOS DE FAMÍLIA	M3TR02
33.	ROSA WILMA	CONTO OBSESSÃO	M3TR02
34.	SARA WANNE FERREIRA	APRENDENDO A VIVER	M1MR01
35.	VIVIANE VANZELER LEÃO	CONTO PRAÇA MAUÁ	M3TR02
36.	WILLIAM BONNY CHAGAS	CONTO MISS ALGRAVE	M3TR02

ANEXO A – Ofício à Escola Simão Jatene



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/ CAMETÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA
MESTRADO ACADÊMICO

Ofício N° 001/2016-PPGEDUCCametá, 17 de fevereiro de 2016.

Da: Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura –
PPGEDUC/CUNTINS/UFPA

Para: Direção da Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene
Sra. Rita, de Cássia

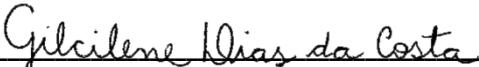
Prezada Diretora,

Em virtude da aprovação da mestranda **GILMA GUIMARÃES LISBOA** para o Curso de Mestrado Acadêmico em Educação e Cultura do PPGEDUC/CUNTINS/UFPA – turma 2016, **vimos solicitar à direção desta escola**, da qual a mestranda faz parte do quadro funcional, **a continuidade do funcionamento da Sala de Leitura “Clarice Lispector”**, outrora coordenada por esta professora, **a fim de que a mesma possa desenvolver sua pesquisa de mestrado no período de 2016 a 2018** relacionada ao contexto desta escola.

Neste período, **a mestranda poderá atuar na condição de pesquisadora e colaboradora na sala de leitura**, visando o levantamento de materiais de pesquisa que venham a contribuir para o aprimoramento da atividade de leitura no âmbito desta escola.

Na certeza de podermos contar com este importante apoio, agradecemos.

Atenciosamente,



Prof^a. Dr.^a Gilcilene Dias da Costa

Vice Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura do Campus
Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA
Port. N° 0707/2015 – Reitor

ANEXO B – Folder da semana Clariceana/2016

PROGRAMAÇÃO

01/12

- Cantinho da Leitura (manhã e tarde);
- Café literário com o professor e escritor Haroldo Barros. (convidado)
- Mediadora: Gilma Guimarães UFPA;
- Curta: Perto do Coração Selvagem.

05/12

- Roda de conversa sobre leitura e experiência de leitura - Mediadora: Gilcilene Costa (UFPA).
- Exposição do Jornal Simão News - Especial Clarice Lispector.

06/12

- Apresentação da peça teatral: Hora da Estrela - Mediadora: Maria Cleane Almeida (UFPA).
- Declamações de poesias Clariceana. (MITR01)
- Contação de história - Luís Fernando Muniz;
- Dinâmica de perguntas e respostas sobre as obras de Clarice Lispector

07/12

- Apresentação da peça teatral: Hora da Estrela e Felicidade Clandestina;
- Declamações de poesias Clariceana;
- Leitura de Contos de Clarice. - Mediadora Fabiola Igreja.

ORGANIZAÇÃO

Profª Gilcilene Costa.
(UFPA)

Profª. Gilma Lisboa.
(UFPA)

Profª. Fabíola Igreja.
(UFPA)

Maria Cleane Almeida.
(UFPA)

Prof. Manuel Junior.
(Tec. em Educação)

Estudantes da EEEM Abraão
Simão Jatene.

O HABITAR POÉTICO DA LEITURA: EXPERIÊNCIAS DE LEITURAS LITERÁRIAS NA “SALA DE LEITURA CLARICE LISPECTOR”



Data: 01, 05, 06 e 07 de dez. de 2016.

Local: E.E.E.M. Abraão Simão
Jatene.

O HABITAR POÉTICO DA LEITURA LITERÁRIA: HORA DE CLARICE

APRESENTAÇÃO

No campo literário é notória a singularidade dos escritos de Clarice Lispector (1922-1970) – escritora ucraniana radicada e naturalizada no Brasil desde a tenra infância na cidade de Recife-PE. Contudo, se por um lado, a notoriedade de sua obra é visível no universo literário, por outro, suas interfaces com os meios escolares e acadêmicos não se fazem notar em seu valor poético e formativo em face das exigências mercadológicas de avaliação e dos limites ou enquadramentos em escolas/correntes literárias. Desse modo, os textos literários que circulam em atividades de leitura escolar quase sempre aparecem desconectados da experiência de fruição da leitura havendo, com isso, poucos estudos que perpassam os dramas existenciais e da linguagem na obra de Lispector.

Na Escola Estadual de Ensino Médio Simão Abraão Jatene, situada na cidade de Cameté-PA, a homenagem ao legado literário de Clarice Lispector se fez por meio da criação de um espaço de leitura intitulado “Sala de Leitura Clarice Lispector”, como forma de fomentar a formação de leitores na escola para além do domínio cognitivo ou curricular das disciplinas.

OBJETIVO

Promover o encontro dos alunos frequentadores da sala de leitura “Clarice Lispector” com diversas faces da escritora Clarice Lispector por meio de leituras e releitura de suas obras, documentários, entrevistas, filmes, pinturas em paredes, peças teatrais, cotação de histórias, performances entre outros.

PÚBLICO-ALVO

Discentes da Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene e convidados.

JUSTIFICATIVA

Partindo do reconhecimento e da importância da leitura de obras literárias em ambientes escolares, para além de sua função instrumental preparatória para avaliações, tal ação tem a finalidade de potencializar o acesso e incentivo à leitura de textos literários clariceanos no espaço escolar; Fomentar o hábito da leitura de textos literários no ambiente da escola. Nesse ínterim, procederemos a atividades na tentativa de perceber possibilidades de leitura que ressaltem o valor poético e formativo da literatura clariceana para a vida escolar e intersubjetiva desses leitores.



ANEXO C – Folder da semana literária/2017

PROGRAMAÇÃO

11/12 (TARDE: 14h-18h)

- Apresentação Musical (14h)
- Abertura do evento: Um pouco de Clarice e Maneco - nas veredas do pesquisar. (14h30)
- Teatro baseado no conto “Feliz aniversário” de Clarice Lispector.
- Dinâmica com pinturas de Clarice Lispector e outros artistas.
- Contação de histórias.
- Performance Clariceana a partir do texto “Sou uma pergunta”.

12/12 (MANHÃ E TARDE)

- **MANHÃ:** Apresentações de “Feliz Aniversário” e “Sou uma pergunta”.
- **TARDE:** Performance baseada no conto da autora, “O Triunfo”.
- Apresentação de performance com base nos textos do poeta Manoel de Barros.
- Contação de estórias (Profª Angela Vasconcelos — UFPA)

13/12

- Performance literária “Um Jardim”
- Peça teatral adaptada do livro infantil de Clarice, “A vida íntima de Laura”.
- Performances Poéticas com alunos da Universidade Federal do Pará.
- Cine Literário

ORGANIZAÇÃO

Profª Drª Gilcilene Costa.
(UFPA)

Profª. Gilma Lisboa.
(UFPA)

Ademilson Filocreão
(UFPA)

Jônatas Farias
(UFPA)

Fernando Muniz.
(UFPA)

Prof. Inês
(Simão Jatene)

Estudantes da EEEM Abraão
Simão Jatene.

VIVÊNCIAS POÉTICAS NA SALA DE LEITURA: É PRECISO CORAGEM PARA DESINVENTAR PALAVRAS



Data: 11, 12 e 13 de dez. de 2017.

Local: E.E.E.M. Abraão Simão
Jatene.

VIVÊNCIAS LITERÁRIAS NA SALA DE LEITURA

APRESENTAÇÃO

No campo literário, Clarice Lispector e Manoel de Barros são escritores extremamente importantes, que até hoje influenciam as novas gerações de artistas. A primeira veio da ucrânia “carregada”, disse que só pôs os pés em solo brasileiro. O segundo tem como inspiração o pantanal, a infância e o desimportante.

Entretanto, quando vamos reposicionar o olhar para o viés escolar e acadêmico, tais autores aparecem como mera ferramenta de obtenção de nota, cercados por formas presas que banalizam o real sentido de seus trabalhos poéticos. Tanto Clarice quanto Manoel e os demais artistas querem que seu legado ultrapasse todo o lugar-comum.

Dessa maneira, muitas vezes é difícil para o aluno conectar o que aprende com sua realidade de vida, de modo que possa, mais que aprender determinado escritor, vivenciá-lo.

Na Escola Estadual de Ensino Médio Simão Abraão Jatene, situada na cidade de Cameté-PA, a homenagem ao legado literário de Clarice Lispector e Manoel de Barros se fez por meio da vivência poética em um espaço de leitura intitulado “Sala de Leitura Clarice Lispector”, como forma de estimular a formação de leitores na escola para além do domínio utilitarista das disciplinas.

OBJETIVO

Promover o encontro dos alunos frequentadores da sala de leitura “Clarice Lispector” com diversas faces da escritora Clarice Lispector e do poeta Manoel de Barros por meio de leituras e releitura de suas obras, documentários, entrevistas, filmes, peças teatrais, contação de histórias, performances entre outros.

PÚBLICO-ALVO

Discentes da Escola Estadual de Ensino Médio Abraão Simão Jatene e convidados.

JUSTIFICATIVA

Partindo do reconhecimento e da importância da leitura de obras literárias em ambientes escolares, para além de sua função instrumental preparatória para avaliações, tal ação tem a finalidade de potencializar o acesso e incentivo à leitura de textos literários clariceanos e manuelescos no espaço escolar; Fomentar o hábito da leitura de textos literários no ambiente da escola. Destarte, procederemos a atividades na tentativa de perceber possibilidades de leitura que ressaltem o valor poético e formativo da literatura clariceana para a vida escolar e intersubjetiva desses leitores.



ANEXO D – Carta de anuência para autorização de pesquisa

CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Ilm^a Sr.^a Diretora da Escola Estadual de Ensino Médio Abrão Simão Jatene.

Atte. RITA DE CÁSSIA SOUZA DO CARMO.

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada **Das mãos de Clarice: O desabrochar das experiências literárias na Sala de Leitura Clarice Lispector**. A ser realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Abrão Simão Jatene pela mestranda **Gilma Guimarães Lisboa**, sob orientação da Professora Doutora Gilcilene Dias da Costa, vinculado/a à/ao PPGEDUC da Universidade Federal do Pará (UFPA). O trabalho tem por objetivo analisar experiências de leitura literária com jovens frequentadores da Sala de Leitura Clarice Lispector da Escola Estadual de Ensino Médio Simão Abraão Jatene, ressaltando o valor poético e formativo da literatura clariceana para a vida escolar e intersubjetiva desses leitores. Necessitando, portanto, ter acesso ao espaço da Sala de Leitura bem como ter contato com os discentes e docentes desta unidade de ensino.

Ao mesmo tempo, pedimos **autorização de Vossa Senhoria** para a publicação dos resultados da pesquisa que realizar-se-á no período dos segundos semestres dos anos de 2016 e 2017. Assim como vosso **consentimento** para a utilização de imagens e depoimentos dos docentes e discentes que colaborarão voluntariamente com a pesquisa e a **permissão** para a divulgação desses resultados. As informações prestadas neste estudo serão tratadas com sigilo, conforme termo de consentimento livre que será assinado pelo participante, a

Assim os nomes dos participantes não serão divulgados em nenhuma hipótese em não havendo sua autorização. O relatório final da pesquisa, bem como a socialização dos resultados em revistas científicas, periódicos, congressos ou simpósios apresentarão os dados em seu conjunto de modo que não será possível a identificação dos entrevistados (as), se for o caso.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Direção, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários. Sempre que considerar oportuno você pode entrar em contato, através do e-mail da pesquisadora gilma_guimaraes@hotmail.com e/ou com a orientadora da dissertação através do e-mail costagilcilene@gmail.com.

Cametá, 01 de Agosto de 2016.


GILMA GUIMARÃES LISBOA

Pesquisador(a) Responsável pelo Projeto

Concordamos com a solicitação Não concordamos com a solicitação



RITA DE CÁSSIA SOUZA DO CARMO
Diretora da EEEM ABRAÃO SIMÃO JATENE

Rita de Cássia Souza do Carmo
DIRETORA
Port. 15105/12
Mat. 5842489/2